

O NOVO VELHO

Colégio Pedro II

Extensão na Educação Básica

Alda Maria Coimbra
Martha Yvonne de Almeida
Marcia Martins
Adriana Maria Freitas
Organizadoras

8



O NOVO VELHO

Colégio Pedro II

Extensão na Educação Básica

Alda Maria Coimbra
Martha Yvonne de Almeida
Marcia Martins
Adriana Maria Freitas
Organizadoras

8



Extensão na Educação Básica

Editor da Coleção

Francisco Roberto Pinto Mattos

Organizadores

Alda Maria Coimbra,

Martha Yvonne de Almeida,

Marcia Martins e

Adriana Maria Freitas

Todos os direitos de publicação reservados. Os textos assinados, tanto no que diz respeito à linguagem como ao conteúdo e à normalização, são de inteira responsabilidade dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião do Colégio Pedro II. É permitido citar parte dos textos sem autorização prévia, desde que seja identificada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei n.º 9.610/1998) é crime estabelecido pelo Código Penal.

CATALOGAÇÃO NA FONTE

E96 Extensão educação básica / Editor da coleção: Francisco Roberto Pinto Mattos; Organizadora: Alda Maria Coimbra... [et al]. - Rio de Janeiro: Colégio Pedro II, 2017.

138 p. – (Coleção O novo velho Colégio Pedro II ; 8).

ISBN: 978-85-64285-44-6 (obra completa)

ISBN: 978-85-64285-52-1 (volume 8)

1. Educação básica. 2. Extensão. 3. Inclusão social. I. Mattos, Francisco Roberto Pinto. II. Coimbra, Alda Maria. III. Colégio Pedro II. IV. Título.

CDD: 370

Ficha catalográfica elaborada pela equipe da Biblioteca Professora Silvia Becher.

Sumário

Apresentação	7
OSCAR HALAC	
Introdução	9
Livro Criativo e Extensão: experiência com idosos no programa “Colégio Pedro II Aberto à Terceira Idade”	13
SUSANA VÍCTOR DA COSTA E BORIS RODRIGUES GARAY	
O ensino de Literaturas Africanas: ressignificando a formação docente em busca do respeito às diversidades	25
ANA CRISTINA COUTINHO VIEGAS E DANIELA RAMOS VIEIRA	
Os mais novos <i>Soldados da Ciência</i> e o ensino de espanhol no Colégio Pedro II: um relato de experiência no <i>Campus Duque de Caxias</i>	35
LUZIANA DE MAGALHÃES CATTÁ PRETA	
Colégio Pedro II Aberto à Terceira Idade: informática para a terceira idade	47
WALMIR AMOEDO DO NASCIMENTO	
Linhas, Laços e Tramas na Terceira Idade	61
MÔNICA DE MENDONÇA E SICA MARTINS AGUIAR	
Educação alimentar e nutricional na escola: uma experiência de cooperação	77
FERNANDA BRITTO E THAÍS BARRETO ESTRELLA	

Curso Aprender a Aprender: reflexões sobre a extensão como interface entre o ensino, a pesquisa e a formação docente 91

MARCELLE RESENDE MOREIRA E ÍTALO DOS SANTOS ROCHA E MARLA LOBÔSCO PINTO

Direito a ser idoso 107

MAYCON FRANCISCO MARAFIGO

O sistema de bibliotecas no novo velho Colégio Pedro II: breve histórico e ações de gestão para atender os anseios da comunidade escolar 121

MÁRCIA FEIJÃO DE FIGUEIREDO

Os Autores 135

Índice Remissivo 137

Apresentação

Em 1979 foi realizado o 1º Encontro Pedagógico com o objetivo de prospectar sugestões do corpo docente para a elaboração do Plano Geral de Ensino (PGE) da instituição. Dois anos após, o documento é lançado com o prefácio intitulado “O Novo Velho Colégio Pedro II”. No texto, o Diretor Geral, Professor Tito Urbano da Silveira, afirmava buscar “ajustar a tradição centenária do Colégio Pedro II, densa de cultura e humanismo, aos tempos novos e ao mundo em processo de mudança”.

Em 1987, no ano do Sesquicentenário do Colégio, o PGE teve seu prefácio assinado pelo Secretário de Ensino, Professor Wilson Choeri. Sob o título “O Futuro Velho Colégio Pedro II”, o documento buscava estruturar uma nova postura didático-pedagógica e preparar os alunos para o milênio vindouro. Havia no texto uma forte referência à tradição do Colégio Padrão e à nossa vocação para criar inovações na Educação Brasileira.

O potente diálogo entre os dois indefectíveis gestores, por meio dos prefácios dos Planos Gerais de Ensino, demonstra a incontestável habilidade do Colégio Pedro II em lidar com o passado, o presente e o futuro. Como dizia Wilson Choeri “a gestão é um exercício de visão sincrônica e diacrônica”.

Ao lançar a Coleção “O Novo Velho Colégio Pedro II” assumimos nosso lugar no debate atemporal acerca do lugar de vanguarda do Colégio Pedro II na Educação Brasileira, apresentando as memórias recentes e inovações produzidas em nosso cotidiano escolar nos últimos anos.

Sob esta perspectiva, o presente volume da Coleção relata experiências que integram ensino e pesquisa de modo interdisciplinar, realizadas por meio de atividades educativas, culturais ou científicas, permanentes ou temporárias, voltadas a questões sociais relevantes. Estas ações têm viabilizado a troca de saberes e o repensar das ações institucionais.

Outubro/2017
OSCAR HALAC

Introdução

Ao instituir a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, a Lei nº 11.892/2008 definiu a extensão como um dos objetivos dos Institutos Federais. Entendida como uma atividade fim, a extensão é um espaço de conexão das atividades acadêmicas com as demandas sociais.

Aprofundando os vínculos existentes entre o Colégio Pedro II e a sociedade, a Extensão promove ações que permitem a construção e o fortalecimento da cidadania por meio do atendimento de diferentes demandas sociais. A busca de soluções para problemas reais promove tanto o diálogo entre diferentes disciplinas quanto a aplicação prática de conteúdos teóricos obtidos em sala de aula. Esta troca se enriquece com os saberes populares presentes nos grupos atendidos.

Dessa forma, o trabalho extensionista estimula a interdisciplinaridade, a transdisciplinaridade e a contextualização por meio de atividades e ações que contribuem para a construção de um projeto societário que pavimentam um caminho de inclusão social e formação cidadã.

Os artigos apresentados nesta coletânea seguem eixos temáticos presentes no Plano Nacional de Extensão, a saber: Saúde, Educação, Direitos Humanos e Justiça, Tecnologia, Cultura e Comunicação.

O artigo *Livro Criativo e Extensão: Experiência com idosos no programa “Colégio Pedro II Aberto à Terceira Idade”*, de Costa e Garay, aborda a Extensão na Educação Básica, sobretudo voltada para a terceira idade, por meio do Livro Criativo, que é uma atividade gráfica para idosos, utilizando a linguagem visual como recurso para o participante observar e refletir sobre o seu relacionamento com a cultura ao redor.

O trabalho *O ensino de Literaturas Africanas: ressignificando a formação docente em busca do respeito às diversidades* de Viegas e Vieira, é resultado das atividades do curso sobre Literaturas Africanas ministrado por meio da Diretoria de Extensão, no ano de 2016. Durante os encontros, buscou-se intensa reflexão sobre o papel do docente na valorização de identidades culturais africanas no contexto escolar, culminando com as considerações a respeito das culturas africanas presentes em território brasileiro e sua legitimação por meio das respectivas literaturas.

No artigo *Os mais novos Soldados da Ciência e o ensino de espanhol no Colégio Pedro II: um relato de experiência no Campus Duque de Caxias*, Catta Preta apresenta um curso de Espanhol desenhado especialmente para a terceira idade. Os resultados indicam uma experiência exitosa e revelam a contribuição da aprendizagem de uma língua estrangeira para a integração social dos idosos cursantes.

No trabalho intitulado *Colégio Pedro II Aberto à Terceira Idade: Informática para a terceira idade*, Nascimento descreve um projeto cujo público alvo é composto por idosos. A proposta de inclusão digital dos participantes por meio do uso de tecnologia auxilia na interação social e, por extensão, no aumento da autoestima dos cursistas.

No artigo *Linhas, laços e tramas na terceira idade*, Aguiar compartilha reflexões e experiências proporcionadas pelo trabalho desenvolvido na Oficina de Artes, que integra o programa “Colégio Pedro II Aberto à Terceira Idade”, realizado no *Campus São Cristóvão*, em 2015. O texto destaca a necessidade de ampliar estudos e experiências em educação na terceira idade e ressignificar o lugar da escola, abrindo espaços de convivência do idoso com outros idosos e com diferentes grupos, mediatizados pelo conhecimento e pela diversidade cultural. As diversas atividades recuperadas pela autora revelam que o projeto resgata o lugar da arte na vida e na escola, em qualquer etapa da vida humana.

O texto *Educação alimentar e nutricional na escola: uma experiência de cooperação* de Britto e Estrella, foi produzido a partir das ações desenvolvidas ao longo do ano de 2016 no Programa Alimentação Saudável desenvolvido pela Diretoria de Extensão do Colégio Pedro II com instituições parceiras. O Programa, realizado com turmas da Educação Básica em escolas do município do Rio de Janeiro, apresentou atividades que abordaram de forma lúdica o conceito de alimentação saudável e seus benefícios, visando a diminuir o consumo de alimentos industrializados e melhorar a qualidade da alimentação dos alunos atendidos.

O artigo *Curso Aprender a Aprender: reflexões sobre a extensão como interface entre o ensino, a pesquisa e a formação docente* de Moreira, Rocha e Pinto traz a análise de um curso de formação continuada para docentes da Educação Básica e profissionais da área de Educação. Os resultados da pesquisa-ação realizada revelam a importante contribuição de atividades de extensão para a articulação entre ensino e pesquisa e para o aperfeiçoamento da prática docente.

O texto *Direito a ser idoso* de Marafigo, trata da ação de socialização realizada através do Programa de Extensão “Colégio Pedro II aberto à Terceira Idade”, resgatando conceitos e ponderações sobre o envelhecimento, sobre o processo de inversão da pirâmide etária no Brasil e as principais fontes de proteção ao idoso no direito brasileiro.

No artigo intitulado *O sistema de bibliotecas no novo velho Colégio Pedro II: breve histórico e ações de gestão para atender os anseios da comunidade escolar*, Figueiredo apresenta o Sistema de Bibliotecas do Colégio Pedro II, assim como uma reflexão acerca das ações promovidas para alcançar os objetivos institucionais e sociais. O texto ainda resgata o histórico da situação do sistema e aponta as necessidades ainda latentes para alcançar as demandas da comunidade escolar.

Sendo assim, a Diretoria de Extensão tem imensa satisfação em participar da Coletânea O Novo Velho Colégio Pedro II apresentando o fazer extensionista como estratégia para o desenvolvimento territorial sustentável e cidadão.

Livro Criativo e Extensão: experiência com idosos no programa “Colégio Pedro II Aberto à Terceira Idade”

1

SUSANA VICTOR DA COSTA E BORIS RODRIGUES GARAY

Resumo: O presente texto tem como objetivo abordar a Extensão na Educação Básica, sobretudo voltada para a terceira idade, por meio de uma atividade gráfica para idosos, intitulada Livro Criativo, sendo esta uma oficina que utiliza a linguagem visual como recurso para o participante observar e refletir sobre o seu relacionamento com a cultura ao redor (pessoas, lugares, objetos, acontecimentos, atividades, leituras etc). A experiência com idosos vem demonstrando que a atividade colabora para promover melhorias em sua qualidade de vida, podendo reforçar ou ampliar o interesse por uma participação mais ativa em seu meio. Este artigo apresenta a atividade, descrevendo momentos da experiência, que faz parte do Programa “Colégio Pedro II Aberto à Terceira Idade”, que considera a formação continuada como algo essencial para o progresso nas condições de vida do idoso.

Palavras-chave: Extensão. Criatividade. Cultura visual. Diário Gráfico. Idoso.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo visa demonstrar, especificamente por um trabalho denominado Livro Criativo, a importância da Extensão no Colégio Pedro II no que tange à interação com os idosos.

Sendo uma tradicional instituição de ensino público federal, localizada no estado do Rio de Janeiro, o Colégio Pedro II tem como missão promover a educação de excelência, pública, gratuita e laica, por meio da indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão, formando pessoas capazes de intervir de forma adequada e consciente na sociedade. Desse modo, uma de suas finalidades é desenvolver projetos e programas de extensão e de divulgação social, científica e cultural.

A extensão, como processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político (PROGRAMA..., 2016), promove a interação transformadora entre o estabelecimento de ensino e a sociedade, propiciando o empoderamento desta, com a inclusão social em variadas dimensões. Representada por projetos e programas, a extensão, ao atender às demandas de grande parte da população, também possibilita uma troca de experiências entre a instituição de ensino e a comunidade. Nesta, encontramos um segmento que, por sua faixa etária, merece atenção especial, o da terceira idade. Para atender a esse público, foi criado no ano de 2015, o Programa “Colégio Pedro II Aberto à Terceira Idade”, o qual considera a formação continuada como um item fundamental para a qualidade de vida do idoso. Com caráter multidisciplinar e integrado a atividades de ensino, este programa de extensão é composto por cursos e oficinas, dentre as quais, a oficina do Livro Criativo.

2 APRESENTAÇÃO

Desde a pré-história o ser humano se interessa por imagens. Elas sempre estiveram presentes nos rituais, nos símbolos, nas artes, nas vestimentas e nos artefatos que o homem produz provocando impressões, emoções e também fazendo-o refletir sobre a sua cultura (ARNHEIN, 1971; FLUSSER, 2007; FRUTIGER, 2001).

Principalmente a partir do século XX, com o desenvolvimento industrial e tecnológico, as imagens passaram a circular no mundo de tal forma que hoje vivemos imersos em uma cultura visual (CAMPOS, 2013). Atualmente, todos se relacionam com imagens, mas a maioria de forma passiva (sem manipular os elementos visuais). No entanto, devido à presença maciça de imagens no cotidiano, a linguagem visual se torna acessível a grupos diversos e pode ser utilizada como um amplo recurso para reflexão, sensibilização, interação e relacionamento dos indivíduos com o seu meio.

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 Explorando a cultura

“Livro Criativo” é uma oficina que utiliza a linguagem visual de forma ativa, em que os participantes manipulam e se expressam criativamente com elementos visuais. Observar atentamente o que ocorre ao redor, selecionar o que faz sentido, interagir, trocar experiências e criar com elementos significativos pode ampliar a visão de mundo e reforçar o vínculo com a cultura circundante.

A partir de percepções e reflexões sobre as próprias vivências, os participantes vão interagindo, registrando e explorando a vida de forma cada vez mais criativa. Com

relação aos idosos, por terem uma maior tendência ao isolamento, a atividade pode servir para resgatar ou ampliar o contato com as coisas que façam sentido no mundo ao redor e, assim, proporcionar alguma melhoria na qualidade de vida.

Vários autores (HERNÁNDEZ, 2013; AGUIRRE, 2011) têm realizado pesquisas mostrando como a cultura visual interfere no comportamento das pessoas na atualidade. De acordo com Hernández (2013), a pesquisa com e sobre imagens:

[...] possibilita construir projetos apaixonantes para que todos com suas diferenças e posições diversas encontrem seu lugar para aprender com sentido e construir experiências de saber que lhes permitam não somente interpretar o mundo, mas também atuar nele.

A linguagem visual, por ser mais subjetiva do que a linguagem textual (escrita ou oral) tem uma amplitude maior e pode ser trabalhada em vários níveis, do simples ao complexo. Essa característica é importante para o trabalho com idosos, visto que esse é um grupo heterogêneo. Isso porque as rápidas mudanças culturais nas últimas décadas atingiram a população de idosos de forma variada. Questões como a entrada da mulher no mercado de trabalho, educação continuada de adultos e acesso à tecnologia (computadores, internet) não foram acessíveis a todos e, quando o foram, ocorreram em níveis muito variados.

3.2 Um diário... gráfico

No “Livro Criativo”, as composições visuais são realizadas em uma encadernação artesanal confeccionada pelo próprio participante. Esse modelo de livro para registros visuais geralmente é conhecido como *sketchbook* (livro de esboços), mas também pode ser chamado de diário gráfico, *carnet de voyage* em francês e, ainda, diário de viagem, livro de memórias e livro de artista.

A opção por esse suporte foi inspirada nos *sketchbooks* de artistas, tais como Leonardo da Vinci, Van Gogh, Frida Kahlo entre muitos outros que sempre utilizaram diários gráficos portáteis para registrar suas ideias e sentimentos, fazer desenhos de observação e explorar os elementos visuais com maior liberdade por meio de esboços. Com o tempo, os *sketchbooks* foram se difundindo para outras áreas. Hoje é uma atividade realizada por qualquer um que tenha interesse em se expressar por meio da linguagem visual e, inclusive, vários profissionais vêm utilizando os diários gráficos como recurso pedagógico (ALMEIDA, 2010; JESUS, 2012; KUSCHNIR, 2012; PESSOA, 2012).

Também a possibilidade de se criar uma espécie de “livro” em suas várias etapas com as próprias mãos torna a experiência muito envolvente, visto que há séculos o

livro é o principal objeto de acumulação da memória da humanidade (FERNANDES, 2013), sendo um símbolo tradicional de cultura, memória, identidade e conhecimento. Fazer a encadernação de forma personalizada aumenta o valor afetivo com o suporte onde são realizadas as composições e gera comprometimento com a atividade.

3.3 A participação “ativa”

A participação “ativa” (e não passiva, como quando se está presente, mas não há envolvimento) desde a encadernação torna a experiência com o Livro Criativo muito marcante.

Segundo Manzini (2008), a ideia geral de bem-estar na atualidade foi calcada na minimização do envolvimento pessoal (cada vez adquirir mais bens de consumo - produtos ou serviços - que já realizam quase tudo por nós, minimizando a participação, a criatividade e o esforço pessoal do indivíduo dentro do seu contexto). Mas, essa ideia não é totalmente satisfatória e pode, inclusive, gerar certa apatia pela vida.

Ao contrário, o prazer de viver também está relacionado com a atividade, principalmente quando existe o desejo de se realizar algo com sentido e que agrade, segundo as preferências pessoais. E, nesse caso, adquirir novos conhecimentos e habilidades para solucionar criativamente e com liberdade os desafios que estão ao nosso alcance pode ser estimulante e trazer felicidade (CSIKSZENTMIHALYI, 1999). Dessa maneira, a participação faz com que algumas atividades cotidianas adquiram mais sentido e os momentos possam ser vividos com mais intensidade e qualidade.

4 MATERIAIS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A aula é dividida em quatro partes: (1) observação de um tema com apresentação de exemplos visuais, (2) reflexão em grupo, (3) criação de uma composição visual no livro e (4) apresentação dos trabalhos e comentários.

Em cada aula sempre é levado um tema para reflexão, são mostrados exemplos visuais e dicas de composição visual. Os participantes são incentivados a dar opiniões sobre o assunto e a trocarem experiências de vida. Após reunir vários dados, todos fazem um registro visual no seu Livro Criativo sobre a vivência. As criações são realizadas enfatizando a linguagem visual e são feitas com colagens (recortes de revistas e jornais, fotografias pessoais, imagens de folhetos, embalagens, mapas, cartões postais etc), desenho, pintura e escrita. Segundo Csikszentmihalyi (1999), desenvolver uma habilidade de que gostamos e ter um desafio claro a superar, usando essas habilidades, pode fazer o indivíduo ter experiências de vida mais plenas geradas

pela sincronia entre sentir, desejar, pensar e são esses momentos que tornam a vida realmente significativa, promovendo bem-estar.

A exploração criativa é incentivada na oficina. Vários materiais artísticos utilizados são adaptados, tendo em vista tornar a atividade mais acessível e mostrar aos participantes que objetos simples do dia a dia podem, por meio da criatividade, ser reaproveitados com novos usos. Isso também torna a atividade artística mais acessível a pessoas com menor poder aquisitivo e ameniza a dependência no recurso material (depende de algo de muito valor para começar a agir) para centrá-lo mais nas pessoas e nas suas atitudes (agir criativamente para construir algo de valor).

Devido a isso, junto aos materiais artísticos tradicionais (pincel, lápis de cor, canetas, tesoura, cola, papeis), também podem ser encontrados materiais como colher de pau e talheres para substituir dobradeira de papel e fazer vincos; embalagem de ovos em vez de godê para tintas; corantes de anilina comestível no lugar de tintas (as anilinas também são boas por não serem tóxicas); base para corte de carne/legumes em vez de base especial para corte, vinco e furação de papeis; restos de materiais diversos para criar texturas e carimbos (papelão, isopor, esponjas, plásticos, escovas, panos, palha de aço).

5 DESENVOLVENDO A ATIVIDADE

5.1 Preparando o terreno para criar

Foram duas oficinas com o total de 16 horas/aula cada (encontros de duas horas, uma vez por semana), uma no segundo semestre de 2015 e outra no primeiro semestre de 2016. Alguns participantes fizeram a oficina duas vezes.

As oficinas foram ministradas por três profissionais, na época todos colaboradores do Centro de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento, Cepe/IVB: Boris Garay (designer gráfico/pesquisador), Patrícia Fernandes (psicóloga) e Helena Rawet (terapeuta ocupacional).

5.2 Mãos à obra

No primeiro encontro das duas oficinas, foi realizada a apresentação da atividade com um breve histórico sobre *sketchbooks* e em seguida cada participante confeccionou o seu próprio livro artesanal.

Na explanação, foram mostrados vários exemplos de composições visuais feitas em *sketchbooks*, antigas e atuais. No Livro Criativo, o envolvimento com o processo criativo é mais importante do que o resultado final e, por isso, o fato do *sketchbook* geralmente ser utilizado para fazer esboços, como o próprio nome sugere, foi enfatizado. Isso reduz a

ansiedade que alguns participantes idosos possam ter pensando, equivocadamente, que os seus registros visuais precisem ser realizados com perfeição.

Na segunda aula, foi feito o primeiro registro visual. Essa experiência serviu para os participantes inaugurarem o livro refletindo sobre si mesmos, mas observando também as reflexões dos outros.

Para estimular os participantes a pensarem e a registrarem algo sobre si mesmos, foi sugerido fazer um trabalho representando as próprias mãos. No início todos falaram sobre o que acham interessante de se fazer com as mãos e no decorrer da aula foram mostradas e discutidas várias imagens relacionadas com ações feitas com as mãos, desde imagens de arte rupestre, de ações práticas (escrever, fazer comida, arrumar a casa) até ações simbólicas (gesto, reza, sinal). Após reunirem vários dados os participantes ainda manipularam algumas revistas para ver se poderiam aproveitar alguma imagem ou ideia para a sua composição.

Ao final da aula, o trabalho serviu para as pessoas se apresentarem para a turma, mostrando o seu registro visual e comentando o seu processo de criação.

5.3 Combinação

A combinação é uma forma de exercitar e desenvolver a criatividade (MONTENEGRO, 1987; BARRETO, 1997). Reunir vários dados e elementos relacionados a um assunto para depois combiná-los é uma maneira de gerar alternativas variadas e muitas vezes surpreendentes sobre um determinado tema. Essa técnica criativa é um dos procedimentos da metodologia de design e é um recurso muito utilizado na oficina do Livro Criativo para gerar ideias.

Logo no início da oficina, para realizar uma primeira vivência nesse processo foi sugerido criar alternativas para o nome do livro que todos estavam começando a fazer e depois criar uma composição com os nomes preferidos.

A partir de cada palavra que compõe o nome da oficina, “Livro” e “Criativo”, foram formadas duas colunas e os participantes foram associando palavras que pudessem ser substituídas. Por exemplo, com relação à “Livro”: caderno, diário, almanaque, páginas, relatos, registros... e com relação à palavra “Criativo”: inspirado, iluminado, aberto, visual, imaginário, de ideias, de descobertas.

Quando conseguiram juntar mais de dez palavras em cada coluna foi sugerido aos participantes formarem nomes associando livremente as palavras das duas colunas como, por exemplo, “Caderno iluminado”, “Relatos inspirados” etc. Depois fizeram uma composição visual com os nomes mais interessantes complementando com desenho, pintura e imagens de revistas.

5.4 Cores

A cor é um dos elementos visuais mais expressivos e, por si só, provoca sensações diversas nos indivíduos. Mesmo sem nenhum estudo mais aprofundado sobre cor, mas movido pelas sensações que as cores provocam em vários contextos, o ser humano naturalmente faz combinações e seleções de cores. Por exemplo, nas roupas que veste, na decoração de interiores, nos objetos de uso pessoal e até nos alimentos.

As cores podem servir para sugerir algumas coisas que associamos naturalmente a elas, certas percepções são mais universais e outras mais particulares (depende da cultura e da experiência de vida de cada um). É comum em nossa cultura as pessoas associarem o vermelho à vida, amor, paixão, raiva, perigo, sangue, mas alguém que teve uma experiência marcante com essa cor pode associá-la a alguma dessas coisas especificamente ou a outra coisa qualquer. Por exemplo, um casaco vermelho muito utilizado em uma viagem especial pode fazer a cor vermelha remeter àquela viagem. Essa característica das cores foi explorada em várias atividades para fazer os participantes refletirem sobre a vida e suas experiências.

Foram realizadas atividades para os participantes conhecerem as cores primárias e entenderem as combinações que geram as cores secundárias. Cada cor primária e secundária foi observada individualmente para todos trocarem opiniões e reflexões sobre o que cada cor pode sugerir, tanto de forma geral quanto individual. O emprego das cores foi observado e analisado em obras de arte e imagens da cultura visual, peças de design gráfico e publicidade.

As cores serviram como uma referência para reflexão, troca de experiências e expressão individual sobre várias atividades que as pessoas gostam de fazer, tanto de forma individual quanto em grupo, em casa ou fora de casa, no inverno (cores frias) ou no verão (cores quentes), durante o dia ou à noite.

5.5 Formas básicas

As formas geométricas básicas são o círculo, o quadrado e o triângulo. Essas formas e os traçados das suas linhas são a base para todas as outras formas da natureza e da imaginação humana (DONDIS, 1997). Com relação à linha, Dondis (1997) relata que ela “pode assumir formas diversas para expressar uma grande variedade de estados de espírito”. Mais adiante relaciona linha e forma: “a linha articula a complexidade da forma”.

De maneira semelhante ao que foi comentado sobre as cores, as linhas e formas foram utilizadas para refletir e registrar experiências pessoais. Observando as três formas básicas os participantes puderam perceber como elas aparecem em obras de

arte, peças de design gráfico e publicidade. Após trocarem ideias sobre a percepção e simbologia das formas os participantes fizeram registros inspirados em suas vivências e trocas de experiências.

5.6 Entrevista visual

A interação é um dos pontos fortes da atividade presencial. Em uma das aulas, foi realizado um registro, batizado de “entrevista visual”. Os participantes gostam de trocar experiências de vida e afetos e essa aula é um ponto forte.

No início da aula, foi realizada uma apresentação do gênero “retrato”, mostrando obras de arte famosas desse gênero no decorrer da história da arte. A apresentação serviu para se verificar como as pinturas, de forma geral, foram passando de um estilo mais figurativo para outro mais expressivo. Também foi ensinada uma forma simplificada para se desenhar um rosto.

Na parte prática, os participantes formaram duplas e cada um fez uma pequena entrevista com o outro, enquanto se desenhavam. No final, cada um apresentou o outro para a turma mostrando o desenho e falando coisas que descobriram sobre o seu parceiro. Por exemplo: nome, atividade que gosta de fazer, comida preferida, como ficou sabendo do curso de extensão, uma música marcante etc.

Foi um momento interessante para conhecer melhor os colegas, descobrir afinidades e guardar uma lembrança significativa no Livro Criativo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da oficina os participantes preencheram boa parte dos seus livros com composições visuais que registraram seus interesses, preferências, experiências e reflexões pessoais. O Livro Criativo é um registro afetivo que pode ser guardado de lembrança e resgatado em algum momento futuro para novas reflexões.

Foi observado que alguns fizeram trabalhos por conta própria complementando o livro em casa. Durante todo o curso os participantes se mostraram muito motivados para realizar os trabalhos e compartilhar suas experiências e percepções.

A oficina é programada para ser finalizada com uma confraternização, chamada de “Varal Literário”, em que os livros são expostos em um varal e cada participante pode apresentá-los comentando a sua experiência criativa.

Essa foi uma maravilhosa experiência com os idosos e um grande incentivo para eles. Por meio do Programa “Colégio Pedro II Aberto à Terceira Idade”, a Extensão da Instituição demonstrou o quanto é importante o convívio com a comunidade,

sobretudo com essa parcela tão especial e, por vezes, esquecida da sociedade, contribuindo com o seu desenvolvimento, provocando transformações e conquistas, levando a uma melhor qualidade de vida da pessoa idosa.

REFERÊNCIAS

AGUIRRE, Imanol. Cultura visual, política da estética e educação emancipadora. MARTINS, R; TOURINHO, I. (Org.). **Educação da cultura visual**: conceitos e contextos. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2011. p. 69-111

ALMEIDA, Inês. O livro de artista enquanto ferramenta pedagógica. **Revista Estúdio**. Artistas sobre outras obras. Lisboa, 2010. v. 3, n. 6, jul./dez. 2012, p. 143-148. Disponível em: <<http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/7669/2/In%C3%AAs%20Leonor%20Costa%20Almeida.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2014.

ARNHEIM, Rudolf. **El pensamiento visual**. Buenos Aires: EUDEBA, 1971.

BARRETO, Roberto Menna. **Criatividade no trabalho e na vida**. São Paulo: Summus Editora, 1997.

CAMPOS, Ricardo. Imagem e tecnologias visuais em pesquisa social: tendências e desafios. Martins, Raimundo e Tourinho, Irene (orgs.). **Processos de prática e pesquisa em cultura visual e educação**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

CENTRO INTERNACIONAL DE LONGEVIDADE (2015). **Envelhecimento ativo**: um marco político em resposta à revolução da longevidade. Rio de Janeiro, 2015.

COLÉGIO PEDRO II. **Carta de serviços ao cidadão**. Ago. 2016. Disponível em: <https://www.cp2.g12.br/images/carta_servicos_assinada.pdf>. Acesso em: 22 set. 2016.

CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. **A descoberta do fluxo**: a psicologia do envolvimento com a vida cotidiana. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

DONDIS, A. Donis. **Sintaxe da linguagem visual**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FERNANDES, Amaury. Livro, objeto de memória. Dohmann, Marcus (org.). **A experiência material**: a cultura do objeto. Rio de Janeiro: Rio Books, 2013.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado**: por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac Naif, 2007.

FRUTIGER, Adrian. **Sinais & Símbolos**. Desenho, projeto e significado. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

HERNÁNDEZ, Fernando. Pesquisar com imagens, pesquisar sobre imagens: revelar aquilo que permanece invisível nas pedagogias da cultura visual. MARTINS, R; TOURINHO, I. (Org.). **Processos e práticas de pesquisa em cultura visual e educação**. Santa Maria. Ed. da UFSM, 2013.

JESUS, Joaquim. **O diário gráfico como des(envolvimento) e cultura visual**. **Revista Imaginar** n. 54. Porto: Edições APECV – Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual, 2012. p. 31-39. Disponível em: <<http://apecv.pt/revista/Imaginar54.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

KUSCHNIR, Karina. **Desenhando cidades**. Sociologia e antropologia 02(04): 295-314, 2012. Disponível em: <http://revistappgsa.ifcs.ufrj.br/pdfs/ano2-v2n4_registro_karina-kuschnir.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2014.

MANZINI, Ezio. **Design para a inovação social e sustentabilidade**. Comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Edital Proext 2016** - Programa de apoio à extensão universitária MEC/SESu. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=17188-proext-01-2016-edital&category_slug=marco-2015-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 22 set. 2016.

MONTENEGRO, Gildo A. **A invenção do projeto**. São Paulo: Edgard Blücher, 1987.

PESSOA, Maria de Lurdes. O diário gráfico, um recurso didático. **Revista Imaginar** n. 54. Porto: Edições APECV – Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual, 2012. p. 81-91. Disponível em: <<http://apecv.pt/revista/Imaginar54.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

SILVA, Abel Alexandre Dourado da. **O desenho sobre cadernos**: o caderno gráfico. 2013. 152 p. Dissertação de mestrado. Universidade de Lisboa. Lisboa, Portugal. Disponível em: <<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/9393>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

O ensino de Literaturas Africanas: ressignificando a formação docente em busca do respeito às diversidades

2

ANA CRISTINA COUTINHO VIEGAS E DANIELA RAMOS VIEIRA

Resumo: O presente artigo deriva do curso de extensão intitulado: *Literaturas Africanas: aproximações culturais que legitimam identidades*, que foi ministrado no Colégio Pedro II, *Campus* São Cristóvão. Destinado a professores da Educação Básica e estudantes da área do magistério, o curso procurou incentivar a pesquisa e a reflexão necessárias a ação docente respeitosa, responsável e inclusiva, voltada às literaturas africanas em língua portuguesa. Em nossos encontros promovemos um clima colaborativo de aprendizagem, compartilhando reflexões sobre as leituras teóricas e construindo estratégias e atividades para uma efetiva aplicação da Lei 10639/03. Com isso, procuramos fomentar um trabalho pedagógico que dê voz às produções literárias negras, ainda pouco valorizadas no meio escolar.

Palavras-chave: Pesquisa. Reflexão. Ação. Literaturas Africanas.

1 INTRODUÇÃO

É lugar comum falar sobre a importância da formação docente antes e durante a atuação do professor no magistério. No entanto, cabe ressaltar que para alguns o ofício de professor encontra-se separado do ofício de pesquisador, como se o “chão da escola” afastasse o mesmo profissional da pesquisa acadêmica. Por considerar que a pesquisa é algo intrínseco à docência, desenvolvemos um projeto de extensão semipresencial para o Colégio Pedro II, no qual os docentes pudessem ser desafiados a repensar sua prática através da pesquisa-reflexão-ação, movimentos importantes para se criarem estratégias de aprendizagem que atendam às demandas do século XXI.

Das infinitas possibilidades que entendemos como um desafio para a escola neste século, focalizamos em nosso projeto o estudo das Literaturas Africanas em

língua portuguesa. Essa escolha deu-se, entre outras razões, por observarmos no nosso percurso de docência as dificuldades que ainda persistem para se abordar em sala de aula produções literárias das culturas citadas, dificuldades essas que passam desde questões histórico-culturais ao número ainda inexpressivo de livros sobre essas literaturas negras em bibliotecas e livrarias do Rio de Janeiro, e, apesar de no meio virtual encontrarmos alguns títulos disponíveis para baixar de forma gratuita, em PDF, temos que considerar algum nível de dificuldade em trazer para a sala de aula esse recurso, sobretudo em escolas da rede pública.

Enfrentando esses desafios e outros inerentes ao processo, iniciamos estratégias configuradas em um curso de extensão intitulado *Literaturas Africanas: aproximações culturais que legitimam identidades*, no qual buscamos conciliar o estudo com as demandas pessoais e profissionais de docentes e estudantes de diferentes áreas do magistério. Organizamos nossos encontros de forma presencial e à distância, em ambiente virtual utilizando a plataforma Moodle, totalizando desse modo 80 horas de curso. Nesses espaços proporcionamos o contato desse público com obras literárias produzidas por escritores negros assim como apresentamos embasamento teórico para auxiliar na reflexão sobre o negro no contexto político-cultural.

Paralelamente à apresentação das obras e de sugestões de procedimentos para trabalhá-las em sala de aula, o curso tinha o propósito de levar o docente a refletir sobre sua prática e assumir seu papel de pesquisador como condição para desenvolver um trabalho consciente de respeito às diversidades que convivem na escola.

2 INICIANDO A PESQUISA

Essa pesquisa teve início no Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica do Colégio Pedro II. Concluído o curso de Mestrado, recebemos o convite para compartilhar parte dessa pesquisa com outros professores de escolas públicas durante o curso de extensão do qual estamos tratando no presente artigo.

Para o primeiro encontro presencial do referido curso, foi elaborada uma dinâmica de apresentação que pudesse contribuir tanto para a integração do grupo quanto para reflexão a respeito da tentativa de apagamento da cultura negra, corroborando dessa forma a importância de se levar para a escola uma visão positiva de seu legado cultural. Foi solicitado aos participantes que escrevessem em uma folha de papel um aspecto físico e um comportamento provenientes de um membro de sua família, e um comportamento proveniente exclusivamente de si próprio, sem se identificarem, em seguida solicitamos a todos que dobrassem o papel; depositassem o mesmo em uma

caixa e, posteriormente, cada um por vez retirasse um papel que não deveria ser o seu próprio; falasse o próprio nome e em seguida lesse em voz alta o conteúdo.

Concluídas as leituras e apresentações, todos rasgariam o papel que retiraram da caixa, nesse momento, como já era previsto, um estranhamento ficou refletido na fisionomia dos participantes. Seguimos com a reflexão sobre o sentido da dinâmica, cujo objetivo era experimentar, “sentir na pele” o que foi feito historicamente com os componentes culturais negros africanos aqui no Brasil. Pelo fato desses resquícios ainda ecoarem em nossa sociedade, faz-se necessário romper os paradigmas preconceituosos no espaço escolar, através de um trabalho pedagógico comprometido com a valorização das identidades culturais representadas nas literaturas negras.

Identidades e subjetividades são conceitos abstratos que permeiam a vida do ser humano e, por serem inerentes ao humano, não podem ser ignorados no espaço escolar. A construção de uma identidade bem como a vivência das subjetividades sofre influências do meio, o **eu** “envolve os pensamentos e as emoções conscientes e inconscientes que constituem nossas concepções sobre quem somos” (WOODWARD *apud* SILVA, 2008, p. 55), esses pensamentos e essas emoções configuram nossa **subjetividade**, e “nós vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e na qual adotamos uma identidade” (WOODWARD *apud* SILVA, 2008, p. 55). A partir dessa noção, conduzimos nossa pesquisa com o apoio de referenciais teóricos que se debruçaram sobre tais proposições. Iniciamos com Stuart Hall, Franz Fanon e Kabengele Munanga, suas contribuições trazem o diferencial de proporcionar o conhecimento nesse campo do saber pela voz do próprio negro. Diferente de algumas teorias europeias brancas que, mesmo tendo o seu valor, ocupam um distanciamento se compararmos suas palavras com as de quem “experimentou na pele” as consequências posteriores ao período de escravidão ao qual os negros foram submetidos e que, por consequência, modificou a construção de suas identidades; “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”. (HALL, 2011, p. 7). Em seus estudos Hall chama atenção para as possibilidades de novas articulações no complexo campo das identidades culturais, de modo a superar a forma pela qual foram desarticulados da diáspora decorrente das colonizações.

Fanon complementa essa mesma ótica problematizando, num primeiro momento, a presença de uma cultura que se considera hegemônica e que, pela imposição de uma língua, conseguiu de forma subjetiva estabelecer seu domínio: “Falar é estar em condições de empregar uma certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou qual língua, mas é sobretudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização” (FANON, 2008, p. 33).

Finalizando essas questões, apresentamos Munanga (2004, p. 174). Para esse autor:

[...] o processo de construção da identidade nasce a partir da tomada de consciência das diferenças entre nós e outros, não creio que o grau dessa consciência seja idêntico entre todos os negros, considerando que todos vivem em contexto socioculturais diferenciados.

Nosso *corpus* literário foi composto de narrativas africanas, em sua maioria recontadas por autores brasileiros: *Meu avô africano*, *Histórias da Cazumbinha*, *Lili a rainha das escolhas*, *Que jogo é esse?*, *Uma escuridão bonita*, *Ombela: a origem das chuvas*, *O casamento da princesa*, *Os ibejis e o carnaval*.

Com esse repertório conduzimos nossa proposta, com vistas a proporcionar o contato de nosso público-alvo com produções literárias negras, e dessa forma incentivá-los a desenvolver um trabalho pedagógico voltado para a identificação dos discentes com as culturas africanas através de sua literatura.

2.1 Estudos Literários na Educação Básica

Uma das discussões em pauta no início do nosso trabalho centrou-se na forma pela qual os estudos literários na educação básica vêm sendo conduzidos, passando também pelo conceito de letramento para a compreensão da função social de tal estudo. Em linhas gerais, o termo “letramento” emerge no fim do século XX, à medida que se tornou necessário um estudo para incluir outras possibilidades que o termo alfabetização “ação de ensinar/aprender a ler e a escrever” (SOARES, 2010, p. 47) não abrangia. Ao longo do tempo, várias ações foram realizadas para a erradicação do analfabetismo, entretanto, notou-se que o domínio do código não era suficiente para que o indivíduo pudesse envolver-se plenamente em práticas de uso, sobretudo social, da língua. Surgiu assim a necessidade de investigar tal fenômeno e se chegou ao conceito de letramento: “estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita” (SOARES, 2010, p.47). Partindo de pesquisas provenientes da Linguística, o termo passou a ser empregado também no campo dos estudos literários.

Sobre o termo literário, é lugar comum associá-lo apenas a textos escritos, provavelmente devido à força simbólica de sua etimologia: “liter AL, -ário, -ato, -atura LETRA¹”, fato que acaba desconsiderando outras formas de sua manifestação.

1 CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico* Nova Fronteira da língua portuguesa; assistentes: Cláudio Mello Sobrinho... [et. al.] Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Partindo da definição proposta por Antonio Candido (2004, p. 174):

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis de produção escrita das grandes civilizações.

O termo “grandes civilizações” deixa transparecer um olhar eurocêntrico que valoriza povos cuja manifestação literária alcançou a escrita e gêneros considerados mais rebuscados. Nesse sentido, abrimos um parêntese para ressaltar o cuidado que se faz necessário ao abordar determinados gêneros, como as lendas, visto que essas produções, no senso comum, são consideradas manifestações populares desprovidas de valor artístico. No entanto, é importante destacar que o autor as reconhece como não menos literárias que os demais gêneros qualificados como mais complexos. De acordo com essa proposição, a literatura é reconhecida como um símbolo que perpassa as manifestações culturais intrínsecas à humanidade, não se restringindo apenas a produções escritas, mas a variadas formas de representações ficcionais, poéticas ou dramáticas. Acrescentando os mitos às narrativas apontadas por Candido, é possível ainda verificar uma ligação entre as crenças e a organização social de grupos permeadas pela arte literária, isso porque desde as primeiras “civilizações” a busca por respostas a incógnitas concernentes à existência não se realizou, num primeiro momento, no campo da ciência, mas na simbologia de narrativas orais:

O mundo “fala” ao homem e, para compreender essa linguagem, basta-lhe conhecer os mitos e decifrar os símbolos. [...] Em última análise, o Mundo se revela enquanto linguagem. Ele fala ao homem através de seu próprio modo de ser e de suas estruturas e de seus ritmos. (ELIADE, 2006, p.125)

Isso demonstra que, em seu diálogo com o mundo, foi na linguagem simbólica que o homem marcou sua presença. Interpretar a linguagem apresentada pelo mundo permitiu que sua imaginação fruisse e estabelecesse fundamentos para sua vivência e convivência junto a seus pares e à natureza. Em sua interação com o mundo, os sujeitos despertaram para uma das especificidades humanas: a arte de narrar.

Após tecer essas considerações sobre o ato de narrar suscitadas pela definição de literatura apresentada por Antonio Candido, retomamos o conceito de letramento literário, o qual, segundo Zappone, “pode ser compreendido como o conjunto de práticas sociais que usam a escrita literária, compreendida como aquela cuja especificidade maior seria seu traço de ficcionalidade” (2008, p. 53). Pensando no

espaço escolar como um lugar propício para o desenvolvimento do letramento literário, é imprescindível que os docentes estejam atentos às práticas que corroboram para a sua efetiva realização:

Um dos trabalhos ressignificados da escola e dos educadores, no século XXI, é o de criar condições para diminuir o abismo entre o processo de alfabetização e o de letramento, visando à conquista da cidadania. Formar leitores implica considerar o pensar uma atividade inseparável da existência, vivenciar a inquietação provocada pela leitura literária que pode levar ao aprendizado difícil do convívio com a incerteza, a busca pela verdade como construção capaz de conferir significados às experiências que atualizam o conceito de humanidade ou de humano. (QUELHAS, 2015, p. 46)

Retomando o aspecto social da leitura literária, resta-nos ainda observar qual exemplar de literatura ocupa, majoritariamente, o espaço escolar. É fato que os resquícios históricos da colonização marcaram profundamente a constituição sócio-política brasileira, por essa razão seus reflexos na escola são praticamente inevitáveis. Consumimos há séculos uma produção literária europeia, que foi legitimada pela instituição escolar embora não representasse fielmente nossa cultura. Com suas longínquas paisagens de castelos em meio a muita neve e com formas de organização social com as quais não nos identificávamos, essas produções garantiram seu espaço na formação e no imaginário de nossos alunos. Essas observações nos conduziram a seguinte indagação: quais produções literárias oferecemos aos nossos alunos? Zappone aponta que “[...] não são apenas os textos que pertencem a essa tradição – ocidental, eurocêntrica, masculina, branca – que podem figurar como suportes para o literário” (ZAPPONE, 2008, p. 53). Sem o intuito de criticar o trabalho docente, defendemos a noção de que é preciso oferecer aos alunos *literaturas*, com ênfase na pluralidade de mundos e culturas abarcadas por essa arte, além de um *corpus* variado como filmes, imagens, músicas, entre outras formas de linguagem. Considerando o exposto, propomos uma reflexão sobre a importância da literatura para o ser humano, justificando com isso sua relevância em ocupar o espaço escolar.

2.2 Literatura: um direito do aluno

Nos estudos de Candido (2004), tem-se a literatura observada por um viés pouco usual, entretanto muito significativo; o autor apresenta uma visão de literatura como algo indispensável conferindo-lhe o patamar de “direito humano” ao lado de outros previstos em lei, como a saúde e a alimentação por exemplo. Candido (2004, p.173)

traz à baila questões que desafiam paradigmas arraigados na educação escolar: “[...] inclusive a educação pode ser instrumento para convencer as pessoas de que o que é indispensável para uma camada social não é para outra” e ainda:

São incompressíveis certamente a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à opressão etc. e também o direito à crença, à opinião, ao lazer e, por que não, à arte e à literatura. (CANDIDO, 2004, p. 174)

Esses pressupostos apresentados pelo citado autor corroboram a relevância da aprendizagem literária na escola, assim como ratificam a importância do papel que a mesma desempenha na vida da humanidade desde as origens:

[...] a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação”. (CANDIDO, 2004, p. 174).

A aprendizagem literária, considerando sua propriedade de conectar o imaginário ao real, auxilia o homem a descobrir-se e a descobrir espaços os quais ocupa e pode vir a ocupar, constitui um campo ideal para que a noção de pertencimento a determinados grupos seja estabelecida, assim como a formação de identidades. Por essa razão a escola, como espaço de formação, precisa garantir o acesso à leitura literária dentro de seus limites, ou seja, mais que teorizar é necessário propiciar a formação do leitor do texto literário no espaço escolar como uma prática pedagógica, mas sobretudo social.

3 NOVOS ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM

Nossos encontros também ocorreram em ambiente virtual – plataforma Moodle, onde disponibilizamos leituras teóricas seguidas de pequenas atividades com intuito de conduzir o docente a reflexões sobre os caminhos teóricos, e também metodológicos, necessários para a execução de atividades aplicáveis em suas respectivas salas de aula. Com o apoio de recursos digitais, ampliamos nossa pesquisa com a exibição de vídeos, leitura de artigos e sugestões de literaturas africanas, além das trocas de experiências através de fóruns. Esse espaço foi um fio condutor imprescindível para viabilizarmos a continuidade das discussões iniciadas nos encontros presenciais, assim como uma eficaz forma de compartilhar materiais diversos de interesse em comum.

As ferramentas de tecnologia produzidas historicamente pelo homem indicam, no entanto, uma forte disposição ao progresso, apontando para

uma ampliação das perspectivas de produção de significados que possam ser estabelecidos em face dos sempre novos e diferentes contextos sociais com os quais cada sujeito venha a conviver. (CASTRO, 2007, p. 28)

Nossa “sala de aula virtual”, assim como a presencial, possibilitaram a interação e estudos do grupo à distância, favorecendo o prosseguimento da formação sem a necessidade de deslocamento para um espaço físico, otimizando o tempo sem prejuízo da aprendizagem. Além disso, a plataforma Moodle ofereceu múltiplas possibilidades de estudo, pois, além de realizar as atividades propostas, foi possível compartilhar novas descobertas que no momento presencial os limites materiais não permitiam.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término dessa etapa de nosso projeto, conseguimos perceber a importância de ter iniciado uma proposta capaz de estimular e conciliar a pesquisa e a ação, conduzindo docentes a sistematizar sua prática alimentando-se de teoria para realizar um trabalho pedagógico respaldado em um sólido conhecimento sobre os aspectos culturais envolvidos na produção das literaturas negras.

Apesar de existir um pequeno grupo de professores que tiveram uma frequência baixa de acessos e efetiva participação na plataforma Moodle, e das dificuldades apontadas por outros em aplicar os conhecimentos desenvolvidos no curso em suas respectivas escolas, quase sempre pelo mesmo motivo, isto é, a não aceitação de um trabalho voltado para as culturas africanas, consideramos ter atingido grande parte de nossos objetivos, pois demos um importante passo nesse caminho complexo, capaz de provocar a ruptura de paradigmas eurocêntricos historicamente estabelecidos em nossa sociedade.

Permitir-se reconhecer e valorizar a história do outro, e a sua própria história, é um caminho valioso para estabelecer o respeito mútuo.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Carmen Lucia. **Meu avô africano**. São Paulo: Panda Books, 2010.

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 4ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

CASTRO, A. F. Tecnologia e professores: redimensionando a formação. Revista Babilônia, v. 4, 2012, p.25.

CAZUMBÁ, Meire & BORDAS, Marie Ange. **Histórias da Cazumbinha**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**– 11. ed. – Rio de Janeiro: DP& A, 2011.

LUCINDA, Elisa, **Lili a rainha das escolhas**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

MUNANGA. **Negritude: usos e sentidos** - 3. ed. - Coleção Cultura Negra e Identidades Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

NOGUERA, Renato. **Que jogo é esse?** Rio de Janeiro: Hexis, 2012.

ONDJAKI. **Uma escuridão bonita**. 1.ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

_____. **Ombela: a origem das chuvas**. Rio de Janeiro: Pallas Mini, 2014.

QUELHAS, Iza in WILSON, Victoria & MORAIS, Jaqueline de Fátima dos Santos (orgs.) **Leitura, escrita e ensino: discutindo a formação de leitores**. São Paulo: Summus, 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) HALL, Stuart. WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SISTO, Celso. **O casamento da princesa**. São Paulo: Prumo, 2009.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 4.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

THEODORO, Helena. **Os ibejis e o carnaval**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

ZAPPONE, Mirian H. Y. **Modelos de letramento literário e ensino da literatura: problemas e perspectivas**. Revista Teoria e Prática da Educação. v. 11, n. 1, jan/abr. 2008. p. 46-60.

Os mais novos *Soldados da Ciência* e o ensino de espanhol no Colégio Pedro II: um relato de experiência no *Campus* Duque de Caxias

3

LUZIANA DE MAGALHÃES CATTÁ PRETA

Resumo: Este artigo tem como objetivo relatar o desenvolvimento do Curso de Espanhol para a terceira idade, proporcionado pelo Colégio Pedro II, como parte das atividades de extensão idealizadas pela PROPGPEC para o *Campus* Duque de Caxias, no ano de 2016. Como apoio teórico, valho-me da noção de gêneros discursivos de Bakhtin (2003), privilegiando conteúdos e temáticas adequadas aos interesses desse novo público. O curso aponta que o idoso mostra grande interesse em aprender um novo idioma e que o olhar atento do professor é fundamental para a inclusão desses novos aprendizes. Dessa forma, os resultados parciais alcançados permitem concluir que a aprendizagem de uma língua estrangeira na terceira idade se constitui como um fator de integração social altamente benéfico para a qualidade de vida do idoso.

Palavras-chave: Terceira idade. Ensino de espanhol. Prática docente. Colégio Pedro II.

1 DESVEDANDO OS NOVOS SOLDADOS DA CIÊNCIA

“Vivemos para o estudo, Soldados da Ciência,
O livro é nosso escudo e arma a inteligência...”

Francisco Braga e Hamilton Elia

Quem é ou foi aluno do Colégio Pedro II sabe o orgulho e a emoção que se sente da Instituição ao cantar o hino do colégio. Composto pelo maestro Francisco Braga e escrito pelo aluno Hamilton Elia, o hino foi executado pela primeira vez no dia 2 de dezembro de 1937 no teatro Municipal do Rio de Janeiro por motivo da comemoração

do centenário da instituição. Já faz algum tempo, mas, ainda hoje, os alunos sentem esse mesmo orgulho ao cantá-lo, pois todos os que passam por aqui, como estudantes, se autodesignam “*Soldados da Ciência*”. O Colégio Pedro II, sempre atento às novas políticas educacionais, abriga os vários perfis de estudantes que ora aparecem. É assim que, atualmente, abre espaço para os mais novos Soldados da Ciência: a terceira idade ou, como alcunhado carinhosamente por muitos, “a melhor idade”.

Esse novo olhar para a terceira idade não aconteceu de imediato em nossa sociedade. Antes, precisou ser pensado e ratificado a título de leis e programas que respaldassem seus direitos. A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, em seu capítulo VII, já fazia menção ao idoso nos Artigos 229 e 230, elucidando que :

[...] os pais têm o dever de assistir, criar e educar os filhos menores, e os filhos maiores têm o dever de ajudar e amparar os pais na velhice, carência ou enfermidade.

A família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida (BRASIL, 1988).

No entanto, ainda foram necessárias amplas discussões até que se chegasse a uma legislação para a terceira idade. Desse modo, foi sancionada a Lei 10741 de 1º de outubro de 2003 que dispõe sobre o Estatuto do Idoso e alude em suas disposições preliminares:

Art. 1º É instituído o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos.

Art. 2º O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade.

Art. 3º É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 2003).

Veja-se que é comprometimento também do Poder Público assegurar o direito à educação do idoso. De tal modo, o Ministério da Educação (MEC) realiza, desde o ano de 2003, o Programa Brasil Alfabetizado (PBA), voltado para a alfabetização de jovens, adultos e idosos. O programa busca vencer o analfabetismo e contribuir para a universalização do ensino fundamental no Brasil. Em sua concepção, reconhece a educação como direito humano e a oferta pública da alfabetização como o princípio

para a educação e a escolarização das pessoas ao longo de toda a vida. Como uma de suas ações, tem-se o apoio técnico e financeiro aos projetos apresentados para esse público pelos estados, municípios e Distrito Federal. Portanto, é importante ponderar a forma pela qual as instituições públicas podem contribuir com ações voltadas exclusivamente para os idosos, uma vez que o aumento de número de brasileiros com mais de 60 anos vem crescendo a cada ano, de acordo com dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Este público específico sinaliza uma tendência de envelhecimento da população já observada no Censo de 2002 e se intensificou nos últimos dez anos. No Brasil, o Rio de Janeiro se destaca como uma das capitais que possui maiores proporções de idosos (IBGE, 2002). A longevidade contribui para o aumento dessa população, fazendo com que ocupem um lugar de destaque em nosso país. Não é plausível ficar de olhos fechados para esse novo perfil da sociedade brasileira.

Em vista disso, o aumento da expectativa de vida no Brasil veio a acender diversas questões para a gestão das políticas públicas, dentre as quais a demanda por instituições que promovam e incentivem o retorno da terceira idade aos ambientes escolares. Esse público específico, por sua vez, também demonstra interesse em retornar aos estudos, talvez pela necessidade de estar com outras pessoas, também pelo desejo de adquirir novos conhecimentos ou ainda pela expectativa de conhecer outros países.

O Colégio Pedro II, do mesmo modo, busca contribuir para as demandas sociais de apoio à terceira idade, pois entende que a formação continuada é um fator essencial para a qualidade de vida do idoso. Para tanto, criou o Programa CPIO Aberto à Terceira Idade, articulado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura (PROPGPEC), no qual são oferecidas atividades educativas, culturais e desportivas que visam promover sua autoestima e um envelhecimento sadio e digno. Este órgão propicia e interage com as diversas atividades oferecidas, intercambiando saberes e reavaliando as ações institucionais.

A aprendizagem de outro idioma também perpassa esse contexto. Com relação ao ensino de espanhol, o idioma proporciona o conhecimento de novas culturas e, igualmente, leva esse novo aprendiz a repensar sua forma de ver o mundo. Essa ação adequada ao ensino da terceira idade demanda a criação de cursos específicos que atendam aos anseios dessa nova fase da vida, privilegiando assuntos de seu interesse de forma afetiva e socializadora. Além disso, com o advento da aposentadoria, passa a existir, em alguns, o interesse e uma maior disponibilidade para conhecer outros países. Nesse caso, o espanhol é a língua de nossos vizinhos. Grande parte dos países que fazem fronteira com o Brasil, com exceção da Guiana, Suriname e Guiana Francesa,

tem o espanhol como língua oficial. São países próximos e, portanto, um motivo a mais para despertar o interesse dos idosos por esta língua e se familiarizarem com ela. Nesse sentido, a proximidade maior do espanhol com o nosso idioma também se configura como um dos elementos mediadores no que se refere à iniciação de conhecimentos dessa língua estrangeira com esse público.

No *Campus* Duque de Caxias, o curso de *Curso Básico de Espanhol para a Terceira Idade* teve início em maio de 2016 com aulas de 2 horas semanais, conforme previsto na Chamada Interna N° 07/2016 – PROPGPEC - Programa Colégio Pedro II Aberto à Terceira Idade. O curso tem como objetivo levar conhecimentos da língua espanhola, promovendo a socialização e a interação desses novos aprendizes entre si e com as várias culturas hispânicas a partir da exposição a diferentes gêneros discursivos (BAKHTIN, 2003). Busca-se, desse modo, mostrar que a linguagem é um fenômeno social e histórico, cuja unidade básica é o enunciado, sendo este originado em situações reais e concretas de forma a participar de uma dinâmica comunicativa. (BAKHTIN, 2003; SOUZA, 2002). Além disso, os alunos são incentivados a construir pequenos diálogos por meio dos quais poderão usufruir em uma necessidade de comunicação imediata com falantes da língua espanhola em um ambiente inicial de conversação.

2 ENSINANDO E APRENDENDO COM ELES

O curso teve início, conforme dito, no mês de maio de 2016 com quinze alunos matriculados no *Campus* Duque de Caxias. Uma vez estipulado a data de início e o horário do curso, busquei pensar de que forma poderia organizar um material didático com assuntos que atendessem aos interesses desse grupo. Neste propósito, constatei que seria inviável preparar o material impresso de uma só vez sem que antes pudesse, ao menos, apresentar-me ao grupo e questionar, com eles, o que almejavam aprender ao optar por inscrever-se em um curso de espanhol para a terceira idade.

Percebi que se trata de um grupo relativamente heterogêneo no que tange ao interesse pelo aprendizado do idioma, pois há pessoas que têm ainda muitos desejos de aprender, enquanto alguns querem apenas se distrair e outros almejam até mesmo a possibilidade de viajar para conhecer outros países ou para se encontrar com filhos que moram no exterior e, por isso, buscam uma familiaridade com o idioma. Alguns vivem sozinhos, outros ajudam os filhos no sustento da casa e nos cuidados com os netos e sentem a necessidade de fazer atividades diferentes das que praticam normalmente em seu cotidiano. Embora alguns apresentem problemas de saúde típicos da idade, notei que desejam estar naquele ambiente e pude constatar, no decorrer das aulas, que o curso lhes proporciona momentos de alegria, aprendizado e descontração. Desde

então, o conteúdo e a temática a serem escolhidos para a aula subsequente, surgem de alguma questão comentada na aula vigente, de algum tema que tenham deixado escapar e do qual gostariam de falar, comentar ou estudar.

Até o presente momento há cinco unidades didáticas preparadas, cujos temas são, respectivamente: “*Unidad 1: Es tiempo de hacer nuevos amigos...*”, “*Unidad 2: Es tiempo de conocernos mejor...*”, “*Unidad 3: Es tiempo de conocer otras culturas...*”, “*Unidad 4: Es tiempo de repensar los quehaceres...*” e “*Unidad 5: Es tiempo de hacer nuevas elecciones...*”.

A primeira unidade *Es tiempo de hacer nuevos amigos* teve como objetivo (além de ensinar as saudações, as primeiras apresentações, as despedidas, os diferentes sons na língua espanhola, enfim tópicos comuns ao primeiro momento de um curso) fazer com que percebessem a importância do ato de cumprimentar o outro, de estabelecer um contato de carinho, de troca e de amizade. A partir da apresentação que fizeram de si aos demais colegas, assistiram a um pequeno vídeo que tratava do tema em questão. Foi-nos possível, a partir de sua observação, discutir a importância desses pequenos gestos em nosso cotidiano e, também, em outras culturas que, por vezes, são diferentes às nossas. Os alunos tiveram a oportunidade, de igual maneira, de improvisar os primeiros diálogos em língua estrangeira, fato que gerou grande entusiasmo entre eles. Ao final desta primeira unidade, fizeram suas primeiras leituras, em língua espanhola, por meio de um recital de poesias, no qual cada aluno declamou pequenos poemas de autores hispano-americanos.

Figura 1- Alunos no Curso Espanhol para Terceira Idade do *Campus Duque de Caxias*



Fonte: autor (Foto tirada em maio de 2016)

Na segunda unidade, *Es tiempo de conocernos mejor*, há um aprofundamento da primeira unidade, na qual os alunos são levados a pensar sobre sua origem, profissão, sentimentos, características psicológicas, gostos, preferências e comportamentos particulares. A partir de perguntas pessoais, puderam refletir previamente sobre essas questões. Em seguida, trabalhei com o gênero “teste”, extraído de um *site* da internet¹, como entretenimento, no qual se revelariam aspectos de suas personalidades a partir da escolha da frase com que mais se identificassem. Assim, fez-se necessário observar, após a leitura do resultado dos testes, conteúdos linguísticos como o verbo “ser” indicando identidade, origem, profissão e características psicológicas, o verbo “estar” para que pudessem identificar características temporais ou se localizassem no espaço. Além desses, o verbo “tener” foi introduzido para mostrar a indicação de posse e determinados estados físicos como forma de estabelecer um contato com a linguagem escrita, uma vez que tinham que responder a determinadas perguntas. Ao final da unidade, os alunos compuseram um pequeno texto, em espanhol, a partir das perguntas respondidas e o apresentaram para a turma. Neste momento, alguns alunos do primeiro ano da Educação Básica estiveram presentes e apresentaram pequenos diálogos para apreciação dos alunos da Terceira Idade.

Na terceira unidade, *Es tiempo de conocer otras culturas*, o trabalho se volta para a o gênero *blog*, no qual o autor relata, segundo sua visão, os dez hábitos mais comuns aos espanhóis. A partir do texto intitulado “*Top 10 costumbres españolas*”², discutimos sobre nossos hábitos e fizemos uma comparação com os costumes espanhóis apresentados no texto. Foi um momento de discussão sobre determinados estereótipos, também levando a uma reflexão se tais rotinas seriam comuns a todas as pessoas de um país ou se não se tratam de ideias já pré-concebidas. O país escolhido como tema da aula – Espanha – foi definido a partir de uma conversa surgida na aula anterior e na qual demonstraram interesse em saber e conhecer mais sobre este lugar. Além disso, observamos algumas festas populares da Espanha, tais como “*La Tomatina*”, “*El Rocío*”, “*Las Fallas*”, “*Las hogueras de San Juan*” e as comparamos com as festas populares de Brasil. No desenvolvimento desse trabalho, vimos alguns itens lexicais, como os dias da semana, os meses e as estações do ano, pois estavam presentes no texto lido durante a aula. Em seguida, analisamos tiras cômicas de um famoso personagem argentino, a partir das quais discutimos sobre alguns aspectos culturais e

1 Texto disponível em: <http://ritmoromantica.pe/mundo-mujer/tests/escoge-la-frase-con-la-que-mas-te-identifiques-y-descubre-el-mensaje-que-tiene-para-ti-69021> Acesso em 18 de outubro de 2016.

2 Texto disponível em: <http://www.incoming-students.com/blogs/top10/top-10-costumbres-espanolas/> Acesso em 18 de outubro de 2016.

os estereótipos relacionados aos dias da semana. No final desta unidade, como tema introdutório para a próxima aula, exibi o vídeo da canção “*Quizás, quizás, quizás*”, do compositor cubano Osvaldo Farrés³.

A quarta unidade, *Es tiempo de repensar los quehaceres*, teve como objetivo repensar nossas atividades diárias, levando-nos a refletir sobre nossas rotinas. Parte-se do bolero “*Quizás, quizás, quizás*”, escrito pelo compositor Osvaldo Farrés⁴, com o objetivo de levá-los a pensar nas vozes que ali falam. De forma lúdica, fomos construindo a história da canção, episódio que causou grande entretenimento entre os participantes. Concluíram que há um enunciador que busca conquistar a pessoa amada e um enunciatário que sempre deixa uma dúvida no ar, fato que deixa o enunciador impaciente e aborrecido.

O contato com o gênero “canção” proporcionou momentos de nostalgia e de alegria a todos os participantes do grupo. A partir da canção, perceberam ações que sinalizavam o momento atual da fala e ações em processo no decorrer da música. De tal modo, apresentei os verbos no presente do indicativo, e a partir de então conversamos sobre nossas rotinas de vida. Questionados sobre as mudanças em seus hábitos, comentaram sobre os novos percursos trilhados e demonstraram satisfação em poder participar como alunos nessa nova etapa de suas vidas.

Figura 2 – Alunos do Curso de Espanhol para a Terceira Idade



Fonte: autor (Foto tirada em setembro de 2016)

A quinta unidade, *Es tiempo de hacer otras elecciones*, tem início com um vídeo sobre a cultura do trabalho e seu valor na sociedade. Após assisti-lo, foram discutidas

3 Disponível em: <https://www.letras.com/osvaldo-farres/184117/> Acesso em 18 de outubro de 2016.

4 Letra disponível em: <https://www.letras.com/osvaldo-farres/184117/> Acesso em 18 de outubro de 2016.

questões referentes ao assunto e a leitura que haviam feito do vídeo. Nesse ponto, falamos de diversas profissões e, a partir de um exercício elaborado, deveriam destacar, em ordem de importância, as características principais para se exercer determinada profissão. Fatores como “educação”, “responsabilidade”, “ter experiência” e “formação” sobrepuseram o quesito “ser jovem”. Os alunos, em sua maioria, inferiram que não obrigatoriamente é preciso ser jovem para desempenhar uma determinada função. Foi interessante o tema discutido em sala de aula, pois, como se trata de uma aula para a terceira idade, essas questões trazidas à tona mostraram a autoestima desses alunos, uma vez que se percebem como necessários e sentem que ainda podem realizar muitos ofícios.

Além das unidades sequenciais, aproveitei para fazer um *Quiz*, de forma lúdica, a fim de verificar, por meio das perguntas feitas, o que haviam apreendido no decorrer das aulas do primeiro semestre. Os alunos participaram, além disso, da comemoração do Dia do Idoso no dia três de outubro de 2016 no *Campus* Duque de Caxias organizado pela PROPGPEC, sob a coordenação da professora Prof.^a Martha Yvonne de Almeida. Na ocasião, os alunos apresentaram para os demais participantes do evento a canção que haviam estudado em sala de aula. Uma aluna declamou uma das poesias lidas em sala de aula e outros também haviam se preparado para participar. Esse desejo de transmissão de conhecimento deixa entrever o interesse dos alunos pelo aprendizado da língua espanhola.

Figura 3 – Alunos do Curso de Espanhol Básico para a Terceira Idade apresentando uma canção no *Campus* Duque de Caxias na comemoração do Dia do Idoso promovido pela PROPGPEC.



Fonte: autor (Foto tirada em outubro de 2016)

Essas foram as atividades desenvolvidas até o presente momento com o grupo de espanhol da Terceira Idade no *Campus* Duque de Caxias. Pude perceber que fazer do aprendizado da língua espanhola um momento lúdico e de (re)descobertas, pode

proporcionar-lhes aprendizado e, ao mesmo tempo, grande satisfação. O retorno aos bancos escolares nessa fase da vida aumenta a autoestima do idoso, além de ser um excelente passo para uma melhor qualidade de vida. Além disso, o estudo de uma língua estrangeira contribui para o aumento da autopercepção de idoso/aluno como cidadão, “de sua capacidade de se engajar e engajar outros no discurso de modo a poder agir no mundo social” (BRASIL, PCN, 1998, p.15).

3 O QUE PUDE CONSTATAR

Busquei, como professora, ao longo desse caminho, não somente reproduzir conversas da vida diária em língua espanhola, mas fazer com que interagissem e pudessem ter contato com o outro (comunidade escolar e culturas hispânicas), para que o curso pudesse ter um significado em suas vidas. Acredito, assim, que o projeto Espanhol para a Terceira Idade vem sendo extremamente positivo, pois proporciona a troca de experiências e de saberes não só com os alunos, mas também com a professora que sentiu a necessidade de registrar estes momentos compartilhados.

Embora haja certa unidade quanto à idade desses alunos, há uma heterogeneidade quanto ao nível de escolaridade, cuja variável vai do ensino fundamental até os que possuem nível superior. A turma, em sua maioria, é composta de mulheres, havendo apenas dois alunos matriculados. Parte da turma está formada por aposentados, porém há quem trabalhe ainda em atividades formais e informais.

As aulas foram algumas vezes replanejadas e repensadas a fim de contribuir, de forma mais eficaz, para a inclusão desses aprendizes ao nosso contexto educacional. Era importante que se sentissem “em casa” para que pudessem ali permanecer. Por isso, foi positivo pensar, ao iniciar como professora dessa turma, que seria inviável ter um material já pré-estabelecido para o desenvolvimento do trabalho, pois havia a necessidade de conhecê-los, primeiramente, para depois fazer um planejamento e uma organização das atividades didáticas.

Ratifiquei, ao longo do curso, o interesse de alguns quanto ao desejo de viajar e conhecer outros países, o que corroborou o interesse de prosseguirem nos estudos da língua espanhola. O trabalho com os gêneros discursivos, por sua vez, se mostrou grande aliado para a compreensão e desenvolvimento de nossas aulas, tendo em vista que promoveram o contato dos alunos com a análise do contexto, função e finalidade de discursos diversificados, estabelecendo ainda um entendimento acerca da interação entre seus diferentes interlocutores (enunciador e enunciatário).

Verifiquei que, além das temáticas abordadas, fatores como formatação do material didático, tamanho da fonte, boa visibilidade do material, figuras, também

merecem atenção especial ao serem organizados, pois contribuem para o êxito do aluno nas aulas. Outro fator que me pareceu essencial ao preparar o material foi pensar no título de cada unidade, pois queria enfatizar o momento atual de suas vidas a partir da temática abordada. Por isso, a decisão de começar os títulos das unidades sempre com *“Es tiempo de...”* para que fique claro que o que vale é o aprendizado no momento atual. Ou seja, o “agora” é o momento ideal para estarem ali, adquirindo novos saberes e conhecendo a língua espanhola. Em seguida, percebi também que chamar a atenção dos alunos ora com vídeos curtos, ora com perguntas motivadoras que pudessem levá-los a uma reflexão sobre a temática a ser abordada configurava-se em um saldo positivo para o aprendizado do idioma.

Com relação aos vídeos, há que se atentar para a qualidade sonora e a duração dos mesmos, a fim de que consigam compreendê-los, uma vez que há alunos que possuem alguma dificuldade auditiva. Até o presente momento trabalhamos gêneros discursivos diversificados, como diálogos, letras de música, entrevistas, tiras cômicas, poesias, em diferentes esferas de circulação: cotidiana, literária, midiática, imprensa, entre outras. No entanto, é preciso ressaltar que, em alguns momentos, fez-se necessário introduzir exercícios estruturais como forma de fixar o aprendizado e o uso de determinado conteúdo linguístico.

Os temas e as atividades são direcionados de forma a estimular no aluno o desejo de se comunicar em língua espanhola. Os conteúdos gramaticais e lexicais são contextualizados e inseridos nas aulas em conformidade com o interesse do grupo e com a temática abordada. As aulas valorizam também a habilidade oral e a compreensão auditiva, conforme a solicitação dos alunos.

As relações de afetividade construídas ao longo do curso contribuíram para aumentar a autoestima desses novos aprendizes, contribuindo com a sua socialização e atenuando a sensação de exclusão social que alguns possuem. Acredito que o fato de se sentirem produtivos, participantes de um grupo e aprendizes de um novo idioma, nesse caso, o espanhol, trouxe benefícios para a sua qualidade de vida. É preciso deixar registrado, de igual maneira, o quanto é bom sentir que os alunos gostam de estar naquele ambiente, que se sentem acolhidos e que, ao mesmo tempo, valorizam o trabalho do professor. Por conseguinte, a questão da autoestima envolve tanto o aluno quanto o professor que, algumas vezes, pode se sentir desprestigiado em seu trabalho diário.

Participar do Programa CPII Aberto à Terceira Idade como professora de espanhol tornou-se, para mim, uma experiência única por poder contribuir, em certa medida, com uma política de incentivo ao bem-estar do idoso. Para atender a essas novas perspectivas por meio do ensino de espanhol é preciso fazer com que estes idosos sejam capazes de se compreenderem como pessoas que ainda tem uma vida

digna e a sala de aula pode contribuir sobremaneira para essa inclusão. Nesse sentido, o papel do professor é de grande importância para a permanência e para o interesse desses alunos na escola.

É preciso, além disso, que essas políticas de ensino tenham uma continuidade, para que o idoso possa usufruir de sua cidadania de forma plena em nossa sociedade. Em vista de experiências positivas como a aqui compartilhada, ressalto a pertinência de projetos que envolvam a inclusão no processo de ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira. Que o “Novo velho Colégio Pedro II” possa continuar cada vez mais aberto a essas novas e múltiplas possibilidades de aprendizado.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. 4ª. Edição, São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1998**. Brasília, D.F.: Imprensa Nacional, 1988.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998b.

BRASIL. Ministério do Planejamento, orçamento e gestão. IBGE. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/25072002pidoso.shtm> Acesso em 18 de outubro de 2016.

BRASIL. **Estatuto do Idoso**. Lei 10741 de 1º de outubro de 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm Acesso em 18 de outubro de 2016.

COLÉGIO PEDRO II. **CPII Aberto à 3ª Idade**. Disponível em: <http://www.cp2.g12.br/blog/propgpec/extensao/3a-idade/> Acesso em 18 de outubro de 2016.

COLÉGIO PEDRO II. **Hino do Colégio Pedro II**. Disponível em: https://www.cp2.g12.br/cpii/hino_cp2.html Acesso em 18 de outubro de 2016.

SOUZA, L. M. T. M. O conflito de vozes na sala de aula. In: CORACINI, M. J. (Org.) **O jogo discursivo na aula de leitura**. 2.ed., Campinas, SP: Pontes, 2002.

Colégio Pedro II Aberto à Terceira Idade: informática para a terceira idade

4

WALMIR AMOEDO DO NASCIMENTO

Resumo: O idoso encontra dificuldades na busca de vencer o sentimento de exclusão social. Em razão disso, ele necessita que a sociedade desenvolva meios que o auxiliem a minimizar este fato. O computador oferece possibilidades, em especial com o uso dos recursos da Internet, que representam uma forma de mitigar esta situação. Daí surgiu a motivação deste projeto para inclusão digital da terceira idade com o uso da tecnologia como impulsionador da inclusão social. Este trabalho explicita as ações desenvolvidas durante o curso a partir dos relatos individuais dos idosos e como os resultados contribuíram para a autoestima e a quebra de paradigmas típicos do público participante, que pode mostrar-se capaz de utilizar a tecnologia no seu dia a dia para interagir socialmente.

Palavras-chave: Inclusão Digital. Terceira Idade. Idoso. Interação Social.

1 INTRODUÇÃO

O programa “Colégio Pedro II Aberto à Terceira Idade” proposto pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura (PROPGPEC) e efetivado através de cursos e oficinas, teve como objetivo geral promover a formação continuada como item essencial para a qualidade de vida do idoso, considerando-se as pessoas que tinham ou completaram 60 (sessenta) anos ou mais em 2015.

As atividades oferecidas pelo programa “Colégio Pedro II Aberto à Terceira Idade” foram: Curso de Espanhol, Curso de Informática, Oficina de Artes, Oficina de Poesia e Oficina de *Tai Chi Chuan*.

O objetivo deste trabalho é apresentar o desenvolvimento e os resultados relacionados à área de Tecnologia (Curso de Informática para a Terceira Idade),

cujas presença no projeto se justificou pelo fato de que, vivendo em uma sociedade informatizada, as pessoas na terceira idade, assim como os mais novos, precisam dominar ferramentas que são fundamentais para a sua inclusão na sociedade digital atual e ter acesso às fontes de informação, lazer e comunicação. O trabalho desenvolvido teve seu formato moldado, em parte, no decorrer do curso, principalmente em seu começo, por conta dos relatos das dificuldades vivenciados pelos participantes.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Análise teórica

Alguns dos principais indicadores da qualidade de vida de uma pessoa é a sua autonomia e a interação com a sociedade na qual está inserida (RODRIGUES, TERRA, 2006). A lucidez não seria tão relevante sem novos objetivos e desafios. É importante para o idoso, até mais do que gozar de uma boa saúde, sentir que tem metas, projetos, desejo de conhecer, ampliar sua cultura (BEAUVOIR, 1990). Além da prática de atividades físicas, as de lazer e as culturais servem como medida de proteção em relação ao declínio cognitivo na terceira idade (ARGIMON, 2002). No que se refere aos idosos, a aprendizagem é construída e não simplesmente memorizada, ela deve ser centrada na resolução de problemas específicos e de superação de desafios (VALENTE, 2001).

É notório que as TDIC (Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação) têm se instalado no dia a dia de todos de forma irreversível, o que influencia não só a vida empresarial como a privada. Para os jovens, portanto, nascidos nesta época digital, é extremamente simples o estabelecimento de uma relação íntima de identificação, com estas ferramentas. Contudo, os idosos têm manifestado uma dificuldade enorme em compreender e acompanhar essa nova realidade, sentindo-se imediatamente excluídos e à margem da evolução. Perdem, assim, a oportunidade de conhecer um novo mundo, com variadas possibilidades de comunicação e transformação do seu tempo em tempo de lazer, de convívio e de felicidade (PEREIRA, NEVES, 2011).

Kachar (2009) afirma que é forte o sentimento de exclusão gerado pela tecnologia em todos os âmbitos sociais, mas na terceira idade é mais um elemento dentre outros, sendo importante promover a reconquista da confiança na sua capacidade para aprender coisas novas e a renovação do seu horizonte.

Além disso, Delors (2004) enfatiza que a “alfabetização informática” é cada vez mais necessária para se chegar a uma verdadeira compreensão do real. Ela constitui, assim, uma via privilegiada de acesso à autonomia, levando cada um a comportar-se em sociedade como um indivíduo livre e esclarecido.

Nesse sentido, o idoso que participa de um projeto de aprendizagem em informática sentirá o desejo de conhecer, cada vez mais, a ferramenta computador e suas possibilidades, navegar no mundo digital desperta o desejo de conhecer e interagir com próprio mundo em que vive (ARGIMON, 2002). A inclusão digital valoriza e estimula a participação dos idosos nos diferentes meios sociais, propiciando aspectos relevantes para fortalecer o sentimento de constituírem-se enquanto cidadãos ativos (PAQUALOTTI, 2004). Dessa forma, podemos deduzir que propor oportunidades para as pessoas da terceira idade se alfabetizarem digitalmente é fundamental.

Contudo, Kachar (2003) aponta a necessidade da estruturação dessas propostas de acordo com as necessidades do idoso concernentes ao processo cognitivo, atendendo ao ritmo mais lento, aos recursos que se tornam mais limitados e às deficiências sensoriais que acometem a velhice. A autora também comenta a identificação feita por uma pesquisa sobre algumas estratégias que auxiliam a superar essas dificuldades:

- Sequência de etapas gradativas de aprendizagem;
- mais tempo para a execução das tarefas e repetição delas;
- auxílio na medida da necessidade;
- obediência ao próprio ritmo;
- frequentes paradas;
- classes pequenas;
- preparação de material de apoio com caracteres grandes e fortes.

Auxiliar os idosos na utilização das TDICs, segundo Siony Silva, beneficia-os, tornando-os atualizados, críticos, reflexivos e questionadores, além de fortalecer também a sua autoestima, cognição e memória. Com isso, toda a sociedade é beneficiada (SILVA, 2008).

Esse conjunto de informações justificou a inclusão do Curso de Informática no programa “Colégio Pedro II Aberto à Terceira Idade”.

2.2 Detalhes do curso realizado no Colégio Pedro II

O curso Informática para a Terceira Idade foi ministrado no complexo de São Cristóvão do Colégio Pedro II, no período de agosto a novembro de 2015, com aulas em dois dias da semana. Cada dia de aula teve duração de 60 minutos, totalizando 30 horas de curso, carga considerada necessária para apresentação das ferramentas básicas para inclusão digital.

A frequência e duração das aulas foram definidas de modo a equilibrar a necessidade do contato semanal necessário com o assunto sem cansar o público alvo com esforços diários prolongados de concentração e de atividades.

O curso foi realizado integralmente em laboratório de informática da PROPGPEC, que possuía quinze computadores. Como objetivava-se o uso individual do computador, esse foi o número máximo de alunos por turma, o que também permitiu ao professor dar atenção individual a cada um, quando necessário.

Para atender aos objetivos já citados na introdução, o conteúdo do curso foi definido para um público sem nenhum ou pouco conhecimento anterior em informática, dando-lhe, assim, oportunidade de inclusão digital. A experiência docente na área tecnológica do comitê organizador do projeto também contribuiu para a seleção desses conteúdos.

Conteúdo do Curso de Informática:

I. Elementos de um Sistema Computacional.

- a. Informática
- b. Computador e Periféricos (Acessórios)
- c. Hardware e Software
- d. Arquivos, Documentos e Dados
- e. Principais Tipos de Computador Pessoal
- f. Principais Componentes de um Computador Pessoal
- g. Impressoras e Outros Dispositivos (Periféricos)
- h. Como Ligar e Desligar Corretamente o Computador

II. Sistema Operacional – Microsoft Windows

- a. Reconhecer elementos da Área de Trabalho (*Desktop*)
- b. Trabalhar com Janelas

- c. Usar o Mouse e o Teclado
- d. Identificar e Trabalhar com Arquivos e Pastas
- e. Usar Corretamente um PENDRIVE
- f. Facilitar o Uso do Computador (Acessibilidade)

III. Internet

- a. Visão Geral – Para que serve a Internet
- b. Navegação na Internet e uso de Site de Busca (Fazer Pesquisa)
- c. Acessibilidade no Navegador
- d. Criação de uma Caixa Postal (Endereço de E-mail – Correio Eletrônico)
- e. Bate Papo online

IV. Uso do WhatsApp

2.3 Diagnóstico das necessidades e dificuldades do público participante

Foi importante constatar, logo no primeiro dia de aula, no momento da apresentação de cada aluno, que a experiência em informática dos inscritos apontava para necessidades alinhadas aos objetivos e conteúdo do curso, voltado para a inclusão digital. Apesar do pouco ou nenhum contato com a informática, os participantes do projeto tinham consciência da importância da informática no dia a dia de cada um.

Ainda que, no momento da inscrição do curso, já tivessem indicado o interesse em fazer uso da tecnologia e as possíveis tentativas anteriores de aprender sobre as ferramentas da informática, diante desses relatos, foram incentivados a detalharem mais as dificuldades encontradas anteriormente.

Os itens frequentemente citados como causadores dessas dificuldades foram:

- O pensamento de que não são capazes de utilizarem os recursos da informática ou, como diziam, o computador.
- O pensamento de que a informática foi feita para jovens.
- A falta de ajuda quando surge alguma dificuldade. Citaram que filho(a), neto(a) e qualquer adulto mais jovem não têm paciência para explicar.

- Dificuldade em conseguir usar o computador porque outras pessoas da casa monopolizam o equipamento e eles não conseguem utilizá-lo pelo tempo suficiente e com tranquilidade para aprender.

2.4 Ações desenvolvidas durante o curso

Esses relatos ajudaram a definir os principais elementos da metodologia utilizada no curso, enumerados a seguir:

1. Dar aos participantes a confiança inicial na possibilidade de aprender. Estratégias utilizadas:

- A introdução de forma desmistificada e simples dos principais elementos de um sistema computacional. Ou seja, termos que os participantes do curso escutam através da TV, ouvem de outras pessoas, leem em jornais, por exemplo, e que muitas vezes não conhecem ou não sabem a finalidade.
- Uso de “tirinhas” ou charges com conteúdo muitas vezes específico para o público da terceira idade, objetivando eliminar a tensão inicial.
- Eliminação do receio inicial dos participantes em manusear a máquina. Para isso foi apresentado todo o procedimento correto para ligar/desligar e entrar/sair do sistema, explicando a questão usuário/senha.

2. Fazer um curso predominantemente prático, com atividades comuns do cotidiano, como, por exemplo, a transferência de imagens de um celular para o computador.

- Embora a apostila, desenvolvida para apresentar as atividades com predominância das instruções passo a passo, tenha sido um material de apoio importante para a repetição das atividades em casa, nesta experiência com a terceira idade, no momento da aula, o público manifestou preferência por uma apresentação prática feita pelo professor antes da tentativa individual de cada um.

- Tal apresentação precisava ser feita com muita calma, ainda assim, acontecia de alunos pedirem que ela fosse repetida individualmente no seu computador.
- No decorrer do curso, enquanto o professor acompanhava a realização das atividades pelos alunos, se percebesse grande dificuldade na execução de alguma tarefa, a repetição individual era feita antes mesmo que o aluno solicitasse, evitando assim, qualquer constrangimento.
- Em caso de pequenas dúvidas, a grande maioria dos alunos não tinha constrangimento para solicitar ajuda.

3. Oferecer aos participantes do curso um tratamento diferenciado e o mais pessoal possível quanto às dúvidas surgidas de forma explícita ou através da observação do professor.

- As explicações foram repetidas tantas vezes quanto necessário. A demonstração de paciência foi estratégia importante para que não revivessem no curso as dificuldades vivenciadas anteriormente.
- Sempre que necessário, para evitar que um mesmo aluno monopolizasse a atenção por longo período e prejudicasse os demais, a repetição da explicação era feita em momentos diferentes da aula e, sempre que possível, variando a apresentação do conteúdo relativo à dúvida.
- Jamais foram aceitas afirmações do tipo “isso eu não vou conseguir”, “deixa pra lá professor”.

4. Priorizar a fixação dos conteúdos em relação à quantidade de matéria apresentada. Foi identificado no público da terceira idade maior necessidade de repetição, conforme eles mesmos relataram de forma indireta.

- Foi fundamental iniciar cada aula repetindo a principal atividade prática relativa ao conteúdo abordado na aula anterior.
- As principais atividades foram repetidas em diversas aulas posteriores.

- Em caso de dificuldades, a apresentação de um novo conteúdo era adiada para a aula seguinte. Para evitar impacto no cumprimento do conteúdo foi necessário acrescentar duas aulas ao curso.
- Esse processo de repetição e revisão foi rapidamente identificado e muito bem avaliado pelos alunos (tempo suficiente para aprender e fixar).

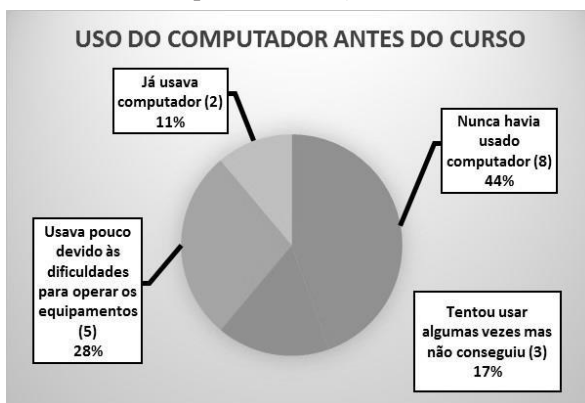
3 RESULTADOS

Para facilitar a análise dos resultados obtidos, serão apresentados a seguir quatro gráficos que indicam a situação inicial dos participantes do Curso de Informática para a Terceira Idade em relação ao uso geral do computador e de algumas das ferramentas abordadas no curso. Os dados foram obtidos através de questionário online respondido por dezoito alunos que compareceram à última aula do curso, em um universo de aproximadamente trinta concluintes.

A análise destes gráficos demonstrou que a grande maioria dos participantes do projeto iniciou o curso sem nenhuma ou muito pouca experiência no uso básico do computador, inclusive no que se refere aos recursos da Internet, conforme já havia sido identificado na primeira aula.

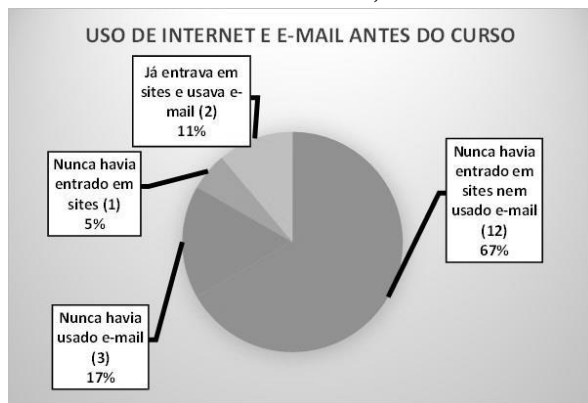
Situação dos alunos antes de iniciar a participação no curso:

Gráfico 1 - Uso do Computador. Situação dos alunos antes do curso.



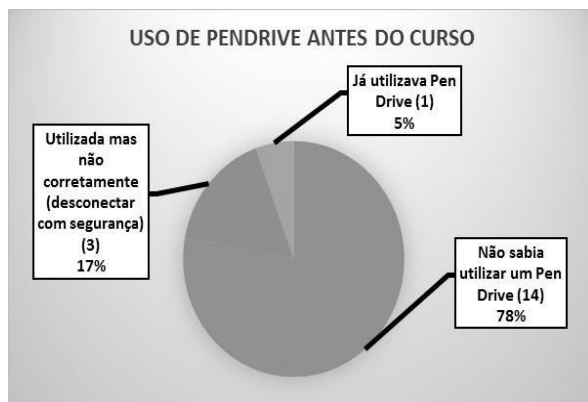
Fonte: o autor (2016). Livre reprodução

Gráfico 2 - Uso da Internet e e-mail - Situação dos alunos antes do curso.



Fonte: o autor (2016). Livre reprodução

Gráfico 3 - Uso de PENDRIVE - Situação dos alunos antes do curso.



Fonte: o autor (2016). Livre reprodução

Gráfico 4 - Conversas ONLINE – Situação dos alunos antes do curso.



Fonte: o autor (2016). Livre reprodução

A seguir, serão apresentadas quatro tabelas que indicam, em termos percentuais, quantos alunos ao término do curso Informática para a Terceira Idade, consideraram dominar o uso do computador e outros itens que fizeram parte dos conteúdos.

Estes dados também foram obtidos através do questionário *online* já citado.

Quadro 1 – Uso do Computador – Percentual de alunos que indicou dominar o conteúdo

Formas de Uso do Computador Após o Curso	
Ações	Percentual
Ligar/Desligar corretamente um computador	94%
Reconhecer Hardware e Software	50%
Identificar Tipos de computadores	72%
Componentes básicos (HD, Memória Ram, Processador, Placa)	100%
Tipos de Impressoras	39%
Abrir programa	89%
Trabalhar com pastas e arquivos no Windows Explorer	50%

Fonte: o autor. Livre reprodução.

Quadro 2 – Uso de Internet/e-mail– Percentual de alunos que indicou dominar o conteúdo

Uso de Internet/e-mail Após o Curso	
Ações	Percentual
Pesquisar um assunto na Internet	78%
Acessar sites na Internet	61%
Receber e enviar e-mail	83%
Enviar e-mail com arquivo anexo	33%

Fonte: o autor. Livre reprodução.

Quadro 3 – Uso de Pendrive – Percentual de alunos que indicou dominar o conteúdo

Uso de Pendrive Após o Curso	
Ações	Percentual
Conectar e desconectar um pendrive	94%
Abrir arquivos em um pendrive	78%
Copiar arquivos para um pendrive	56%

Fonte: dados coletados na pesquisa

Quadro 4 – Conversas Online – Percentual de alunos que indicou dominar o conteúdo

Conversas Online Após o Curso	
Ações	Percentual
Conversar na forma online com seus contatos	39%

Fonte: dados coletados na pesquisa

Todos esses elementos permitiram concluir que, em relação ao aproveitamento dos conteúdos, uso do computador e ferramentas tecnológicas de modo geral, o resultado do curso foi bastante satisfatório, considerando principalmente a situação inicial apresentada pelos alunos da terceira idade antes da participação no projeto.

Como houve dois resultados cujo percentual está abaixo de cinquenta por cento de aproveitamento, serão apresentadas a seguir as possíveis justificativas correspondentes.

4 Item “Enviar e-mail com arquivo anexo” (Tabela 2):

Provavelmente o baixo desempenho dessa atividade deva-se ao fato, muitas vezes, ter sido realizada de modo mais complexo que a simples anexação de um arquivo já existente no *hard disk* do computador do aluno. Para esta tarefa era necessário acessar um site, selecionar uma imagem, salvá-la em uma determinada pasta local (que poderia ser criada), para posteriormente retornar à caixa postal, preparar a mensagem e anexar o arquivo salvo, que naturalmente precisava ser localizado através das pastas, caso o aluno não lembrasse ou não soubesse onde o havia salvo. Todo esse procedimento gerava dúvidas pontuais que podem ter sido consideradas por alguns alunos ao responder a esta questão.

5 Item “Conversar de forma *online* com seus contatos” (Tabela 4).

Ainda que, ao iniciar o curso, 94% dos alunos não soubessem participar de conversas *online* (Gráfico 4), pode-se considerar baixo o percentual de 39% de alunos que, após o curso, sentiram-se aptos para esta atividade. Como este conteúdo foi apresentado durante as últimas duas aulas do curso, não foi possível a execução da estratégia de repetição constante da atividade correspondente. Esse fato reforça a tese de que o público da terceira idade possui uma necessidade maior de repetição contínua das atividades práticas para que ocorra a fixação dos conteúdos.

O percentual relativo ao domínio do conteúdo WhatsApp não foi considerado porque parte significativa dos alunos não possuía aparelho celular adequado ao uso deste aplicativo, único item da lista de conteúdos que não dependia exclusivamente dos computadores desktop existentes no laboratório das aulas. Em razão dessa limitação, este assunto foi visto, de modo prático, apenas por alguns dos participantes do curso. Esse item, portanto, poderá fazer parte de um curso dedicado à continuação dos estudos.

O questionário *online* também permitia que os alunos comentassem livremente sobre experiências vividas durante o curso. O preenchimento do campo e a identificação do aluno eram opcionais. O quadro a seguir mostra, exatamente como foram escritos, todos os comentários incluídos pelos alunos (doze dos dezoito alunos que participaram da pesquisa incluíram comentários).

Quadro 5 – Comentários Individuais (exatamente como foram digitados) inseridos em campo livre do formulário de pesquisa.

- “Foi muito importante para que eu possa continuar no aprendizado”
- “ótimo curso.”
- “Curso valeu muito, para mim, em minha situação de conhecimento e de prática quase zero e muita ansiedade e expectativa para conseguir me ver em um caminho, dar algum passo...”
- “Foi muito produtivo para mim, pois sabia só ligar e desligar o computador.”
“Esperamos continuar no curso, para ficar bem gravado. Obrigada professor pela dedicação e carinho com todos nós.”
- “Esperamos o senhor no ano que vem!! Felicidades!!!”
- “Este curso para mim foi muito bom,adorooooooooo. me sinto informatizada.”
- “ótimo curso me ajudou bastante, sobre a área da informática.”
- “A INFORMATICA ERA COMO UM OBJETO ESTRANHO (ET) O CURSO FOI DE GRANDE PROVEITO, PRINCIPALMENTE PORQUÊ O PROFESSOR WALMIR TEM UMA GRANDE PACIENCIA GOSTARIA EUQ HOUVESSE UM NOVO CURSO DANDO CONTINUIDADE 25/11/2015”
- “foi muito bom valeu apenas muito obrigado pela oportunidade”
- “Valeu a pena”
- “muito bom obrigado a todos do colégio pedro II”
- “gostei de todo o curso. Foi importante para mim”

Fonte: o autor. Livre reprodução.

As respostas transcritas no Quadro 1 reforçaram a percepção do bom aproveitamento dos estudos e, principalmente, da valorização que os participantes deram ao fato de terem recebido uma oportunidade real de capacitar-se naquilo que, minimamente, a sociedade tecnológica atual exige, ou seja, estarem incluídos digitalmente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os comentários apresentados no Quadro 1, juntamente com outras observações e reações que os alunos demonstraram durante os quatro meses de curso, indicaram a

importância que os primeiros passos dados além das fronteiras anteriores, através do acesso inicial ao uso do computador, tiveram para eles.

Além disso, o fato de terem conseguido derrubar os paradigmas citados por eles na primeira aula (“- não sou capaz”, “- informática é feita para jovens”) foi muito importante para sua autoestima, algo fundamental para as pessoas da terceira idade. Como exemplo dessas conquistas, cito o caso de uma aluna que relatou, orgulhosamente, o espanto do marido, já usuário do computador, quando ela explicou para ele a forma mais simples e correta de desconectar um *pendrive*. Ela comentou: “- ele achava que só poderia desconectar o *pendrive* quando desligasse o computador!”. Note-se também que foi possível à aluna da terceira idade não só aprender como também explicar a outro como realizar o procedimento, extrapolando assim os objetivos do curso.

Os alunos, bastante motivados, manifestaram interesse na continuação e avanço nos estudos através dos comentários transcritos no Quadro 1, nas falas em sala de aula e na procura de informações a esse respeito junto à coordenação do curso. A continuação dos estudos é um segundo passo, que acreditamos ainda ser necessário auxílio para que o idoso possa percorrer esse caminho de modo independente. Esse projeto é importante para que a motivação, tão explicitamente demonstrada pelos alunos, não se perca e, como afirma Siony (2008), que o conhecimento e utilização dos recursos tecnológicos, de forma crítica e reflexiva, não seja privilégio de uma parcela da sociedade. O conhecimento deve ser compartilhado e os cursos de informática para pessoas idosas podem ser um facilitador da inclusão digital.

Todos os envolvidos na execução desse curso como Reitoria, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura (PROPGPEC) e professores uniram esforços para continuação do projeto. Assim, foi criado o curso Informática para a Terceira Idade – Nível Intermediário, possibilitando aos participantes das primeiras turmas o desejado aprofundamento dos estudos. Além disso, o curso Informática para a Terceira Idade – Nível Elementar (agora assim nomeado) foi expandido para o *campus* Duque de Caxias, ampliando as oportunidades de inclusão digital. Essa nova fase está em andamento, sendo importante ressaltar o bom desempenho dos alunos antigos em relação aos novos desafios propostos.

REFERÊNCIAS

ARGIMON, I.L.L. **Desenvolvimento cognitivo na terceira idade**. Porto Alegre: PUCRS, 2002. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2002.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. 9. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC: UNESCO, 2004.

KACHAR, V. **Inclusão Digital e Terceira Idade**. São Paulo: Secretaria Estadual de Assistência e Desenvolvimento Social/Fundação Padre Anchieta, 2009. Disponível em: <http://www.desenvolvimentosocial.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/biblioteca/publicacoes/volume8_Novas_necessidades_de_aprendizagem.pdf>. Acesso em 15 jul. 2015.

_____. **Terceira idade de informática: aprender revelando potencialidades**. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

PASQUALOTTI, A.; RORATO, T.; PORTELLA, M.R.; PAULA, L.M. **Experimentação de ambientes informatizados para pessoas idosas: avaliação da qualidade de vida. Anais do I Workshop de Computação da Região Sul**. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, 2004.

PEREIRA, C., & NEVES, R. **Os idosos na aquisição de competências TIC**. Educação, Formação & Tecnologias, 2011. Disponível em: <<http://eft.educom.pt/>>. Acesso em 20 jul. 2015.

RODRIGUES, N.C.; TERRA, N.L. **Gerontologia social para leigos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

SILVA, S. **Cursos de informática para a terceira Idade: por quê?** Revista Sinergia – CEFETSP, 2008. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/22670505/CURSOS-DE-INFORMATICA-PARA-A-TERCEIRA-IDADE>>. Acesso em 03 de jul. 2015.

VALENTE, J.A. Aprendizagem continuada ao longo da vida. O exemplo da terceira idade. In: KACHAR, V. Longevidade: um novo desafio para educação. Cortez Editora, São Paulo, Brasil 2001. Pag. 27 – 44. Disponível em: http://www.iar.unicamp.br/disciplinas/mm_educacao/doc/aprendizagem%20continuada.doc Acesso em 03 de jul. 2015.

Linhas, Laços e Tramas na Terceira Idade

5

MÔNICA DE MENDONÇA E SICA MARTINS AGUIAR

*A maior riqueza do homem
é a sua incompletude.
Não aguento ser sujeito
que abre portas
que puxa válvulas
que olha o relógio*

*Perdoai
Mas eu preciso ser Outros*

Manoel de Barros

Resumo: Esse artigo pretende compartilhar experiências e refletir sobre as mesmas, vividas na **Oficina de Artes** desenvolvida no projeto **Colégio Pedro II aberto à terceira Idade**, realizado no *Campus* São Cristóvão, por iniciativa da Diretoria de Extensão e da Pró - Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Culturas, no período de agosto a dezembro de 2015.

Palavras-chave: Arte-educação. Terceira idade. Experiência estética.

1 INTRODUÇÃO

O desafio de construir e vivenciar um trabalho de artes com um grupo de terceira idade se configura como uma oportunidade de alargar sentidos e reflexões sobre os conceitos e concepções de arte/educação, de culturas, de escola e de desenvolvimento humano, em todos aqueles que se interessam pelos caminhos de arte educar.

A humanidade vem alargando as perspectivas de vida e, com isso, ampliando também as reflexões e atitudes tais como: de que forma vivê-las? O que é o envelhecimento? E o que é velhice? A história conta que a velhice sempre vem sendo objeto de elogio ou desprezo. Tanto pode ser vista como o pior dos infortúnios que

podem afligir o homem, como, ao contrário, pode ser vista como um período libertador e de apogeu da existência humana. O surgimento do termo terceira idade introduziu um novo estilo de vida, no modo de se viver a velhice no mundo contemporâneo.

Em 1973, surgiu a primeira Universidade de Terceira Idade em Tolouse, na França. Outras vieram em diversos países como Espanha, Estados Unidos e, no Brasil, surgem as UnATIs - Universidades da Terceira Idade, no final da década de 1980, inaugurando então um período de construção de uma nova imagem da velhice, participativa, dinâmica, com saúde e com interesse pela vida. Inúmeros estudos e teorias vêm sendo desenvolvidos para pensar sobre o desenvolvimento humano nessa etapa de vida chamada velhice, entendendo a existência humana como um eterno vir a ser.

É uma necessidade contemporânea estudar o envelhecimento e as contribuições que a arte/educação pode trazer para essa etapa da vida humana. É importante que a escola possibilite e crie essas oportunidades. Nós, educadores, precisamos ampliar estudos e experiências em educação na terceira idade e resignificar o lugar da escola, abrindo espaços de convivência do idoso com outros idosos e com outros grupos, mediatizados pelo conhecimento e pela diversidade cultural.

A palavra escola vem de *scholé*, que em grego significava: lugar de lazer, de descanso e de brincadeira. Para os primeiros gregos educadores, o lazer era considerado aprender com o corpo e com o espírito o sentido essencial das coisas da vida através de atividades coletivas e compartilhadas.

Nesse projeto, o foco central foi a educação estética, ancorada na partilha do sensível como nos sugere Ranciére (2009), entendendo-a como um compartilhar daquilo que percebemos pelo sensível, que nos é comum e nos toca a alma e que encontramos com facilidade na arte.

A oficina de artes foi desenvolvida com um grupo de 15 idosos, 13 mulheres e 2 homens, todos com mais de 60 anos, em encontros semanais de 2 horas, realizados ora nas salas de aula da Pró-Reitoria de Pesquisa, Extensão e Cultura, ora no Espaço Cultural do Colégio Pedro II.

O trabalho foi construído apoiado na abordagem triangular do ensino da arte, proposta pela professora Ana Mae Barbosa (2009) e com inspiração filosófica em Carlos Rodrigues Brandão (2015), psicólogo e antropólogo brasileiro, que pensa educação de forma aberta e libertadora, ligada à natureza humana e ao desenvolvimento do pensamento estético em direção à poetização da educação. Ana Mae e Carlos Brandão têm em comum a ideologia de Paulo Freire, que Brandão bem traduz na ideia de comunidade aprendente, em que não há competição nem hierarquia de saberes, e sim um abrir-se ao todo e complexo da “sabedoria do mundo”.

A proposta triangular do ensino das artes, sistematizada no Brasil por Ana Mae (2000), é apoiada no tripé: leitura da obra, contextualização histórica e produção artística. Tem caráter importante no ensino das artes no país por considerar arte como área de conhecimento e ser voltada ao desenvolvimento cultural de um povo, daí seu caráter político e sua importância na educação contemporânea.

Atribuindo à arte um importante papel de formadora do ser, compartilhamos do pensamento de Carlos Brandão (2015) quando situa a nós, os humanos, como seres do conhecimento complexo, seres do saber em busca do sentido, da sabedoria. Seres originalmente sedentos de símbolos, de sentidos de vida, de significados para o mundo, de valores e de beleza, portadores do símbolo e do significado, por isso mesmo seres obcecados pela forma. Para dar respostas ao mistério da vida, o homem se faz perguntas e procura as respostas tentando configurá-las criando formas.

Foi com inspiração em Brandão (2015) e suas ideias de poetização da educação e do lugar da arte como poesia de si mesmo, que a Oficina foi se idealizando, acreditando que todos nós podemos ser criadores e fruidores de arte, formadores de sentidos e dialogadores de sensibilidades.

2 METODOLOGIA E DESENVOLVIMENTO

Dentro dessa perspectiva, o caminho foi se desenhando em encontros onde eram valorizados a singularidade de cada indivíduo, sua forma única de ser e de se expressar e, ao mesmo tempo, o estímulo à escuta ao outro, ao sentir e valorizar a singularidade e diversidade de cada um. Viver coletivamente, ouvindo e compartilhando opiniões diferentes da nossa, abre canais para a ampliação do pensamento, das formas de compreender o mundo e as culturas. Desmancha preconceitos e traz plenitude e vivacidade a quem convive e reparte o que tem de si e do mundo de sabedoria, de conhecimentos e sentimentos, de arte e poesia.

Iniciamos o percurso trabalhando com as linhas do nome de cada participante, percebendo simultaneamente as questões de simetria e rebatimento. À medida que iam aprendendo a técnica, foi proposta uma conversa sobre a história de cada um, o que sabiam dizer sobre seus nomes, do lugar onde nasceram, onde passaram a infância, sonhos e memórias.

A convivência no grupo foi acontecendo com as dinâmicas de integração, possibilitando diálogos entre os participantes, criando cumplicidade, amizade, companheirismo e troca. Desde o primeiro encontro, o grupo foi convocado a produzir na linguagem visual, mais especificamente no desenho.

Cada participante reagiu de uma forma em relação à compreensão e execução das propostas. O trabalho iniciou-se com a folha dobrada, criando uma situação de rebatimento experimentada inicialmente em esboço com lápis grafite suave. Depois com a folha aberta e com o rebatimento percebido por um outro ângulo, a proposta foi de trabalhar com canetas hidrográficas e lápis de cor sobre a forma que surgiu a partir do nome.

Figura 1 - Exposição dos desenhos dos nomes de cada participante



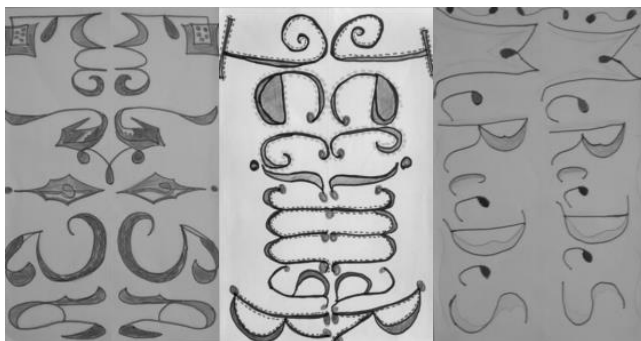
Fonte: Elaboração do autor, 2015.

Figura 2 - Desenho do nome



Fonte: Elaboração do autor, 2015

Figura 3 - Desenhos de nomes



Fonte: Elaboração do autor, 2015.

3 MEDIAÇÕES ESTÉTICAS NO ESPAÇO CULTURAL

Com o espírito de grupo despertado, passamos a viver um percurso permeado por experiências estéticas no campo das Artes Visuais em diálogos com outras linguagens, interagindo diretamente com as exposições em cartaz no hall do Espaço Cultural do Colégio Pedro II. A primeira exposição vivenciada pelo grupo foi **Bordaduras Contemporâneas**, uma mostra coletiva que reuniu vários artistas contemporâneos liderados pelo artista e professor Raphael Couto.

A equipe do Espaço Cultural ampliou a mostra propondo diálogos entre esse grupo e a designer Marcela Carvalho, ilustradora de livros bordados e também com o coletivo *Tramas do Porto*, um grupo criado por Sylvania Lúcia da Fonseca, com o objetivo de resgatar a história da região portuária do Rio de Janeiro através da arte do bordado. O grupo produz inspirado nos casos de tia Lúcia, uma herdeira de africanos, que chegaram ao Brasil na época da colonização para trabalhar como escravos.

Figura 4 - Visita à exposição Bordaduras Contemporâneas



Fonte: Elaboração do autor, 2015.

O objetivo principal de uma mostra como essa foi possibilitar encontros e diálogos desfronteirizados, com grupos de artistas que utilizam o ato de bordar com agulha e linha, entrecruzando suas poéticas e suas formas de expressão. A exposição teve como eixo central a arte contemporânea desenvolvida pelo grupo composto por Bruno Oliveira e Victor Tozarim, Fernando Hermógenes, Letícia Teixeira, Lilian Soares e Máira Vaz Valente. Percorrer os espaços e interagir com as instalações foi uma experiência inédita para a maioria dos participantes do grupo da terceira idade, que puderam expressar e trocar em rodas de conversas diversas impressões sobre as obras, e ampliar conhecimentos acerca da arte contemporânea e dos conceitos de instalação e performance.

Figura 5 - Instalação de Letícia Teixeira



Fonte: Elaboração do autor, 2015.

Segundo Carlos Rodrigues Brandão (2005, p.99-100):

Não há saber solitário, todo saber é solidário, e acontece no encontro, no diálogo. Todo conhecimento humano verdadeiramente significativo é o resultado frágil, mutável e crescentemente enriquecido e aperfeiçoável de um contínuo processo de inter-troca de saberes. Toda compreensão é solidária.

O conceito de comunidade aprendente foi intensamente vivido por esse grupo de pessoas com mais de 60 anos, com uma disponibilidade enorme para com-viver, para tecer e tramar juntos encontros com a Arte. Essa abertura ao novo, ao conhecer e ao criar no individual e no coletivo foi a liga dessa tribo de pessoas maduras, que tornou os encontros semanais extremamente prazerosos e produtivos.

Figura 6 - Bordados de Marcela Carvalho



Fonte: Elaboração do autor, 2015.

No Espaço Cultural entendemos a arte como lugar de alargamento de fronteiras e de possibilidades de compreender e atuar no mundo. É também lugar de encontro, de diálogo com o outro e com a diversidade humana, através do conhecimento. Lugar de experimentações e vivências interculturais e interdisciplinares.

Pensando nessa potência que o campo da arte e especialmente o campo da arte /educação tem a contribuir na existência das pessoas e na formação cultural de um povo, entendemos que não há idade para se viver experiências nessa área.

Bordaduras Contemporâneas foi uma mostra intensamente vivida por esse grupo, que pôde visitá-la várias vezes e ampliar leituras, observações, reflexões e trocar com os outros acerca das obras expostas.

Figura 7 - Oficina de Bordado no Espaço Cultural



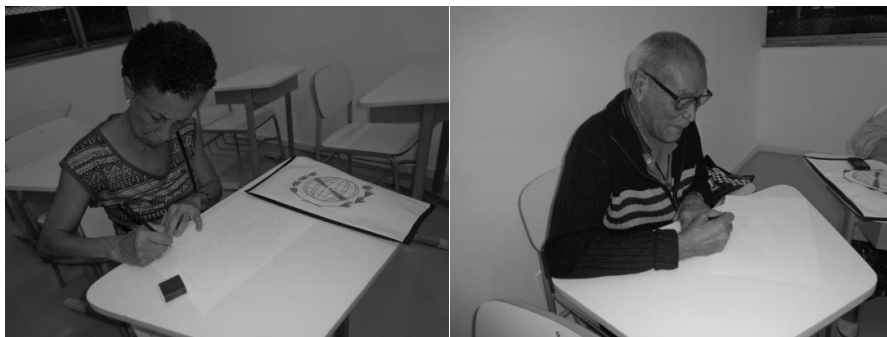
Fonte: Elaboração do autor, 2015.

Nesses encontros a ideia foi promover experiências no campo da educação estética trazendo para o cotidiano de uma nova civilização, povoada também por inúmeras pessoas de idade avançada, o contato direto com arte e cultura.

Esse trabalho realizado no campo da educação é um investimento em uma proposta voltada para os novos tempos, tendo como meta principal a promoção do desenvolvimento humano sem limite e sem fronteiras. Nunca paramos de aprender. Cabe à escola investigar esse lugar e é com esse sentimento que essa oficina vem sendo desenvolvida. Podemos ampliar o lugar desse grupo de pessoas dentro das instituições escolares, não só nas universidades, mas também em uma escola como o Colégio Pedro II, que, por sua grandeza e tradição, oferece inúmeras possibilidades de trocas e experiências diversificadas, interculturais e interdisciplinares.

Conviver no ambiente escolar e reviver os bancos da escola, porém em uma perspectiva contemporânea, abre novos horizontes para os participantes. Eles demonstram em suas atitudes como também verbalizam esse sentimento e o revelam em suas produções.

Figura 8 - Alunos da Terceira Idade em atividade de desenho



Fonte: Elaboração do autor, 2015.

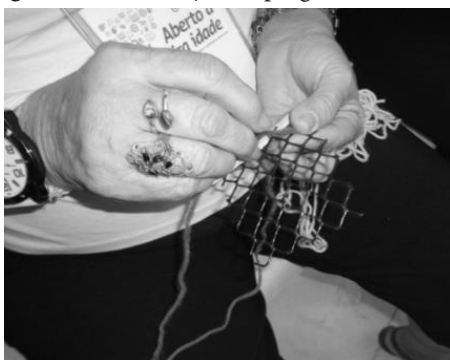
Com o objetivo de ampliar conhecimentos acerca do bordado, o grupo conheceu, numa apresentação em PowerPoint, um breve histórico sobre a arte de bordar, terminando com um vídeo sobre a família Dumont, produzido pelo Instituto de Arte Tear, Rio de Janeiro.

Natural de Pirapora MG, essa família de artistas de agulha e linha iniciou trajetória com inspiração na mãe dona Antônia, uma bordadeira clássica que borda até hoje variados pontos do bordado tradicional de herança portuguesa. Seus filhos, Marilu, Martha, Sávia e Demóstenes, resignificam a técnica por ela utilizada em outras conotações mais abertas, ousadas e contemporâneas, como explicam, no vídeo, as bordadeiras Marilu e

Sávia Dumont. Já ilustraram, com bordados, livros de Manoel de Barros, Thiago de Melo e realizaram mostra com releituras da obra Guerra e Paz, de Portinari, entre outros. Trazem o bordado para o campo da Arte, utilizando as técnicas, pontos, linhas e tecidos como elementos para criações visuais inéditas, sem risco prévio, o que Marilu Dumont chama de bordar no abismo. Trabalham o avesso e o direito como formas de abordar o ser, trazendo filosofia para suas produções e oficinas.

As primeiras tramas

Figura 9 - Construção de pingentes bordados



Fonte: Elaboração do autor, 2015.

O grupo ficou muito sensibilizado com esse conhecimento. Adorou o vídeo e, inspirados na ideia de que bordar pode ser uma técnica para desenhar e brincar com linhas e cores, demos início a muitas criações envolvendo esse ato.

Sensibilizados pela exposição e pelo vídeo da família Dumont, algumas das participantes trouxeram de seus acervos pessoais peças produzidas com fuxico, crochê de grampo e um bordado muito praticado no Brasil conhecido como “casinha de abelhas”. Ficaram muito felizes em mostrar seus fazeres, seus objetos de estima, confeccionados por elas mesmas. Trocaram muitas ideias e técnicas.

Nos encontros seguintes, o grupo se mobilizou a bordar no abismo. Primeiro desenvolvemos pingentes em tela larga e, em seguida, iniciamos um bordado maior e totalmente livre na tela mais fina. Com agulhas e lãs em diferentes texturas e cores, o grupo experimentou bordar criando livremente. No início estranharam a proposta, sentindo falta do risco. Mas esse assunto já havia sido bastante conversado pelas irmãs Sávia e Marilu Dumont no vídeo e, além disso, iniciamos em paralelo um estudo sobre o elemento linha, percebendo-a em outros contextos e principalmente conhecendo-a como elemento das artes visuais. Trabalhamos com a leitura dos desenhos do livro “Picasso em uma linha só” e colocamos foco nesse elemento, realizando desenhos e pinturas.

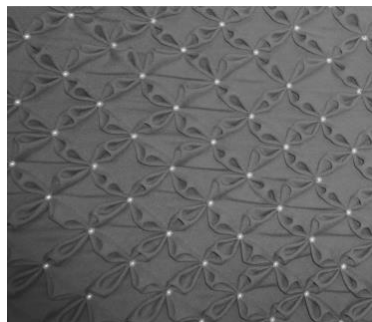
Experiências pessoais e conhecimentos prévios compartilhados

Figura 10 - Crochê de grampo da Dayse



Fonte: Elaboração do autor, 2015.

Figura 11 - Detalhe da colcha de casinha de abelha feita por Lenira



Fonte: Elaboração do autor, 2015.

O trabalho do bordado então foi desenvolvido ao longo dos meses em que a oficina aconteceu. Paralelamente fomos desenvolvendo outras atividades para podermos contemplar assuntos mais diversificados e dar um tom mais dinâmico aos encontros. O elemento linha foi vivenciado em diferentes contextos, tanto em produções individuais como coletivas.

O tempo foi potencializado no Espaço Cultural, e os encontros foram bem dinâmicos. Enquanto uns pintavam, outros bordavam. Todo o tempo foi permeado por música, em sua maioria instrumental, o que estimulou a concentração e até mesmo a criatividade. Momentos de um fazer intenso, que nos fez lembrar o mesmo desprendimento para a arte que acontece na Educação Infantil, quando a criança menor de 6 anos se permite viver arte, sem pudores, sem julgamentos e sem competição. O envolvimento foi total.

Figura 12 - A linha contínua



Fonte: Elaboração do autor, 2015.

O grupo pôde participar da exposição **Bordaduras Contemporâneas** até o seu último momento e perceber todo o trabalho do Espaço Cultural em mediação estética através da Arte. Ao final do percurso, a turma avaliou o quanto conheceu e o quanto se conheceu através de tudo que envolveu essa mostra, principalmente se surpreendeu em conseguir bordar no abismo. À medida que o tempo foi passando, os espaços no suporte do bordado foram sendo melhor preenchidos e o trabalho de cada participante foi tomando forma e se diferenciando um do outro.

Em setembro, uma nova exposição chegou ao Espaço Cultural e o grupo se empenhou em conhecê-la nos primeiros momentos. Voo Duplo foi um diálogo entre as fotografias de Monica Leme e Flávia Costa com as aquarelas de Mônica Freitas. O encontro se deu no voo dos pássaros que elas buscam retratar. O trabalho de fotografia é realizado em diferentes ecossistemas, onde a dupla visita e caminha pela natureza, atraídas pelos cantos das aves e pelas belíssimas composições que formam na paisagem. Mônica Freitas é uma apaixonada pela aquarela, por sua leveza e transparência. Inspira-se na arte japonesa da pintura sumiê, que é uma pintura gestual, que evoca uma atitude meditativa.

Nos encontros que aconteceram dentro dessa exposição, sempre tivemos ao fundo o som de Paisagem Sonora da Floresta Atlântica, com cantos de pássaros e barulhos de água e natureza, o que muito sensibilizou o grupo. Ficaram encantados com a mostra e envolvidos com o clima criado no espaço.

No trabalho de mediação estética em que acreditamos no Espaço Cultural, a leitura da obra parte em primeiro lugar das impressões que ela toca em cada um daqueles que a lê, possibilitando sempre várias leituras. O professor é um mediador que provoca a curiosidade e que propõe relações, e que nunca impõe ou induz a sua forma de olhar, deixando vir à tona diferentes maneiras de perceber. O mediador deve estar sempre atento para promover o diálogo respeitoso entre essas diferentes formas de leituras.

Figura 13 - Oficina de criação artística



Fonte: Elaboração do autor, 2015.

Esse grupo especificamente trouxe, de forma muito singela, suas experiências com a natureza em diferentes épocas e contextos. Falaram da infância em lugares diferentes do Rio, e principalmente como hoje conseguem ter contato com a natureza, com aves e pássaros. De acordo com a metodologia utilizada nessa oficina, que propõe integração de linguagens, conhecemos e cantamos a música Vale dos Pássaros de Jony Lamas e nos deliciamos com a literatura de Ana Maria Machado, (2003), “Ah Cambaxirra, se eu pudesse...”, entrando cada vez mais no mundo dos pássaros.

De prancheta, lápis e papel na mão, cada um escolheu uma obra para se inspirar. A ideia não foi de copiar, e sim um exercício de desenhar a partir da observação, como uma referência, mas buscando liberdade de criação.

Figura 14 - Desenho a partir da obra



Fonte: Elaboração do autor, 2015.

Foi indicada ao grupo a maneira de se fazer um esboço, com traços bem suaves, podendo apagar várias vezes, indo em busca de “não ter medo do desenho”. Foi maravilhoso acompanhar esse processo e perceber pessoas que nunca tinham desenhando se surpreenderem com o resultado. Importante destacar o caso de um senhor portador de doença degenerativa, o Alzheimer, que exerceu a profissão de advogado e nunca havia desenhado. Seu trabalho foi surpreendente para todos, inclusive para sua esposa, que ficou surpresa com o resultado alcançado.

O acabamento nos trabalhos foi realizado com lápis aquarelável, que todos receberam como um desafio.

Figura 15 - Desenho de Fátima Cardoso



Figura 16 - Desenho de Ivo



Fonte: Elaboração do autor, 2015.

No final do percurso, foram realizadas uma avaliação e também uma exposição montada pelo próprio grupo. Em seus registros, os participantes colocaram que se surpreenderam com o que foram capazes de realizar. Destacaram os desafios de desenhar a mão livre e de “bordar no abismo”, ou seja, atos que envolveram a criação. Colocaram também uma mudança na forma de olhar para as coisas do mundo e principalmente para a Arte, em que seu conceito foi alargado nessa experiência. No registro de uma das participantes, destacamos a frase: “Aprendi que uma obra de arte não é só para ser analisada, mas sim para ser sentida”. Todos avaliaram como significativo e enriquecedor para suas vidas não só o trabalho coletivo, como também os conhecimentos que adquiriram no campo das artes. Frequentar as exposições do Espaço Cultural trouxe para o grupo experiências inesquecíveis, pois deu asas à imaginação e despertou o potencial que todo ser humano tem para ser fruidor de arte e cultura.

Integrando conhecimentos estéticos com valores e princípios humanizadores, que tratam do desenvolvimento humano de forma ética e emancipadora, esse projeto retifica o enorme e poderoso lugar da arte na vida e na escola, em qualquer etapa da vida humana.

Figura 17 - Painel de bordados



Fonte: Elaboração do autor, 2015.

REFERÊNCIAS:

BARBOSA, Ana Mae. **A Imagem no Ensino da Arte**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1994.

BARBOSA, Ana Mae & COUTINHO, Rejane Galvão. **Arte/Educação como Mediação Cultural e Social**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Nós, os Humanos, do mundo à vida, da vida à cultura**. São Paulo: Editora Cortez, 2015.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: Estética e Política**. 2.ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

SCHARFSTEIN, Eloisa Adler. **Teoria e aspectos psicológicos, sociais e culturais do envelhecimento. Educação em Rede Volume 3 – Gerontologia**. Rio de Janeiro: Sesc/ Serviço Social do Comércio, 2015.

MACHADO, Ana Maria. **Ah! Cambaxirra se eu pudesse**. Rio de Janeiro: FTD, 2003.

GALASSI, Susan Grace. **Picasso em uma só linha**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

Educação alimentar e nutricional na escola: uma experiência de cooperação

6

FERNANDA BRITTO E THAÍS BARRETO ESTRELLA

Resumo: O presente trabalho apresenta as ações desenvolvidas ao longo do ano de 2016 no Programa Alimentação Saudável desenvolvido pela Diretoria de Extensão do Colégio Pedro II com instituições parceiras. O Programa apresentou, em escolas do município do Rio de Janeiro, atividades que abordaram de forma lúdica o conceito de alimentação saudável e seus benefícios. Foram desenvolvidas cinco atividades em turmas de Educação Básica, com crianças com faixa etária entre 3 e 12 anos, e a partir das atividades fez-se uma análise qualitativa do Programa.

Palavras-chave: Extensão. Nutrição. Alimentação Saudável. Ensino Básico. Lúdico.

1 INTRODUÇÃO

O conceito de Extensão atualmente adotado pelas Universidades e Institutos Federais está expresso no Plano Nacional de Extensão Universitária (2012) e define a Extensão como:

Uma via de mão dupla com trânsito assegurado à comunidade acadêmica que encontrará na Sociedade a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento científico. No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que submetido à reflexão teórica será acrescido àquele conhecimento.

Essa relação entre a comunidade acadêmica e sociedade é possibilitada por meio da compreensão da Extensão como um espaço de conexão entre o conhecimento e a realidade socioeconômica, cultural e ambiental da região, em que educação, ciência e tecnologia se integram à perspectiva de desenvolvimento local e regional. Dessa forma,

a relação transformadora entre o ambiente acadêmico e a sociedade é viabilizada por meio da articulação indissociável entre ensino-pesquisa-extensão, que estrutura o processo educativo.

A Extensão do Colégio Pedro II tem assumido o compromisso com a transformação da comunidade ao seu entorno e buscado concretizá-lo por meio de atividades e ações que contribuam para a construção de um projeto societário e viabilize a produção de um caminho de inclusão social e formação cidadã na perspectiva do desenvolvimento integral do ser humano.

Nesse sentido, a Diretoria de Extensão da Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura (PROPGPEC) do Colégio Pedro II, promove o Programa de Alimentação Saudável em parceria com nutricionistas do Programa de Pós-graduação em Nutrição e integrantes do Laboratório de Ações de Educação Alimentar e Nutricional em Versão Digital (LADIG'E) do Instituto Josué de Castro de Nutrição da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Por meio das parcerias efetuadas para realização do Programa Alimentação Saudável busca-se promover:

- A interação dialógica com a comunidade do entorno, estabelecendo a troca de saberes e experiências;
- a interdisciplinaridade através da interação de modelos, conceitos e metodologias oriundos de várias disciplinas e áreas do conhecimento;
- a indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão, entendendo nossas ações como parte do processo acadêmico vinculadas à formação de pessoas;
- o impacto e transformação social, construindo uma inter-relação com outros grupos sociais, entidades de classe e instituições de ensino-pesquisa, com vistas à uma atuação transformadora.

A partir da perspectiva das ciências sociais e da educação, tendo como ponto de partida a construção de uma proposta de diálogo entre o campo da Alimentação e Nutrição e o campo da Educação - que expresse a promoção de práticas alimentares e o estilo de vida saudável - este trabalho apresenta as atividades desenvolvidas por meio do Programa Alimentação Saudável, proporcionando uma experiência de cooperação que se propõem a trabalhar com a promoção de práticas de Educação Alimentar e Nutricional (EAN) na escola.

A Educação Alimentar e Nutricional (EAN) é um reflexo das políticas públicas em Alimentação e Nutrição, sendo considerada um importante instrumento para promoção de hábitos alimentares saudáveis e fundamental para enfrentar novos desafios dos campos da Saúde, Alimentação e Nutrição. Assim, a relevância do Programa Alimentação Saudável está relacionada ao aumento dos índices de sobrepeso e obesidade entre crianças e adolescentes, fato que ocorre em todas as regiões do Brasil (BRASIL, 2012), e tem como consequências a redução da qualidade de vida e maior carga de doenças. Esse cenário aponta a necessidade de implementação de novas ações de intervenção, com vistas a incentivar uma alimentação adequada e saudável.

2 DESENVOLVIMENTO

A alimentação é condição essencial para a sustentação da vida, tendo importância tanto em termos nutricionais como no tocante a integração e socialização dos indivíduos. Uma alimentação saudável deve ser vista como estratégia necessária para a promoção da saúde como um todo e, no Programa Alimentação Saudável, reafirma o compromisso das atividades de extensão com a promoção do bem-estar, a partir da reflexão sobre a importância dos hábitos alimentares.

Entendida ao mesmo tempo como uma prática racional e afetiva, a questão da alimentação demanda uma avaliação mais próxima da vida em sociedade, de forma menos idealizada e mais dentro de necessidades construídas no contexto social, que também mudam à medida que as avaliamos e compreendemos.

É importante considerar que nos últimos anos vem aumentando de forma significativa a incidência de obesidade tanto em adultos como em crianças no mundo todo. Ao lado das mudanças nos estilos de vida, houve modificações nos hábitos alimentares de crianças e adultos. Com o cotidiano agitado e corrido os indivíduos em sua maioria tendem a optar em termos alimentares por *fast foods* e alimentos industrializados.

Por meio do Programa de Alimentação Saudável, procura-se, com ações educativas sobre alimentação e nutrição, combater por meio de iniciativas pedagógicas os malefícios que os maus hábitos alimentares podem trazer, acreditando no potencial da ação pedagógica elucidativa e eficaz.

O processo de educação alimentar mistura a compreensão racional com a experiência do comer – uma vivência integral que envolve sensibilidades como: sabor, prazer, amor, gosto; e subjetividades como: confiança, dependência, solidariedade; além de racionalidades como: economia e segurança nacional; tornando cada vez mais relevantes ações de EAN na escola.

O objetivo geral das ações foi oferecer às crianças e pré-adolescentes um programa de informação alimentar e nutricional a fim de incentivar a promoção de uma alimentação saudável, conduzindo os participantes a uma reflexão sobre a importância de hábitos alimentares saudáveis. Como relação aos objetivos específicos, o programa se propôs a:

1. Difundir atividades lúdicas e informativas sobre alimentação, saúde e nutrição;
2. promover a saúde da comunidade escolar por meio da divulgação de hábitos alimentares e estilos de vida saudáveis;
3. valorizar a dimensão educativa da alimentação saudável;
4. promover a reflexão sobre os aspectos socioculturais da alimentação em sua interligação com a saúde como um todo.

O contexto considerado neste estudo contempla como público alvo 350 alunos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental de Escolas Municipais do estado do Rio de Janeiro, com faixa etária entre 3 e 12 anos, do sexo masculino e feminino.

Metodologia: as atividades do Programa Alimentação Saudável foram realizadas de forma interativa com a utilização de recursos audiovisuais, palestras e oficinas envolvendo os eixos:

1. Alimentação e Cultura
2. Alimentação Saudável
3. Obesidade e Desnutrição
4. Atividade Física

Quadro 1 – Escolas Municipais atendidas pelo Programa Alimentação Saudável

Escolas Municipais	Localização (Bairro)	Data da Ação	Alunos Atendidos
Escola Municipal Friendreich	Maracanã	07/04/2016	90
Ginásio Carioca Orsina da Fonseca	Tijuca	24/05/2016	80
Espaço de Desenvolvimento Infantil Professora Dayse Malagole	Barreira do Vasco/ São Cristóvão	24/06/2016	100
Escola Municipal Pedro Ernesto	Lagoa	09/09/2016	80

Fonte: o autor.

2.1 Experiência de cooperação

A promoção de práticas alimentares e estilo de vida saudável para crianças e adolescentes é prioridade em políticas de saúde em todo o mundo, elemento central no diálogo entre graduação de Nutrição e Ensino Básico.

As escolas constituem um espaço de prática e construção de conhecimentos e a Educação Alimentar e Nutricional (EAN) surge com o intuito de contribuir com a promoção do consumo sustentável e da alimentação saudável, através das trocas de experiências e parcerias entre instituições. A estratégia metodológica deste trabalho segue os princípios da pedagogia crítica de Paulo Freire, que enfatiza o diálogo e a prática de um aprendiz protagonista do processo de conhecimento.

A metodologia desta ação, de abordagem qualitativa, se dividiu em três etapas:

1. Aproximação com a Extensão: Realizada através de reuniões onde foi decidido que seriam efetuadas cinco ações - quatro atividades diferentes envolvendo a temática do Programa e uma Olimpíada de Nutrição durante o ano letivo de 2016.
2. Planejamento das ações educativas: Numa perspectiva de análise qualitativa, foi feita a opção por uma avaliação formativa, para que a mesma fosse realizada a todo tempo durante o processo educativo. Este modelo de avaliação permitiu uma maior flexibilidade no redirecionamento da prática, sem comprometer os objetivos estabelecidos pelo Programa de Alimentação Saudável.
3. Aplicação das atividades nas escolas previamente selecionadas pela Diretoria de Extensão de forma interativa com a utilização de recursos audiovisuais, palestras e oficinas.

2.2 Atividades

A atividade inaugural para o programa de alimentação saudável foi realizada no dia 07 de abril de 2016 na Escola Municipal Friendenreich, tendo como público alvo alunos da Educação Infantil com idade entre 3 a 5 anos, e teve como temática “ As Leguminosas Brasileiras”.

Figura 1 - Atividade Leguminosas Brasileiras.



Fonte: Colégio Pedro II, 2016.

Esta atividade foi inspirada na declaração da ONU (Organização das Nações Unidas), que escolheu 2016 como o Ano Internacional das Leguminosas, e teve como objetivo conscientizar os alunos sobre os benefícios do consumo regular de leguminosas (feijão, soja, ervilha, lentilha, grão de bico etc), alinhado ao objetivo do Programa, que visa a incentivar a promoção de uma alimentação saudável de forma interativa com a utilização de recursos audiovisuais, palestras e oficinas.

A atividade foi dividida em etapas:

1. Apresentar as leguminosas brasileiras e a importância do consumo para uma alimentação saudável (O que são leguminosas?).
2. Mostrar os grãos das leguminosas (formatos, cores e variedades) e fornecer uma cartilha para os alunos colorirem.
3. Trabalhar os diferentes tipos de feijões com cada grupo. Plantar o grão em um potinho de plástico, com algodão e um pouco de água e levar para casa.

4. Degustar uma receita de leguminosa (grão de bico) após as atividades.

A segunda atividade foi realizada no dia 24 de maio de 2016 no Ginásio Carioca Orsina da Fonseca, no período da manhã, e teve como público alvo cerca de oitenta alunos das turmas do sétimo ano, com faixa etária de 12 anos. A temática trabalhada foi “Oficina de Culinária: alimentação saudável”.

Figura 2 - Atividade Oficina de Culinária: alimentação saudável



Fonte: Colégio Pedro II, 2016.

Figura 3 - Atividade Oficina de Culinária: alimentação saudável



Fonte: Colégio Pedro II, 2016.

A Oficina de Culinária no espaço escolar é uma estratégia pedagógica que articula a teoria com a prática, permitindo uma representação da vida cotidiana em ambiente controlado e mediado, com o recurso lúdico para abordar algo essencial à vida - a alimentação. Esse tipo de abordagem educacional faz uso de todos os sentidos e, muito provavelmente, fará parte das lembranças dos que participaram, contribuindo nos processos de escolha alimentar.

Portanto, o objetivo da Oficina de Culinária é, através de receitas simples, práticas e de baixo custo, apresentar novas possibilidades de perceber o alimento, resgatando não somente as suas características nutricionais, mas também todo o simbolismo que carrega e, assim, contribuir para a promoção da saúde e estimular o consumo de alimentos saudáveis como: frutas, verduras e grãos integrais; e, ao mesmo tempo, incentivar a redução do consumo de alimentos processados, ricos em sódio, gordura saturada e açúcar.

A atividade foi dividida nas seguintes etapas:

1. Apresentação das receitas e dos benefícios de cada ingrediente à saúde.
2. Aproveitamento integral dos alimentos e os diversos modos de preparo.
3. Atividade proposta: elaboração de lanches práticos pelos próprios alunos – espetinho de frutas e creme de abacate com cacau.
4. Degustação das receitas elaboradas.

A terceira atividade foi realizada no dia 24 de junho de 2016 no Espaço de Desenvolvimento Infantil Professora Dayse Malagole, tendo como público alvo alunos com idade entre 3 e 5 anos da Educação Infantil, com a temática “Brincando com os Sentidos”.

Figura 4 - Atividade Brincando com os Sentidos



Fonte: Colégio Pedro II, 2016.

Na infância ocorre a formação do hábito alimentar, nessa etapa da vida a alimentação destaca-se como um fator ambiental importante, pois está relacionada ao crescimento e desenvolvimento infantil. Os cinco sentidos (paladar, audição, tato, olfato e visão) lançam mensagens ao cérebro que estimulam reações/respostas, como por exemplo: o apetite, o prazer, o nojo e o enjoo. Dessa forma, a atividade propôs, por meio dos sentidos, apresentar diferentes tipos de frutas e incentivar o seu consumo, apontando os seus benefícios e procurando estimular o consumo diário.

A atividade foi dividida em etapas:

1. Foi entregue a um ou dois alunos vendados uma fruta e utilizando os sentidos (tato, olfato e paladar), os alunos foram estimulados a identificar o alimento;
2. após a primeira etapa foi retirada a venda dos alunos, para que, através do sentido visão, fosse verificado o alimento apresentado.
3. em seguida, as coordenadoras explicaram a importância do consumo os alimentos apresentados;

Após a realização da atividade foram oferecidas as frutas higienizadas e cortadas aos alunos.

A quarta atividade foi realizada no dia 9 de setembro de 2016, na Escola Municipal Pedro Ernesto, tendo como público alvo alunos da Educação Infantil entre 6 e 7 anos, com a temática “Origami dos Alimentos”.

A importância de promover a discussão sobre alimentação e nutrição nas escolas se dá à medida que propicia a formação de uma consciência crítica sobre as escolhas alimentares por cada indivíduo. Portanto, ações educativas nessa temática se fazem necessárias para que haja a promoção de saúde desde os primeiros anos de vida, visando a prevenção de problemas alimentares e nutricionais como obesidade e doenças crônicas não transmissíveis associadas. O ambiente de socialização da escola permite novas influências na alimentação, por isso, a importância do incentivo de uma alimentação saudável em grupo.

Essa atividade foi dividida nas seguintes etapas:

1. Cada grupo de crianças retirou um molde de origami da “Caixa da Criatividade”;
2. Foi entregue a cada criança uma folha de papel colorido para que ela fizesse origami no formato do alimento;

3. Ao final da atividade cada criança levou o seu origami de alimento.

Figura 5 - Atividade “Origami dos Alimentos”



Fonte: Colégio Pedro II, 2016.

O encerramento do Programa no ano de 2016 aconteceu com a Olimpíada de Nutrição realizada na Escola Municipal Pedro Ernesto, onde foram apresentadas todas as atividades anteriores com a participação de aproximadamente 75 alunos de turmas de 2º e 3º ano do Ensino Fundamental. A atividade visava a avaliar a aplicabilidade das ações em uma única turma, nela os alunos foram divididos em quatro grupos com uma nutricionista responsável em cada um deles. As quatro atividades foram realizadas nos quatro grupos de forma revezada.

3 CONCLUSÃO

Trabalhar com o tema Alimentação Saudável na Educação Básica se mostrou muito proveitoso devido à grande aceitação dos alunos. Pôde-se incentivar a promoção da alimentação saudável. No entanto, sendo as atividades apresentadas para alunos de faixa-etárias tão diferentes (3 a 12 anos) foi necessária uma adequação das mesmas.

O trabalho da Extensão se mostrou muito significativo, pois criou a ponte que permitiu o acesso das nutricionistas (UFRJ) às escolas municipais que já eram parceiras do Colégio Pedro II devido aos outros projetos desenvolvidos pela Diretoria de Extensão (Vivenciar, Combate ao *Aedes aegypti*, Fórum de Formação Continuada, entre outros).

As direções das escolas municipais foram muito receptivas ao Programa Alimentação Saudável, atestando a importância da ideia de se trabalhar o tema nas séries iniciais, pois é nesta fase da vida que o aluno começa a criar o seu gosto alimentar, mas também a fase em que há uma forte exposição aos alimentos industrializados.

As atividades apresentadas são facilmente reproduzíveis e todas elas buscam conscientizar os alunos da importância de uma alimentação saudável. Na inauguração do Programa, as atividades apresentadas (com a temática das leguminosas) tinham caráter predominantemente lúdico, devido a faixa etária dos alunos.

A segunda atividade, realizada com alunos na faixa etária de 12 anos, permitiu que os próprios alunos preparassem a receita com auxílio das nutricionistas, o que é importante para trabalhar a autonomia dos mesmos e demonstra que se alimentar de forma saudável não é difícil. A receita desenvolvida foi aprovada pelos alunos, o que era importante para aproximá-los do tema.

A atividade seguinte teve como objetivo trabalhar os sentidos dos alunos permitindo que eles conhecessem diversas frutas, de modo não apenas visual, mas utilizando todos os sentidos. Ao final da atividade, as crianças foram estimuladas a degustar as frutas, demonstrando que elas podem ser alternativas aos lanches não saudáveis.

Na última atividade realizada, a proposta foi que os alunos conhecessem alimentos saudáveis de forma indireta, por isso, foi apresentada para alunos entre 6 e 7 anos, uma vez que estes já conheciam as frutas representadas, a atividade focou na apresentação dos benefícios que elas apresentam para saúde e o bem-estar.

A Olimpíada de Nutrição visou a representar todos os trabalhos para um único grupo escolar, o que permitiu avaliar se as atividades propostas para grupos específicos podem ser adequadas a uma única turma, o que facilita a aplicação do projeto por professores do Ensino Básico, sobretudo em turmas de 1º ao 5º ano.

Pelos resultados obtidos, percebemos que os objetivos propostos foram alcançados uma vez que as atividades apresentadas foram lúdicas e informativas, permitindo que os alunos refletissem sobre alimentação saudável e apresentando a eles uma alternativa aos alimentos industrializados. A facilidade de reprodução das atividades possibilitará um maior alcance do Programa uma vez que qualquer professor poderá aplicá-las em suas turmas.

Percebeu-se também uma reflexão da comunidade atendida sobre seus hábitos alimentares e a forma como a sociedade se relaciona com os alimentos, uma vez que o tempo da sociedade atual se torna cada vez mais escasso e caro, é importante que as atividades sejam simples para que o aluno e os pais possam reproduzir os bons hábitos alimentares no cotidiano.

Ao levar o conhecimento científico da Nutrição para as escolas, a Extensão cumpre seu papel de criar uma interação dialógica entre a academia e a comunidade dando uma dimensão socioeducativa para a alimentação e os hábitos alimentares.

Para trabalhos futuros, recomenda-se que as atividades sejam aplicadas em uma única turma ou uma única escola durante um período letivo, uma vez que isto facilitaria o acompanhamento dos alunos e os impactos que as ações provocaram nos hábitos alimentares dos alunos. Recomenda-se ainda que em paralelo seja desenvolvida uma ação voltada para os pais dos alunos, como exemplo, a oferta de palestras e minicursos de culinária para maior adesão a uma alimentação saudável.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, N. V. S. et al. **Alimentação na escola: desafios e possibilidades**. Ciência e saúde coletiva, v. 18, 2013, p. 937-945.

BARROS, D. C. D.; ORG. **Alimentação e Nutrição: fundamentos para a prática em saúde coletiva**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2013.

BERGER, G.; TERRASÊCA, M. **Políticas e práticas de avaliação: Algumas reflexões**. Revista Educação, Sociedade & Culturas, p. 7-16, 2011.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Marco de referência de educação alimentar e nutricional para as políticas públicas**. Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. Brasília. 2012.

Manaus: FORPROEX, 2012. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/renex/documentos/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf>. Acesso em: 20 Out. 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 56. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

Curso Aprender a Aprender: reflexões sobre a extensão como interface entre o ensino, a pesquisa e a formação docente

MARCELLE RESENDE MOREIRA E ITALO DOS SANTOS ROCHA E MARLA LOBÔSCO PINTO

Resumo: Nos últimos anos, o Colégio Pedro II (CPII) tem aumentado a oferta de cursos de extensão visando a atender às demandas da sociedade e às necessidades educacionais. O objetivo desse artigo é analisar uma experiência de formação continuada desenvolvida no CPII sob a forma de curso de extensão e refletir sobre suas contribuições para o processo de formação dos professores participantes. Em relação à metodologia, trata-se de uma pesquisa-ação de viés qualitativo. Para tratamento dos dados, coletados através de um questionário, utilizamos técnica de análise de conteúdo de Bardin. Os resultados sugerem que o referido curso contribuiu positivamente para a formação dos participantes no que diz respeito ao aprimoramento da prática, à ampliação do conhecimento, ao fortalecimento das crenças de autoeficácia e ao aumento da motivação docente.

Palavras-chave: Curso de Extensão. Colégio Pedro II. Teoria Social Cognitiva. Formação Continuada.

1 INTRODUÇÃO

Desde sua fundação em 1837, o Colégio Pedro II se estabeleceu como uma instituição de ensino de grande referência nacional, cuja história está intimamente ligada à História da Educação Brasileira (FERNANDES, 2006; TAVARES, 2002). Por muitos anos tido como modelo a ser seguido (PINTO *et al.*, 2011), deveria “ser o primeiro a adotar e praticar, daí difundir, as intenções [...] quanto ao ensino secundário no país” (TAVARES, 2002, p.29).

Ao longo de sua história, a instituição vivenciou diversas reformas que provocaram mudanças na sua nomenclatura e, principalmente, em aspectos mais estruturais referentes ao currículo, ao público atendido e aos segmentos de ensino ofertados. Uma das transformações recentes diz respeito à equiparação do colégio às Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) e sua inclusão na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, por meio da Lei nº. 12.677, de 2012.

Mesmo antes da inclusão à Rede, o colégio vinha, historicamente, demonstrando grande compromisso com a produção e divulgação do conhecimento e hoje se encontra em um momento de reconfiguração, a fim de atender à nova realidade. Essas transformações fazem parte do processo de construção da identidade dessa instituição sesquicentenária.

Embora a equiparação aos IFES não tenha formalmente transformado o colégio em um Instituto de Ensino Superior, sua inclusão na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica o aproximou de algumas diretrizes referentes às universidades e demais instituições de Ensino Superior. Desde 2015, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação¹, prevê a necessidade de o Ensino Superior atuar em favor do aprimoramento da Educação Básica através da capacitação profissional, da realização de pesquisas e do desenvolvimento de práticas de extensão, reforçando a ideia expressa na constituição Federal de 1988² a respeito do caráter indissociável dessas práticas.

Segundo portaria que regulamenta a Rede Federal³, os institutos vinculados à Rede – entre eles o Colégio Pedro II – devem se preocupar, entre outros aspectos, em atender às demandas locais por pesquisa, inovação e extensão. Como já foi dito, o colégio sempre se preocupou com a produção e divulgação do conhecimento, realizando diversas atividades voltadas para questões sociais de grande relevância, no entanto, é a partir dessa nova configuração, que a instituição passa a assumir formalmente a missão de “promover a educação de excelência, pública, gratuita e laica, por meio da indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão, formando pessoas capazes de intervir de forma responsável na sociedade”, conforme divulgado do site oficial da instituição⁴.

1 Capítulo IV, artigo 43, inciso VIII, que foi incluído pela lei nº 13.174 de 21 de outubro de 2015.

2 O artigo 207 da Constituição Federal de 1988 prevê que as universidades devam obedecer ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

3 Art. 2º da Portaria nº 1.291, de 30 de dezembro de 2013, que estabelece, entre outros pontos, diretrizes para a organização dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia.

4 Optamos por citar a missão divulgada no site oficial da instituição (através do endereço <http://www.cp2.g12.br/cpii/missao.html>), já que o Projeto Político Pedagógico Institucional (PPPI) encontra-se em fase de construção. A última versão do Projeto Político Pedagógico foi publicada em 2002, data em

Apesar de não ter se afastado de seu compromisso com a oferta de Educação Básica de qualidade, o colégio tem, progressivamente, ampliado as ações de pesquisa e extensão promovidas pela própria escola ou em parceria com outras instituições, conforme pode ser verificado nos três últimos relatórios anuais de gestão e prestação de contas⁵ do Colégio Pedro II.

No que diz respeito, especificamente, à extensão, foco de interesse desse artigo, a instituição tem promovido, ao longo dos últimos anos, diversas ações cujo objetivo é a articulação entre ensino e pesquisa, visando ao enfrentamento de problemas reais da Educação e da sociedade. Apesar de considerar a importância, em qualquer contexto, da aproximação e cooperação mútua entre os diferentes níveis de ensino – no caso, Básico e Superior –, as especificidades do Colégio Pedro II colocam-no em uma posição peculiar em relação às práticas de extensão: trata-se de uma instituição especializada em ensino básico promovendo a divulgação de saberes construídos ou ressignificados no próprio chão da escola.

Além de influenciar a comunidade escolar e a sociedade como um todo, a promoção de ações de extensão, nesse contexto, podem trazer importantes contribuições para a formação de professores, devido ao próprio caráter integrador dos saberes teóricos e práticos. Mediante isso, surge a necessidade de investigar as possíveis contribuições dessas ações para a formação docente.

Caminhando nessa direção, o presente artigo pretende analisar uma experiência de formação continuada desenvolvida no Colégio Pedro II sob a forma de curso de extensão, buscando identificar suas contribuições para o processo de formação dos professores e demais profissionais participantes. O curso foi pensado e desenvolvido a partir do pressuposto de que as ações de extensão têm grande potencial para favorecer o processo de formação docente e podem servir como fonte de produção de conhecimento.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS – INTERFACES ENTRE A EXTENSÃO E A PESQUISA

O curso de extensão intitulado *APRENDER A APRENDER. Contribuições da Teoria Social Cognitiva (TSC) para a Prática Pedagógica*, foi desenvolvido no período

que o Colégio Pedro II ainda não havia sido equiparado aos IFES. O documento em questão aponta que o objetivo do colégio Pedro II é “Formar cidadãos críticos, eticamente orientados para o respeito às identidades, politicamente comprometidos com a igualdade, esteticamente sensíveis à diversidade, dotados de competências e de valores capazes de mobilizá-los para a intervenção responsável na sociedade.

5 http://www.cp2.g12.br/images/comunicacao/2014/abr/Relatorio_prestacao_contas_2013.pdf
http://www.cp2.g12.br/images/comunicacao/2015/SETEMBRO/RG_VERA_EXPLICADO_5-6.pdf
<http://www.cp2.g12.br/images/comunicacao/2016/Junho/RG-CPII-2015.pdf>

de 7 a 31 de maio de 2016, na modalidade semipresencial e teve duração de 30 horas, distribuídas em duas partes complementares e interdependentes. A parte presencial foi composta por dois encontros de quatro horas cada e a parte on-line totalizou 22 horas e foi realizada através da plataforma *Moodle*. As aulas presenciais aconteceram nos dias 7 e 21 de maio, no Colégio Pedro II, *Campus* São Cristóvão, e cada encontro foi oferecido em dois turnos: manhã (das 8 às 12 horas) e tarde (das 13 às 17 horas).

Em relação ao público-alvo, o curso foi destinado a professores da Educação Básica das redes pública e privada, estudantes dos programas de Pós-Graduação da Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura (PROPGPEC) do Colégio Pedro II, licenciandos de instituições públicas e privadas, profissionais da Educação (Orientador Educacional, Diretor de Escola, Técnico em Assuntos Educacionais, etc.) e aos demais profissionais que atuam em equipes multidisciplinares com inserção em campos educacionais (saúde, psicologia, fonoaudiologia, etc.). O modelo semi-presencial, bem como a oferta de dois turnos para cada encontro presencial foram pensados para atender a diversidade de demanda do professor da Educação Básica e profissionais da educação.

A atividade é parte integrante do Fórum Permanente de Formação Continuada de Professores, um espaço de interlocução entre os Programas de Pós-graduação do Colégio Pedro II e a Educação Básica. Coordenado pela Prof^a. Dr^a. Kátia Regina Xavier Pereira da Silva, a ação foi promovida pelo grupo de Pesquisas em Ensino, Aprendizagem, Interdisciplinaridade e Inovação em Educação (GEPEAIINEDU) e pelo Laboratório de Criatividade, Inclusão e Inovação Pedagógica (LACIIPED), do qual participam cerca de 23 professores pertencentes a 12 departamentos da instituição. Os objetivos do curso Aprender a Aprender são:

1. Refletir sobre algumas dificuldades, na prática pedagógica, de natureza didática e epistemológica, com base em referenciais teóricos oriundos da Teoria Social Cognitiva de Albert Bandura;
2. problematizar a influência dos processos afetivos, motivacionais, cognitivos e comportamentais para a promoção da autorregulação da aprendizagem de estudantes em diferentes níveis e modalidades de educação;
3. analisar estratégias de ensino e materiais didáticos que potencializam o processo de autorregulação da aprendizagem.

O curso também está inserido do contexto de uma pesquisa-ação desenvolvida no Programa de Mestrado em Práticas de Educação Básica do Colégio Pedro II (MPPEB). Uma de suas atividades envolveu a avaliação de um Produto Educacional produzido por uma mestranda, que visava ao desenvolvimento dos processos autorregulatórios dos estudantes do primeiro segmento.

Os materiais didáticos de apoio, produzidos especialmente para o curso de extensão, foram compostos por cinco vídeos e uma coletânea de textos – todos de autoria dos tutores e organizadores do curso – que focalizam aspectos centrais da TSC e trazem contribuições importantes para a prática pedagógica na Educação Básica, no que se referem aos aspectos ligados à aprendizagem dos estudantes. As cinco videoaulas se encontram disponíveis em páginas de livre acesso. A coletânea de textos que compõe o material de apoio foi gratuitamente disponibilizada aos cursistas através da plataforma *Moodle*.

Durante as aulas presenciais e as atividades on-line, os participantes tinham contato com esses materiais didáticos de apoio e com o produto educacional, desenvolvido pela mestranda: um livro dialogal intitulado “Um papo sobre estudar: super dicas para você aprender a aprender melhor”. Desse modo, três tarefas foram propostas com o intuito de provocar reflexões sobre a prática pedagógica a partir dos materiais disponibilizados.

A tarefa 1, disponibilizada na plataforma logo após a primeira aula presencial, consistia em descrever as impressões iniciais acerca da TSC e estabelecer relações entre os conceitos abordados na aula presencial, o conteúdo do material de apoio disponibilizado e o seu cotidiano acadêmico e/ou profissional através de um relato de experiência. Na tarefa 2 os cursistas foram desafiados a identificar alguns conceitos centrais da TSC no produto educacional. E a tarefa 3 teve como objetivo a avaliação do produto educacional, através do preenchimento de um questionário de avaliação. O último item do questionário pedia aos cursistas que produzissem um texto dissertativo-argumentativo. Baseada na ferramenta⁶ PNI (Positivo, Negativo e Interessante), desenvolvida por De Bono (1987), essa questão final pedia que avaliadores apontassem os aspectos que consideravam positivos, negativos e interessantes dos conteúdos e vivências do curso e mencionassem suas percepções sobre as possíveis contribuições do curso para a sua prática.

O *corpus* de análise desse artigo foi composto pelas falas dos professores acerca desse item do questionário. A análise do material foi feita através da técnica de

6 Trata-se de uma ferramenta de exploração de ideias, que pode colaborar para que um julgamento seja mais elaborado, menos simplista. Pode ser utilizada por gestores quando é preciso encontrar soluções criativas para um determinado problema (BOFF, 2016).

análise de conteúdo de Bardin (1977, p.33), definida como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. As reflexões sobre os resultados seguiram os três procedimentos básicos propostos por Bardin – pré-análise, descrição analítica e interpretação inferencial – e foram subsidiadas teoricamente pelos constructos da TSC. A análise foi realizada durante as reuniões do grupo de pesquisa e contou com a participação dos mestrandos do MPPEB.

3 RESULTADOS – POTENCIALIDADES DOS CURSOS DE EXTENSÃO PARA O ENSINO E A FORMAÇÃO DOCENTE

A formação continuada de professores é um dos desafios da atualidade e vem ganhando especial destaque na atual conjuntura em que vivemos. A busca por uma qualidade no ensino virou uma demanda do sistema educacional, principalmente mediante o baixo desempenho de grande parte dos alunos brasileiros nas avaliações nacionais e internacionais de Educação (MENEZES-FILHO, 2007). Não que essas avaliações retratem com fidelidade todo o estado da arte da educação no nosso país, mas elas podem nos fornecer alguns indícios de que a Educação brasileira precisa de urgentes transformações, que passam, entre outros fatores, pelo o investimento na formação dos professores.

Para pensar qualquer tipo de mudança, a formação continuada passa ser uma demanda de extrema importância, pois qualquer ação que se queira modificar dentro da escola, indiscutivelmente, passará pelas mãos dos professores. Diante da necessidade de reforma educacional o professor precisa se transformar, pois além de potencializar a autonomia de seus alunos, precisa desenvolver sua própria autonomia, lançando mão de diferentes saberes para transformar sua prática pedagógica. Esse movimento vivido atualmente pelo professor, em busca de novos olhares para o que está ocorrendo na escola, chamamos de formação continuada.

Essa formação proporciona ao professor ter, como mais um recurso, a teoria que é produzida na academia, que vem a ser uma forte aliada para enfrentar os desafios da transformação da educação. Ao se aprofundar teoricamente, o docente conhece melhor sua realidade e pode se empoderar desses saberes, pois a teoria retroalimenta a prática dando suporte a novas teorias. Não estamos aqui dizendo que a academia é a única fonte do saber e que o professor deva alimentar-se dela sem reflexão. Deve sim, desenvolver estratégias que transformem a realidade, uma realidade que só ele conhece de maneira tão próxima. Podemos confirmar esta afirmativa em Lüdke (2012, p. 32), quando a autora afirma que “o esclarecimento teórico pode lhe fornecer meios

para desenvolver estratégias de luta para transformar esses aspectos, em vez de aceitá-los como imutáveis”.

Mais do que consumir o conhecimento produzido na academia, o professor pode apropriar-se dele para a construção de novos conhecimentos. Um dos grandes desafios da nossa classe hoje é romper com a distância que existe entre o professor da academia e o professor da escola básica. Como forma de enfrentar esses desafios, tem crescido a oferta de cursos de extensão promovidos por professores (TAVANO, 2012). Esses cursos podem ser uma estratégia profícua de aproximação crítica e contextualizada entre a teoria e as práticas docentes, como pretendemos demonstrar no presente artigo.

A partir da análise de conteúdo das falas dos cursistas concluintes, identificamos que, na avaliação dos participantes, os pontos positivos do curso de extensão Aprender a Aprender estão centrados em três categorias: qualidade didática do curso, potencial para promover aprendizagem e possibilidade de troca de experiências entre os próprios cursistas.

3.1 Perfil dos participantes

Dos 194 inscritos, 55 concluíram o curso de extensão, sendo 10 do sexo masculino e 45 do sexo feminino. Em relação à formação inicial dos concluintes, 15 são graduados em Pedagogia e 27 são licenciados em diversas áreas do conhecimento: Letras (10), Educação Física (5), Biologia (4), Química (2), História (2), Artes Visuais (1), Filosofia (1), Geografia (1) e Matemática (1); 1 participante declarou estar cursando o Ensino Superior (Licenciatura em Química); 3 possuem o curso Normal e 1, o Normal Superior; 3 participantes possuem outras graduações (Psicologia, Serviço Social e Administração) e 7 possuem superior completo mas não especificaram o curso. Vale ressaltar que os participantes poderiam declarar mais de um curso como formação inicial.

Em relação à situação profissional e acadêmica dos cursistas, grande parte atua na rede pública, sendo 19 na rede Municipal, 18 na Estadual e 4 na rede pública Federal. O grupo de cursistas ainda contou com 6 professores que atuam na rede privada, com 6 profissionais da Educação (Orientador Educacional, Diretor de Escola, Técnico em Assuntos educacionais, etc.) e com 5 profissionais com atuação em equipes multidisciplinares com inserção em campos educacionais (saúde, psicologia, fonoaudiologia, etc.). No grupo participante, também havia um profissional que atua no reforço escolar, um docente em curso Normal e um professor que atua em cursos de formação profissional, além de 5 estudantes de pós-graduação.

O grupo também era bastante diversificado no que diz respeito ao tempo de atuação no magistério. Grande parte dos participantes atuava como docente há menos

de 5 anos, mas havia um número significativo de cursistas com um tempo de atuação maior: 25 atuam no magistério há um período inferior a 5 anos; 10 possuem de 5 a 10 anos de atuação; 12 participantes têm de 11 a 15 anos de atuação no magistério; 4, têm de 16 a 20 anos; e 4 atuam há mais de 20 anos como docentes.

Os concluintes atuavam em diferentes níveis e modalidade de ensino: 10 atuam ou atuaram na Educação infantil; 28 no Primeiro Segmento do Ensino Fundamental e 31 no Segundo Segmento; 26 atuam ou atuaram no Ensino Médio Regular e 8, no Ensino Médio Profissionalizante. O grupo foi composto, ainda, por docentes que atuam ou atuaram à nível de Graduação (6), Pós-Graduação lato sensu (4) e Pós-Graduação strictu sensu (4). Havia também, entre os cursistas concluintes, aqueles que atuam ou já atuaram na Educação de Jovens e Adultos (13) e na Educação Especial (4). Acreditamos que a diversidade dos concluintes em relação às disciplinas ministradas, ao tempo de magistério e ao nível e modalidade de atuação conferiu riqueza ao grupo e aumentou as possibilidades de trocas entre eles.

3.2 Qualidade didática do curso

Grande parte dos cursistas citaram a qualidade didática do curso oferecido. Nas avaliações produzidas pelos concluintes com base na ferramenta PNI, foram encontradas menções referentes à categoria qualidade didática do curso, que engloba a didática utilizada pelos palestrantes nos encontros presenciais, a relevância dos conteúdos abordados no curso, as potencialidades das tarefas realizadas no ambiente virtual de aprendizagem (Moodle) e a qualidade dos materiais didáticos (vídeos, apostila). Os trechos a seguir ilustram essas referências:

Os conteúdos compartilhados nesse curso são valiosos, pois suas teorias podem ser facilmente vivenciadas na prática, em sala de aula. (Participante 02);

Esse exercício proporcionou reflexão ante às próprias escolhas e avaliações do cursista durante o relato e o conhecimento de outros casos de ensino compartilhados pelos demais participantes, servindo de aprendizagem e inspiração. (Participante 09);

Além da exposição da TSC e das explicações acerca dos principais conceitos, a interação com quem está em sala de aula é fundamental para pensar casos específicos e conseguir adaptar à minha realidade. [...] Outro ponto positivo foi a apostila que sistematiza a TSC, assim temos um material que servirá de referência para a prática, e também a indicação de outros materiais para aprofundar o estudo sobre a TSC e usá-la em sala de aula. (Participante 19)

Dois pontos podem ser enfatizados aqui, no que se refere ao desenvolvimento da autoeficácia docente (AZZI E VIEIRA, 2014). O primeiro, diz respeito à importância

do desenvolvimento de materiais didáticos para a formação continuada que tenham vínculo direto com o campo de atuação do professor e que utilizem a teoria como um elemento que o desafie a refletir sobre os seus saberes e práticas. O segundo ponto está relacionado à relevância de espaços de troca onde se pode, através de processos formativos sistematizados – como é o caso da extensão – dar lugar ao compartilhamento de experiências de êxito, à observação das experiências dos outros e à aprendizagem através de processos vicariantes. Desse modo os professores podem se reconhecer como produtores e não apenas como consumidores de teorias (LÜDKE, 2012).

A autoeficácia é definida por Bandura (1977 apud AZZI; VIEIRA, 2014, p.16) como as “crenças que a pessoa tem acerca de sua capacidade para organizar e executar cursos de ação requeridos para alcançar determinados tipos de desempenho”. Essas crenças não são generalizadas nem generalizáveis a todas as ações possíveis, e sim situadas dentro de um contexto de ação. No caso dos cursistas, as falas sobre as crenças de eficácia docente estiveram presentes, a partir das relações estabelecidas entre o que foi aprendido no curso e a possibilidade de encontrar estratégias para desenvolver a autonomia dos alunos. Seguem abaixo alguns trechos, elaborados pelos cursistas, que fazem referência a este constructo da Teoria Social Cognitiva:

Ao concluir este curso percebo que nós, professores, podemos contribuir para que o aluno seja cada vez mais autônomo e capaz de aprender conteúdos por conta própria, sendo nós apenas facilitadores. Desde quando estava na licenciatura, acredito que o papel do professor não é passar um conteúdo, mas permitir que o aluno seja capaz de entender o mundo e a realidade nos quais ele está inserindo e seja capaz de agir para mudar e melhorar ambos. A TSC me ajudou a ver de maneira mais clara como isso é possível e qual meu papel de professora dentro deste contexto (Participante 19);

É possível ainda relatar contribuições que não se limitam à prática docente, pois evidentemente alcança o pessoal na medida em que também contribuiu para a nossa crença de autoeficácia e nosso desenvolvimento como ser humano pensante, crítico, inventivo, criador e etc. (Participante 30)

Participar do curso Aprender a aprender: contribuições da Teoria Social Cognitiva para a prática pedagógica me fez perceber a importância de nos tornarmos agentes da nossa aprendizagem, assumindo o controle da própria vida. (Participante 50)

Os estudos sobre autoeficácia colaboram para que se compreenda de forma mais clara o contexto em que as práticas pedagógicas se inserem, na perspectiva do professor. Conforme foi expresso pelos participantes, podemos considerar que o fortalecimento das crenças de autoeficácia pode funcionar como um importante mecanismo de interferência positiva no desempenho e no comprometimento docente.

3.3 Potencial para promover aprendizagem

Outro ponto que esteve bastante presente na avaliação dos participantes, foram as falas que remeteram ao potencial do curso para suscitar reflexões sobre como promover aprendizagem a partir das conexões entre teorias e práticas. Aprender a aprender é sem dúvida um dos focos da formação de professores. Os cursos de extensão podem desenvolver habilidades e competências que colaboram para a reflexão sobre as práticas e a conquista da autonomia didático-pedagógica. A autonomia pedagógica pressupõe analisar, organizar e explicitar o que estamos ensinando e aprendendo. Frison e Veiga Simão (2011, p.199) afirmam que, “a aprendizagem é um processo dinâmico e aberto que requer atividades cíclicas por parte do aprendente.” Esse processo não diz respeito somente aos alunos, mas aos professores também.

Podemos observar nos discursos mencionados, falas que descrevem mudanças nas aprendizagens, nas atitudes e na forma de compreender determinados conceitos a partir de uma visão mais crítica do processo. Os participantes também relatam ter tido a oportunidade de validar seus conhecimentos e organizar melhor suas práticas pedagógicas. Registraram, também, mudanças na hora de refletir sobre o processo de ensino e aprendizagem. Seguem abaixo alguns trechos referentes a essa categoria:

O curso foi maravilhoso! Além de ter lembrado os conceitos sobre a Teoria Social Cognitiva (TSC), o curso proporcionou uma nova reflexão quanto à aprendizagem dos alunos. (Participante 44)

Além disto, estudar um pouco sobre a Teoria em questão amplia os conhecimentos e a própria autorreflexão e avaliação pessoal. (Participante 08)

Mesmo conhecendo muito pouco sobre a TSC, as aulas permitiram entender os principais pontos e já consegui pensar em formas de colocar em prática logo na sala de aula. (Participante 19)

Outra fala bastante frequente referiu-se à possibilidade de utilização de novos conceitos e abordagens de ensino. Após a realização do curso, muitos participantes relataram diversas transformações na sua prática profissional e apontaram a realização de mudanças efetivas no seu exercício profissional, através da utilização de estratégias e dos conceitos abordados sobre a TSC:

As minhas percepções se dão de forma positiva para o trabalho realizado, pois, na minha vida e práticas educacionais pude realizar algumas novas abordagens para com os meus alunos, no qual tive um retorno extremamente positivo. (Participante 01);

Sinto-me mais atenta aos sinais dos meus alunos a respeito da relação que eles estabelecem com a aprendizagem, buscando enfrentar as questões e

estabelecendo objetivos mais precisos para nortear o processo de estudo deles, assim como o meu. (Participante 06)

O curso de extensão Aprender a Aprender: contribuições da Teoria Social Cognitiva, propiciou, particularmente falando, um novo olhar sobre as estratégias que eu utilizava em meus estudos e levou-me à reflexão da prática cotidiana em sala de aula mudando alguns conceitos que, com certeza, já estão sendo incorporados e aplicados. (Participante 15)

Terminei o curso com muitas ideias e, principalmente, ferramentas para aprimorar minha prática pedagógica e o aprendizado dos meus alunos. (Participante 19)

Segundo Rosário e Polydoro (2014), por meio da vivência das próprias situações de ensino, o professor retira informações sobre as suas capacidades para ensinar, planejar e avaliar. Ou seja, na visão dos participantes o curso proporcionou uma série de reflexões a respeito da prática pedagógica, contribuindo no processo de autorregulação do ato de ensinar.

O aprimoramento profissional e o incentivo a autorreflexão foi um dos objetivos alcançados pelo curso de extensão. Logo abaixo, seguem vários apontamentos realizados pelos participantes:

As maiores contribuições para a minha prática foram o aumento da importância dada ao planejamento, a autoavaliação e, principalmente, a hora de parar e repensar: “Onde eu estou errando? Posso fazer diferente? Como eu posso fazer diferente? Alcancei o meu objetivo? Não alcancei, por quê?” (Participante 08)

O curso contribuiu para enriquecer minha metodologia docente, minha metodologia de estudo, e indo mais além, a estruturação dos meus hábitos pessoais também. Certamente possibilitou o fortalecimento da minha formação continuada. Parabéns. (Participante 11)

Os comentários descritos acima demonstram que o curso contribuiu de maneira significativa na prática docente cotidiana. Foram mencionadas diversas alterações positivas na abordagem direcionada aos alunos e uma ampliação do olhar docente a respeito dos conceitos da TSC. Essas contribuições mencionadas vão ao encontro dos constructos abordados no conteúdo programático do curso.

3.4 Troca de experiências

O curso Aprender a Aprender proporcionou vários momentos de troca de experiências entre os participantes, através de relatos de experiências e compartilhamento de ações pedagógicas executadas no cotidiano profissional de cada cursista. De acordo com os participantes, outro aspecto positivo do curso diz

respeito ao seu potencial para promover aprendizagem profissional e ampliar seus conhecimentos acerca das teorias da Educação:

O curso me proporcionou vivências bastante interessantes como a troca de experiências com outros professores através dos seus relatos sobre as suas vivências em sala de aula tanto na aula presencial quanto na tarefa 1, feita on line. (Participante 03)

Os encontros presenciais foram muito “ricos”, pois tivemos a oportunidade de estender nosso conhecimento e trocar ideias e experiências. (Participante 05)

O curso de extensão “Aprender a aprender: contribuições da TSC para a prática pedagógica” foi significativo, em especial, pela experiência compartilhada com outros colegas professores, tanto presencialmente, quanto virtualmente. (Participante 09)

Os discursos referentes à troca de experiências que foram mencionados acima estão em consonância com o estudo de Prada et al. (2010), que demonstrou que os professores consideraram relevantes ações formativas que promovam a interação e a troca de experiências e que permitam atender aos problemas da sala de aula, mediante debates e discussões. Segundo os autores, os docentes preferem, ainda, ações cujas metodologias sejam dinâmicas e possibilitem sua participação.

Já Cristino e Krug (2008) afirmam que os professores colocam a troca de experiências como o fator que mais contribui para a transformação da prática pedagógica. Muitos deles falam da necessidade de sistematizar o espaço para a partilha de experiências e saberes da profissão como estratégia formativa. Ou seja, esse modelo de curso tende a gerar um impacto significativo na avaliação dos participantes, favorecendo sua aprendizagem e o compartilhamento de experiências.

Por fim, outro aspecto apontado como positivo pelos participante foi o potencial para desenvolver a motivação a partir das experiências vividas no curso:

Creio que a maior contribuição deste curso, foi apresentar uma nova possibilidade para as minhas aflições pedagógicas, quanto à motivação para os estudos por parte dos alunos, e a minha própria motivação para aprender a ensinar melhor, a Teoria Social Cognitiva era desconhecida para mim. (Participante 01)

A maior contribuição é a motivação para pôr em prática o modelo PLEA, não que nunca tenha usado, mas agora temos um modelo a seguir, um exemplo de como fazer um planejamento diferente. Espero que possa colocar tudo que aprendi em prática e incentivar muitos alunos a Aprender a aprender com entusiasmo e como o texto diz: “...auxiliando-os a enfrentar seus problemas e dificuldades de aprendizagem de forma mais eficaz e competente, colaborando para o desenvolvimento da autonomia e desenvolvendo uma perspectiva de aprendizagem autorregulada.” (Participante 06)

Analisando os trechos das falas dos participantes, percebe-se o reconhecimento, o entusiasmo e o desejo em desenvolver os constructos abordados durante o curso, aplicando-os na sua prática pedagógica. Além disso, notamos que houve o estabelecimento de metas pessoais e o planejamento de realização de tarefas. Segundo Bandura (1993 apud BZUNEEK, 2001, p.29) crenças de autoeficácia e motivação andam juntas. A motivação para a docência “depende acentuadamente do nível de sua crença de autoeficácia. E que, a motivação para enfrentar as diversas situações desafiantes do ensino, deriva do pareamento do que a pessoa faz entre as suas capacidades percebidas e as condições reais dos desafios impostos”. Ou seja, estar motivado é um fator preponderante para desenvolver um bom trabalho como docente, mas além disso, é necessário que o professor empodere-se e transforme esse sentimento em ações pedagógicas concretas, colocando em prática todos os conceitos apreendidos no curso.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada fundamentou-se na avaliação de um curso de extensão como ferramenta de formação continuada de professores. Através de uma análise minuciosa dos dados coletados, verificamos que grande parte dos participantes destacaram diversos pontos positivos da atividade de extensão. As contribuições dessa ação para a formação docente, na visão dos cursistas, vão além da relevância da teoria abordada no programa do curso, mas dizem respeito, sobretudo, às relações estabelecidas entre teoria e as práticas escolares.

Identificamos inúmeras referências às aprendizagens proporcionadas pelo curso através da utilização de materiais que tinham ligação direta com campo de atuação dos participantes e de tarefas que estimulavam a reflexão sobre a ação docente, mediada pela teoria estudada. Nessa perspectiva, o curso colaborou para a produção de novos saberes, fruto da resignificação dos conceitos teóricos trabalhados. Houve destaque ainda para a construção de conhecimentos a partir do compartilhamento de experiências proporcionado pelo curso. Esses saberes podem auxiliar os participantes a compreender e a enfrentar seus desafios profissionais, conforme mostram as referências acerca das crenças de autoeficácia e motivação dos cursistas.

Esses resultados reforçam os indicativos de que as atividades de extensão, como importantes espaços de articulação entre ensino e pesquisa, podem colaborar para o aprimoramento da prática docente, devendo ser estimuladas no contexto da Educação Básica.

Como continuidade deste trabalho, sugerimos a realização de mais estudos que avaliem os efeitos de outros cursos de extensão que envolvam diferentes propostas metodológicas e/ou diferentes formatos (presencial, semipresencial e on-line).

REFERÊNCIAS

AZZI, R.G; VIEIRA, D.A (orgs.). **Crenças de Eficácia em contexto educativo. Teoria Social cognitiva em contexto educativo**. Volume 2. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa. Editora: Edições 70, 1977.

BOFF, Rubem José. Técnicas De Reunião: Ferramentas Para Gestão. **INTERLINK**, v. 3, n. 3, p. 28-58, 2016.

BZUNECK, J.A. **A motivação do aluno: aspectos introdutórios**. In: BZUNECK, J.A; BORUCHOVITCH, E. (orgs). **A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea**. Petrópolis, RJ. Editora Vozes. 2001.

COLÉGIO PEDRO II. **Colégio Pedro II: projeto político-pedagógico**. Brasília: Inep/MEC, 2002, 400 p.

CRISTINO, A.P.R; KRUG, H.N. **Um olhar crítico-reflexivo sobre a formação continuada de professores de educação física da rede municipal de ensino de Santa Maria (RS)**. Revista Movimento. Porto Alegre, v.14, n.01, p.63-83, janeiro/abril, 2008.

DE BONO, Edward. **Aprender a pensar**. Plaza & Janés, 1987.

FERNANDES, Ricardina Reis. **Colégio Pedro II. Um colégio na história do Brasil**. Anais do VII Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil”, Faculdade de Educação da Universidade de Campinas (UNICAMP), Campinas/SP, 10 a 13 de julho de 2006.

FRISON, L. M. B., & VEIGA SIMÃO. A. M. **Abordagem (auto)biográfica – narrativas de formação e de autorregulação da aprendizagem reveladas em portfólios reflexivos**. Educação, Porto Alegre, 34 (2), 2011, p.198-206.

LÜDKE, Menga. **A complexa relação entre o professor e a pesquisa**. In: ANDRÉ, M. **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. Campinas, SP: Papirus, 2012.

MENEZES-FILHO, Naércio Aquino. **Os determinantes do desempenho escolar do Brasil**. IFB, 2007.

PINTO, Jose Marcelino de Rezende; AMARAL, Nelson Cardoso; DE CASTRO, Jorge Abrahão. **O financiamento do ensino médio no Brasil: de uma escola boa para poucos à massificação barata da rede pública**. Educação & Sociedade, v. 32, n. 116, p. 639-665, 2011.

PRADA, L.E.A; FREITAS, T.C; FREITAS, C.A. **Formação continuada de professores: alguns conceitos, interesses, necessidades e propostas**. Revista Diálogo Educacional. Curitiba, v.10, p. 367 – 387, maio/agosto, 2010.

ROSÁRIO, P; POLYDORO, S.A.J. **Capitanear o aprender: promoção da autorregulação da aprendizagem no contexto educativo**. Volume 3. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.

TAVANO, Vinicius. **Extensão e formação contínua de professores da rede municipal da cidade de São Paulo**. Rios Eletrônica- Revista Científica da FASETE. Ano 6, n. 6, dezembro de 2012. Disponível em: http://www.fasete.edu.br/revistarios/media/revistas/2012/extensao_e_formacao_continua_de_professores_da_rede_municipal_da_cidade_de_sao_paulo.pdf. Acesso em: 10 out. 2016.

TAVARES, Jane Cardote *et al.* **A congregação do Colégio Pedro II e os debates sobre o ensino de Matemática**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

Resumo: A população brasileira está em processo acelerado de envelhecimento, demandando políticas públicas que garantam a efetivação de direitos à pessoa idosa. Neste Artigo, faz-se uma reflexão sobre o papel dos idosos através dos tempos, em distintos momentos históricos, com a consequente discussão de conceitos sobre o envelhecimento e suas dimensões. Através da análise do processo de inversão da pirâmide etária no Brasil e das principais fontes normativas de proteção ao idoso no direito brasileiro cria-se um panorama da emergência das necessidades deste grupo populacional, e, por fim, nos debruçamos sobre a ação de socialização realizada através do programa de extensão, denominado Colégio Pedro II aberto à Terceira Idade, que disponibiliza aos idosos oficinas de artes, cultura, esporte e lazer, língua estrangeira, música, tecnologia e direitos do idoso, nos anos de 2015, 2016 e 2017.

Palavras-chave: Idoso. Direitos. Socialização. Colégio Pedro II.

1 INTRODUÇÃO

A intenção principal deste artigo, é explorar os conceitos e os dados sobre o envelhecimento da população brasileira e seus direitos assegurados pela legislação e correlacioná-los com o programa de extensão Colégio Pedro II aberto à Terceira Idade, que atende idosos moradores da região da Região Metropolitana da cidade do Rio de Janeiro, e em particular com a oficina de Direitos do Idoso.

Com a inversão da pirâmide etária no Brasil, e o progressivo aumento da população idosa, fica evidente a necessidade e a importância de discutir as questões relacionadas aos idosos e seus direitos, com os próprios idosos e com a comunidade, como forma de estímulo à socialização e à conscientização. Nesse ínterim, surge a necessidade de esclarecer os conceitos sobre idade, idoso e envelhecimento, fazendo uma digressão histórica sobre o papel do idoso e sua construção social, o significado e as possibilidades do envelhecimento e as conquistas representadas pelos direitos positivados na legislação.

2 O PAPEL DO IDOSO EM DISTINTOS MOMENTOS HISTÓRICOS

Historicamente, os conceitos associados à velhice sofreram grandes transformações e o prestígio dessa população acompanhou essa metamorfose, que não aconteceu de maneira linear, nem de maneira absoluta, assumindo nuances conforme o tempo e a sociedade.

Na antiga Grécia, o idoso possuía uma posição honorífica e a velhice estava associada à sabedoria, à experiência e à autoridade, personificada na figura do sábio ou filósofo, ao mesmo tempo em que estava ligada à fragilidade física do idoso, numa sociedade onde a afirmação da propriedade era feita muitas vezes à base da força bruta. A maioria dos cargos públicos, com poder de avaliar e decidir, eram exercidos por maiores de 60 anos, como a magistratura. Essa posição de honra pertencia apenas aos nascidos gregos, um contingente pequeno em meio aos estrangeiros e escravos existentes nas cidades-estado. Entre os romanos, esta situação distinta dos idosos perpassa pelo modelo familiar estabelecido, onde o poder de decisão familiar é concentrado no *pater familias*, e o poder político é exercido pelos anciãos através do senado, a mais poderosa instituição romana, cujo nome deriva do grego *senex* e significa idoso.

O regime familiar, como de toda comunidade agrícola, era patriarcal, sob a chefia de um *pater familias* que, depois, iria tomar papel preponderante nas instituições. A princípio o *pater familias* é não apenas o proprietário do fruto de trabalho da família, como também o senhor dos escravos, de sua mulher e dos filhos, os quais podia vender, como fazia com os frutos agrícolas. (VENOSA, 2006, p.32).

A idade média foi um período cujo poder era exercido através da força e o idoso foi quase que completamente afastado da vida política, remanescendo, entretanto, em posição de privilégio familiar, para celebrar negócios, arranjar casamentos e acumular riquezas.

Foi com a revolução industrial que o papel do idoso se desintegrou, passando a ser considerado inapto para o exercício do trabalho nas fábricas e, portanto, improdutivo. Não havia um sistema de seguridade social ou de assistência social e os idosos pobres eram relegados à miséria, ou tornavam-se um fardo aos seus familiares.

No Brasil, durante o período colonial, dentre as populações indígenas os anciãos ocupavam as posições de destaque (cacique, pajé), dentre os colonizadores prevalecia a cultura patriarcal e a distinção entre o idoso abastado e o idoso pobre, este último bastante marginalizado e exposto à exclusão social e à mendicância. A velhice era considerada um problema social. Neste contexto surgiram instituições voltadas ao

abrigo dos idosos, inicialmente junto a outras populações marginalizadas: mendigos, leprosos, órfãos, doentes. No período colonial existia a Casa dos Inválidos, destinada a albergar os militares idosos (ALCÂNTARA, 2004). As instituições filantrópicas exclusivamente voltadas aos idosos, denominadas de asilos, surgiram no final do século XIX e início do século XX.

Criou-se no Brasil, durante os períodos colonial e imperial, uma monocultura açucareira e posteriormente cafeeira, cuja mão de obra era escrava. Os escravos viviam pouco e a maioria não alcançava a velhice. Os poucos que conseguiam tal façanha não contavam com qualquer amparo social ou senhorial regulamentado, muitas vezes passando a viver de forma precária, dos favores do senhor. A primeira legislação neste sentido é a Lei dos Sexagenários de 1885:

§13º Todos os libertos maiores de 60 anos, preenchido o tempo de serviço de que trata o §10º, continuarão em companhia de seus ex-senhores, que serão obrigados a alimentá-los, vesti-los, e tratá-los em suas moléstias, usufruindo os serviços compatíveis com as forças deles, salvo se preferirem obter em outra parte os meios de subsistência, e os Juizes de Órfãos os julgarem capazes de o fazer.

Ao final do período imperial brasileiro, há um enfraquecimento do sistema patriarcal, com a valorização do jovem com formação acadêmica e o questionamento da autoridade do patriarcado agrário. Tal movimento foi encarnado pelo favorecimento do Imperador, Dom Pedro II, entusiasta da cultura intelectual, que colocou os jovens bacharéis em posição de destaque na administração, na magistratura, na política e nas letras do império.

Desertor da meninice – que parece ter deixado sem nenhuma saudade – Pedro II foi, entretanto, o protetor do Moço contra o Velho, no conflito, que caracterizou o seu reinado, entre o patriarcado rural e as novas gerações de bacharéis e doutores. Entre os velhos das casas-grandes, habituados a se impor por um prestígio quase místico da idade, e os moços acabados de sair das academias de São Paulo e de Olinda; ou vindos de Paris, de Coimbra, de Montpellier. Moços a quem o saber, as letras, a ciência cheia de promessas, começaram a dar um prestígio novo no meio brasileiro. (FREYRE, 2013, p.193)

O prestígio do idoso no Brasil no final do império de início da república dependia quase que inteiramente da posição social por ele ocupada. Com o *boom* do crescimento populacional, o maior contingente de idosos carecia de assistência social e de um sistema de previdência que só foram se consolidar no século XX, após imensas lutas, na Europa, nos Estados Unidos e posteriormente no Brasil, de diversos segmentos sociais

clamando por direitos e igualdade. Inicialmente o movimento operário impulsionou as ideias que iriam constituir o estado social, os direitos sociais perante o estado. Desta luta de classes é que surge a proteção ao idoso e às outras categorias sociais subjugadas perante o capitalismo, para resgatá-las a uma categoria de igualdade e dignidade.

3 PONDERAÇÕES SOBRE O ENVELHECIMENTO

O envelhecimento é um processo complexo que dá origem a um conceito fluído sobre o que é a velhice, enquanto período na vida humana, e quando situá-la, para assim definir o indivíduo idoso, aquele que se encontra neste período. O critério cronológico é um dos mais utilizados para constituir a definição de idoso que, embora seja um critério amplamente aceito, não considera diversas dimensões muito mais abrangentes como a biológica, a psicológica e social. Na idade média, época em que a expectativa de vida era extremamente baixa, um homem de cinquenta anos já era considerado velho, já apresentava inúmeras debilidades físicas e era socialmente aceito como velho.

[...] a velhice, como todas as situações humanas, tem uma dimensão existencial: modifica a relação com o mundo e com sua própria história. Por outro lado, o homem nunca vive em estado natural: na sua velhice, como em qualquer idade, um estatuto lhe é imposto pela sociedade a qual pertence. (BEAUVOIR, 1990, p.15)

Após a segunda guerra mundial, a Organização das Nações Unidas – ONU, em sua resolução 39/125, durante a Primeira Assembleia Mundial das Nações Unidas sobre o Envelhecimento da População, utilizou o critério cronológico para definição de idoso: nos países em desenvolvimento são consideradas idosas aquelas pessoas com idade igual ou superior a 60 anos; nos países desenvolvidos são idosas as pessoas idade igual ou superior a 65 anos.

Essa análise, através da dimensão cronológica apenas, não dá conta de compreender o envelhecimento. Cada vez mais nos deparamos com humanos que cronologicamente envelheceram, mas que continuaram jovens física e psicologicamente, ou seja, que continuaram ativos, conservando autonomia e capacidade para o trabalho, desenvolvimento de atividades físicas, e em plena atividade para a criação intelectual, para quem a convivência social e a afetosidade são importantes como fatores de prolongamento desta autonomia e independência. Idosos que se mantêm ativos ao longo da vida apresentam ganhos na saúde, com maior autonomia e independência (CRESS *et al.* 1999).

A crítica ao critério puramente cronológico tem se fortalecido. Nesse aspecto, para Bobbio (1997) o envelhecimento não é uma cisão em relação à vida precedente, um momento em apartado, mas é, na verdade, uma continuação da adolescência, da juventude, da maturidade que podem ter sido vividas de diversas maneiras. Para o autor, portanto, também as circunstâncias históricas, relacionadas tanto à vida privada quanto à vida pública, exercem importância nos determinantes da velhice.

A denominação ‘velho’ não é mais adequada para designar os indivíduos que se encontram neste período da vida e sua nova forma de comportamento em tempos contemporâneos. Surge, desse modo, a denominação ‘idoso’, mais respeitosa e melhor adaptada. Peixoto (1998) analisa a passagem do uso de ‘velho’ para ‘idoso’, tanto na França como no Brasil, e mostra a transformação do uso público das expressões relacionadas ao envelhecimento. A denominação ‘velho’ estava fortemente associada aos sinais de decadência física e incapacidade produtiva, sendo utilizado para designar de modo pejorativo sobretudo os velhos pobres. A substituição por ‘idoso’, iniciada na França a partir da década de 60, constitui uma tentativa de se desvincular deste estereótipo que estigmatizava esta parcela da população, primeiramente difundido entre as classes médias de aposentados, com a finalidade de associar a ideia de velhice à possibilidade de qualidade de vida. Surge o termo ‘terceira idade’ que torna pública, estabiliza e legitima esta nova percepção. Parece clara a contribuição decisiva dessa nova denominação para criação e difusão de uma nova e positiva imagem da velhice (SILVA, 2008).

Com o aumento da expectativa de vida, o termo “terceira idade”, originário na França na década de 1960, foi utilizado para descrever a idade na qual a pessoa se aposentava. Sequencialmente, a primeira idade seria a infância (improdutividade, mas com possibilidade de crescimento); e a segunda idade seria a vida adulta (etapa produtiva). Com o avanço contínuo da esperança de vida, a expressão “terceira idade” passou a designar a faixa etária intermediária entre a vida adulta e a velhice (NERI, 2000).

[...] aos 60 anos, quando me aposentei, por livre e espontânea vontade, queria sentir o prazer de uma vida boêmia, sem preocupações [...] Os primeiros seis meses foram uma lua de mel particular. Mas depois de seis meses, eu vi que a vida não tinha sentido. Eu precisava arranjar alguma coisa para fazer, que eu gostasse. Quando parei de trabalhar, só pensava em aproveitar, mas sem objetivos. Foi um momento de sofrimento para mim. Então eu comecei a procurar algo que me interessasse, independentemente do sustento. (DEBERT, 2004, p.187)

Segundo Fernandes (1997), seja qual for a ótica em que se discuta ou escreva acerca da velhice, é desejável respeitar os direitos intangíveis ou intocáveis do cidadão

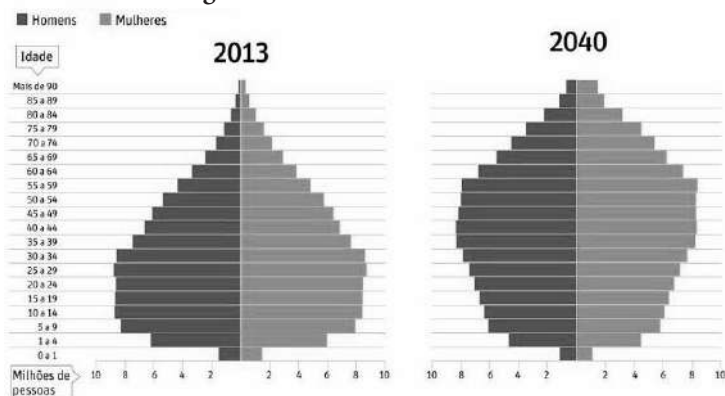
idoso. Essas situações que dizem respeito a quatro pontos especiais, que são: tratamento equitativo, através do reconhecimento de direitos pela contribuição social, econômica e cultural, em sua sociedade, ao longo da sua vida; direito à igualdade, por meio de processos que combatam todas as formas de discriminação; direito à autonomia, estimulando a participação social e familiar, o máximo possível; direito à dignidade, respeitando sua imagem, assegurando-lhe consideração nos múltiplos aspectos que garantam satisfação de viver a velhice.

“Prolongar a vida sem propiciar um significado para a existência não é a melhor resposta para o desafio do envelhecimento.” (GOLDSTEIN, 2000, p. 132).

4 A INVERSÃO DA PIRÂMIDE ETÁRIA NO BRASIL

Segundo projeções do IBGE (2013), o Brasil apresentará índices de crescimento populacional até o ano de 2042, quando terá cerca de 228 milhões de habitantes. Espera-se que, nesse ano, aconteça um crescimento próximo de zero. Após esse período, as taxas de crescimento serão negativas, o que representará uma queda no número populacional. Com essa diminuição na taxa de natalidade e com o acréscimo do número de idosos no país, percebe-se que o Brasil apresenta um novo modelo de pirâmide etária, o qual se apresenta próximo ao dos países desenvolvidos. (Figura 1)

Figura 1 – Pirâmide etária brasileira



Fonte: IBGE. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Projeção da População por Sexo e Idade para o Brasil, Grandes Regiões e unidades da Federação, 2013.

O Brasil, que fora considerado um país de jovens há algumas décadas, conta, atualmente, com projeções que apontam o inverso desse pensamento. O IBGE diz que, em 2025, haverá 34 milhões de pessoas com idade superior a 60 anos, o que colocará o

país na sexta posição mundial. Esse crescimento terá influência direta na economia, na assistência social, na saúde e no mercado de trabalho (LINDOSO, 2002).

Para os idosos, a questão central será, então, garantir um sistema previdenciário que permita qualidade de vida e sobrevivência condigna em um país onde ser idoso é frequentemente um risco, visto que a sociedade ainda não está apta a lidar com o crescimento e as demandas desse grupo populacional específico. Consequentemente, mudanças de cultura e educação direcionadas à sua valorização são vitais, sendo pré-condições para a tomada de decisões em várias áreas importantes, como a saúde e a infraestrutura urbana, por exemplo. Na área da saúde, destacam-se ações relacionadas à ampliação e melhoria no atendimento; preparação de quadros técnicos e profissionais nos campos da Geriatria, Fisioterapia e Terapia Ocupacional; e manutenção da convivência por meio do lazer e do incentivo à continuidade do trabalho. Na área da infraestrutura urbana, cabe realce à adequação do espaço urbano e das moradias a esses novos contingentes, cuja tendência na estrutura populacional é crescente. (SIMÕES, 2016, p. 100-101)

5 BREVE HISTÓRICO DOS DIREITOS DOS IDOSOS NO BRASIL

O início da República é marcado pela pouca presença do estado na assistência ao idoso, geralmente realizada por instituições filantrópicas e particulares, em convênio com o estado. Somente com a constituição de 1934 surge referência ao idoso no Artigo nº 121 que dizia: “instituição de previdência, mediante atribuição igual da União, do empregador e do empregado, a favor da velhice, [...]”; assegurava direito à previdência social, ainda que exclusivamente aos que trabalhavam de forma registrada.

(...) foi assinada pelo Ministério do Trabalho e da Previdência Social a primeira medida normatizadora da assistência aos idosos, restrita aos beneficiários do sistema previdenciário (Portaria 82, de 04 de Julho de 1974). A velhice despossuída, dependente historicamente da ação caritativa dos indivíduos, das Santas Casas de Misericórdia, foi contemplada, alguns meses após, com a renda mensal vitalícia (Lei 6.179/74). Nesse mesmo ano, o Estado, separando a Previdência do Trabalho, criou o Ministério da Previdência e Assistência Social (Lei 6062/74). (HADDAD, 1998, p.29)

A história dos direitos reservados aos idosos no Brasil passou por vários estágios, ganhando evidência através de garantias inseridas na Constituição Federal de 1988, e aprofundadas a partir das leis infraconstitucionais: Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS) - nº 8.742/93, regulamentando o Benefício de Prestação Continuada para deficientes e idosos a partir de 65 anos; Lei nº 8.842/94 que institui a Política Nacional

do Idoso; Lei nº 10.741 - Estatuto do Idoso, sancionada em 2003, ampliando os direitos dos cidadãos com idade acima de 60 anos; e a Portaria 2528/GM/2006 que instituiu a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa.

Das inovações quanto aos direitos dos idosos, duas merecem especial atenção pela tentativa do resgate dos idosos da marginalização social. A Constituição brasileira de 1988, em seu Artigo nº 229, traz o princípio da reciprocidade, no amparo obrigacional de alimentos dos pais aos filhos quando menores, e destes, quando maiores, com os pais na enfermidade, pobreza e carência. O Artigo nº 12 do Estatuto do Idoso, que diz que a obrigação alimentar é solidária, ou seja, apesar de todos os filhos terem a obrigação, a ação pode ser promovida contra um deles somente. Logo, trata-se de uma garantia constitucional a um direito fundamental aos alimentos, como integrante do direito à saúde e à vida. O §2º. do Artigo nº 10 da lei 10.741/03, Estatuto do Idoso, trata da inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral, da proteção à imagem, à identidade da pessoa idosa, a sua autonomia, os seus valores, suas ideias e a liberdade de expressá-las, além de professar a crença, os espaços e os objetos pessoais. Trata-se de inovações normativas importantes na tentativa de garantir que o idoso tenha garantias de autonomia e liberdade e se mantenha partícipe e assistido pelo estado e pela sociedade.

Esse tema, entretanto, não se esgota nas leis especificamente direcionadas. O conjunto normativo que compõe o rol de direitos do idoso está em processo de modificação. Reformas como a trabalhista e a previdenciária e mesmo a da Lei Orgânica de Assistência Social serão implementadas em breve, alternado significativamente a legislação apresentada neste artigo. A crise atual do estado brasileiro, longe de ser apenas econômica e moral, questiona o modelo do estado brasileiro, ou seja, a fracassada tentativa de implantação do estado de bem-estar social no Brasil a partir da Constituição de 1988, em oposição ao modelo de estado neoliberal, no qual há a diminuição do tamanho do estado e dos serviços por ele providos. Nesse contexto, com a evidência da população idosa e seu crescimento considerável, há de se pensar que as demandas dessa parcela populacional deverão crescer, pressionando por políticas públicas, ao mesmo tempo em que o estado brasileiro implementará medidas de austeridade que impactarão na prestação dos serviços públicos de saúde, seguridade social e educação.

6 COLÉGIO PEDRO II ABERTO À TERCEIRA IDADE

O Colégio Pedro II (CP II), foi fundado em 2 de dezembro de 1837 para ser o padrão do ensino secundário do Império no Município da Corte e modelo oficial para

as províncias. (DÓRIA, 1997). Desde então, tornou-se um modelo para a educação pública no Brasil e atravessou seus 180 anos de existência primando pela excelência na formação dos jovens. O Colégio sintetiza a proposta educacional do Imperador Pedro II para a formação daqueles jovens que, à época, passariam a exercer os cargos de destaque na administração pública.

O programa de extensão Colégio Pedro II aberto à Terceira Idade, iniciou em 2015 com atividades no Complexo Escolar de São Cristóvão e foi expandido em 2016 para o *Campus* Duque de Caxias, oferecendo a oportunidade de cursos, oficinas e palestras aos idosos com idade acima de 60 anos. Com o objetivo de promover o convívio social, a educação continuada e a inserção do idoso na comunidade escolar deste tradicional colégio, o referido programa se constitui em uma proposta interdisciplinar que se estrutura sobre três eixos: participação, integração e autonomia dos idosos.

Os cursos oferecidos pelo programa priorizam as áreas de Artes, Cultura, Esporte e Lazer, Língua Estrangeira, Música e Tecnologia, destacando a importância da formação continuada como item essencial para a qualidade de vida do idoso e para o exercício de sua cidadania através da inserção do idoso no uso das tecnologias. Além disso, o convívio no ambiente escolar permite potencializar e dinamizar seus conhecimentos e realizar a troca de experiências intergeracionais, do conhecimento de seus direitos e da necessidade da luta social para efetivá-los.

O programa promove atividades festivas nas datas comemorativas, com música, danças e apresentação do coral e palestras periódicas sobre Direitos dos Idoso, Saúde do Idoso e Alimentação e Vida Saudável.

O programa iniciou no segundo semestre de 2015, com turmas no *Campus* São Cristóvão, totalizando 116 inscritos distribuídos nas oficinas de artes, Tai Chi Chuan, espanhol, coral e informática, sendo que cada idoso pode participar de mais de uma oficina. No ano 2016 o programa prestou atendimento a 188 idosos, sendo 132 atendidos no *Campus* São Cristóvão e 56 atendidos no *Campus* Duque de Caxias, divididos entre as turmas de alemão, artes, coral, espanhol, inglês, informática, origami, Tai Chi Chuan, livro criativo e a oficina sabores da memória (culinária). No ano de 2017, o programa iniciou suas atividades no mês de abril, no *campus* São Cristóvão, com professores voluntários para as oficinas de artes, dança de salão, direito dos idosos, reciclagem, sabores da memória (culinária), Tai Chi Chuan e teatro nas quais serão atendidos 149 inscritos e haverá uma segunda etapa na qual professores do Colégio Pedro II irão ministrar oficinas no *Campus* Duque de Caxias, onde serão ofertadas 100 vagas, e incluídas oficinas de Língua Estrangeira e Informática.

A palestra “Direito a ser idoso” surgiu com o intuito de promover a prática da cidadania, através da conscientização dos direitos do idoso. O direito de reivindicar

deve ser o primeiro pressuposto dessa prática, podendo ser alcançado por meio da discussão dos direitos e dos deveres das diferentes gerações com relação aos idosos. Reivindicar os direitos é uma etapa de autoafirmação necessária à melhoria das práticas de toda a sociedade com relação ao idoso. Para 2017, a palestra se fixou na grade do programa como minicurso/oficina mensal “Direitos do Idoso”, com 25 inscritos, duração de uma hora e meia, e a discussão de um tema diferente a cada encontro: reforma previdenciária, direito a tramitação processual diferenciada, meia entrada e gratuidades, transporte público e vagas de estacionamento, direitos do consumidor, órgãos de proteção ao direito do idoso.

Gráfico 1

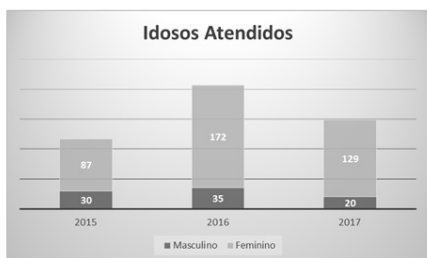


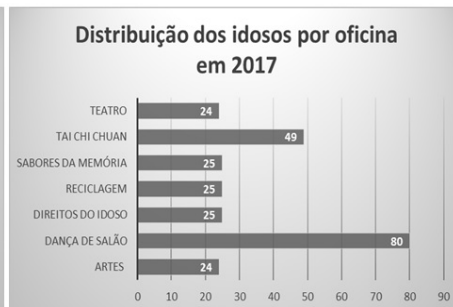
Gráfico 2



Gráfico 3



Gráfico 4



Fonte: Diretoria de Extensão, Pró-reitoria de Pós-graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II.

Os direitos são discutidos diretamente com os idosos, com exemplos reais e com respostas às dúvidas. São abordados os direitos que têm maior implicação no cotidiano: o direito ao transporte público gratuito intermunicipal com 65 anos e interestadual com 60 anos; o atendimento preferencial; as vagas de estacionamento reservadas aos idosos e a forma de cadastro na prefeitura para poderem usufruir deste direito; a meia-entrada em cinemas, teatros e eventos culturais; as ações de pedidos de remédios, internamentos e exames; o direito à tramitação diferenciada do processo judicial; os

órgãos de defesa do idoso: Conselho Estadual do Idoso, Conselho Municipal do Idoso, Defensoria Pública, Delegacia do Idoso; o plantão judiciário; os crimes de maus tratos, abandono, negligência e violência financeira contra o idoso, bem como a reforma trabalhista e a reforma previdenciária e seus possíveis impactos na população idosa.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O idoso desempenhou diferentes papéis em de acordo com o momento histórico de cada sociedade, assumiu protagonismo em algumas e em outras foi relegado à margem. Os próprios conceitos que definem o envelhecimento se modificaram historicamente e não dão conta de um resultado satisfatório, na maioria das vezes utilizam apenas o critério cronológico, ignorando diversas dimensões muito mais abrangentes como a biológica, a psicológica e social.

Os dados de crescimento populacional apontam alterações na dinâmica demográfica brasileira e os impactos decorrentes do processo de envelhecimento da população, ensejando a discussão urgente dos direitos dos idosos e uma forma de preparar a sociedade e humanizá-la em relação à socialização, aos cuidados e ao respeito com o idoso.

A escola é esse espaço de discussão de direitos e construção de cidadania. O Colégio Pedro II, na vanguarda da educação no Brasil, promove, através do Programa Pedro II Aberto à Terceira Idade, a discussão sobre o papel do idoso na sociedade brasileira atual, dos direitos dos idosos e da socialização e educação continuada dos idosos, necessárias à qualidade de vida e valorização social.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Adriana de Oliveira. **Velhos institucionalizados e família: entre abafos e desabafos**. Campinas: Alínea, 2004.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Trad. De Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória: de senectude e outros escritos autobiográficos**. Rio de Janeiro: *Campus*, 1997.

BRASIL. **Constituição (1934)**. Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro, 1934. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm>. Acesso em 14 out.2016.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília - DF: Senado Federal, 2006.

_____. Lei n. 3.270, de 28 de setembro de 1885: Lei dos Sexagenários. Regula a extinção gradual do elemento servil. In: **COLEÇÃO de leis do Império do Brasil**, 1885, v. 1. Disponível em: <<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=50753&norma=66550>>. Acesso em: 10 de out. 2016.

_____. **Lei no 10.741**, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 3 out. 2003.

CRESS, M. Elaine, *et al.* Exercise: effects on physical functional performance in independent older adults. **Journal of Gerontology Advanced Biological Sciences Medical and Science**, v.54, n.5, p.242-248, 1999.

DEBERT, Guita Grin. **A Reinvenção da Velhice**: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento. São Paulo: Universidade de São Paulo, FAPESP, 2004.

DÓRIA, Escragnolle. **Memória Histórica do Colégio Pedro II: 1837-1937**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 1997.

FERNANDES, Flávio da Silva. **As pessoas idosas na legislação brasileira**: direito e gerontologia. São Paulo: LTR; 1997.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mocambos**. 1ª edição digital. São Paulo, Global, 2013.

GOLDSTEIN, Lucila Lucchino; NERI, Anita Liberalesso. Tudo bem, graças a Deus: religiosidade e satisfação na maturidade e na velhice. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). **Qualidade de vida e idade madura**. Campinas: Papirus, 2000.

HADDAD, Eneida Gonçalves de Macedo. Idosos: do assistencialismo ao direito. **Revista Inscrita**, Brasília, v.6. p.19-25, 1998.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística. **Projeção da população do Brasil por sexo e idade 2000-2060**. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. Tabelas em formato xls e ods compactados. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da_populacao/2013/default.shtm>. Acesso em: set. 2016.

_____. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais. **Projeção da População por Sexo e Idade para o Brasil, Grandes Regiões e unidades da Federação**. Rio de Janeiro: IBGE, 2013.

LINDOSO, Mônica Bezerra de Araújo. **A discriminação do idoso no acesso e na Manutenção do Emprego**. Brasília, 2002.

NERI, Anita Liberalesso; FREIRE, Sueli Aparecida. **E por falar em boa velhice**. Campinas: Papirus, 2000.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Assembleia Mundial sobre envelhecimento: **resolução 39/125**. Viena: 1982.

PEIXOTO, Clarice Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idosos, terceira idade. In: Barros, Myriam Moraes Lins de (Org.). **Velhice ou terceira idade?** Rio de Janeiro: FGV. p.69-84. 1998.

SILVA, Luana Rodrigues Freitas. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **Revista História, Ciências, Saúde**. Rio de Janeiro, v.15, n.1. p. 155-168, 2008.

SIMÕES, Celso Cardoso da Silva. **Relações entre as alterações históricas na dinâmica demográfica brasileira e os impactos decorrentes do processo de envelhecimento da população**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, 2016.

VENOSA, Silvio de Salvo. **Direito civil: parte geral**. v.1, 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

O sistema de bibliotecas no novo velho Colégio Pedro II: breve histórico e ações de gestão para atender os anseios da comunidade escolar

MÁRCIA FEIJÃO DE FIGUEIREDO

Resumo: Apresenta o Sistema de Bibliotecas do Colégio Pedro II, e reflete as ações que promove para alcançar os objetivos institucionais e, por consequência, sociais. Descreve um breve histórico, desde o estado das bibliotecas nas ex-unidades (atuais *campi*), a chegada de bibliotecários para o quadro funcional, as bibliotecas nos novos *campi* até o momento, com um Sistema consolidado e composto de bibliotecários, técnicos-administrativos e auxiliares de biblioteca. Aponta os documentos básicos utilizados para nortear as bibliotecas escolares brasileiras, e em seguida as ações da Seção de Bibliotecas e Salas de Leitura para alcançar as principais metas, a compra de livros, mobiliários e a automação do Sistema. Demonstra o papel institucional da Seção nas políticas de livros, leitura e produção científica institucional. Nas considerações finais, reflete os últimos anos das bibliotecas, as conquistas do Sistema e as necessidades ainda latentes para alcançar as demandas da comunidade escolar. Afirma o engajamento das equipes como fator essencial para a modernização das atividades do Sistema de Bibliotecas do Colégio Pedro II.

Palavras-chave: Sistema de Bibliotecas. Biblioteca Escolar.

1 INTRODUÇÃO

O Colégio Pedro II é uma das poucas escolas públicas que possui bibliotecas nas instalações dos *campi*. Biblioteca escolar conforme define a Lei nº 12.244 de 2010, “coleção de livros, materiais videográficos e documentos registrados em qualquer suporte destinados a consulta, pesquisa, estudo ou leitura” (BRASIL, 2010). Porém, a existência de bibliotecas nos *campi* do Novo Velho Pedro II é muito anterior à legislação

e tem acompanhado as mudanças sociais necessárias para atender ao público-alvo, a comunidade escolar.

Esse texto tem por premissa refletir sobre as bibliotecas do colégio do Imperador que em breve completa cento e oitenta anos e se mantém moderno, como reflete a proposta desse livro. Acredita-se que as bibliotecas do Colégio Pedro II contribuem de várias maneiras para o desenvolvimento da instituição, seja através das coleções desenvolvidas para a complementação das atividades realizadas em salas de aula, o atendimento e orientação pelas equipes aos usuários da comunidade para conclusão de pesquisa, e mesmo para fins recreativos ou literários.

As bibliotecas do Colégio Pedro II sempre ofereceram obras e pessoas para formação e desenvolvimento da cidadania, conforme deseja o *Manifesto IFLA/ UNESCO da Biblioteca Escolar*, “oferecendo-lhes a possibilidade de se tornarem pensadores críticos e efetivos usuários da informação, em todos os formatos e meios” (INSTITUTION, 2005, p. 1).

Nos últimos anos, as bibliotecas passaram por reformulações para atender às demandas sociais e tecnológicas da comunidade escolar em conformidade com a sociedade, e para isso o envolvimento das equipes, o apoio das pró-reitorias e do Magnífico Reitor foi de suma importância. As atividades necessárias envolveram cursos, aquisições, estudos e o desenvolvimento de projetos. Algumas mudanças são perceptíveis e outras pela devida complexidade estão no início, mas todas são voltadas para o bem-estar da comunidade escolar.

Assim, nesse texto pretende-se pensar o papel do Sistema de Bibliotecas do Colégio Pedro II, apresentar um breve histórico desses espaços e apontar as mudanças nos últimos anos com vistas a atender os objetivos da comunidade escolar, e a missão institucional. É necessário ressaltar que o olhar desse artigo é para ações do sistema, nos *campi* ocorrem diversas atividades que não estão descritas aqui, visto que cada uma, pelos objetivos e propósitos das equipes podem se tornar um trabalho próprio.

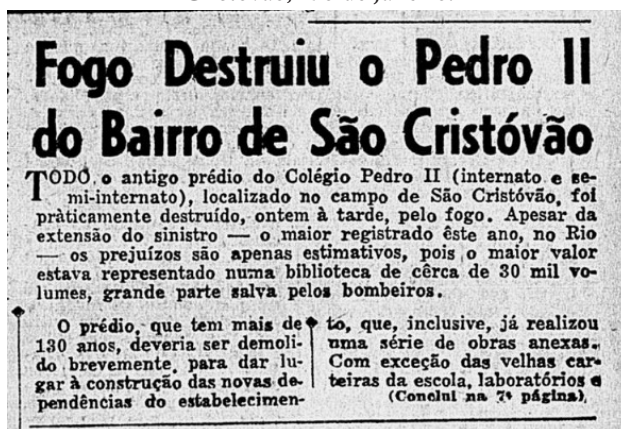
2 DESENVOLVIMENTO

Breve histórico sobre as bibliotecas do Colégio Pedro II

Apesar de poucas menções na literatura, as bibliotecas no Colégio Pedro II estão presentes há muito tempo. Curiosamente, o colégio foi inaugurado tendo como primeiro Reitor o Frei Antônio de Arrábida, bibliotecário do Convento de Santo Antônio (SOUTO, 2003 *apud* DANTAS, 2011, p. 15). Em 1961, o Colégio sofreu um incêndio e consta no noticiário da época (ver ilustração 1) que parte dos 30 mil volumes

pertencentes à Biblioteca do internato e semi-internato foram salvos pelos bombeiros. “A preocupação geral era com a biblioteca, segundo eles, uma das mais importantes do país, pois continha todos os livros de José Oiticica e de Francisco Pinheiro Guimarães” (DIÁRIO, 1961, p. 7).

Figura 1 - Notícia sobre incêndio que acomete o Colégio Pedro II do Bairro de São Cristóvão, Rio de Janeiro.



Fonte: Diário de Notícias, 18 de janeiro de 1961.

Porém, conforme observa Dantas (2011, p. 23) ao reunir depoimentos de ex-alunos, apesar da presença da biblioteca de relevante acervo em São Cristóvão as demais bibliotecas nas outras unidades escolares, atuais *campi*, eram modestas nas instalações, nos acervos oferecidos e na falta de um bibliotecário:

Na década de 1960 na Seção Norte, como era conhecida a Unidade Engenho Novo, de acordo com depoimentos de ex-alunos, “tinha uma Biblioteca. [...]. Ela era no terceiro andar e o acervo até era um acervo pra época bom. Amigos e colegas me diziam que inclusive eles liam livros de autores franceses”.

Já na década de 1970, na Unidade Tijuca, ainda de acordo com depoimentos de ex-alunos, “existia uma sala, uma sala bastante pequena com poucos livros. Praticamente os livros que o Colégio adotava era o que tinha ali na Biblioteca, era o livro didático”. (DANTAS, 2011, p.74).

Ao longo das décadas, as bibliotecas passaram a receber espaços mais confortáveis para suas atividades. Do mesmo modo, a expansão do Colégio Pedro II para outros bairros, como Realengo, Niterói e Duque de Caxias desenvolveram projetos de

construção de espaços próprios prevendo as bibliotecas. Além dos espaços físicos, o quadro funcional passou a receber códigos de vaga de bibliotecários-documentalistas, profissionais de carreira que chegaram para assumir a administração das bibliotecas. “Arriscamos afirmar que, na medida em que foram sendo incorporados ao quadro funcional do CPII, os bibliotecários começaram a dar uma nova aparência e dinâmica para as bibliotecas” (DANTAS, 2011, p. 24).

A organização das bibliotecas enquanto sistema, com padrões técnicos, administrativos e políticos dentro da instituição ocorre em 2004, através das Portarias nº1236 e nº1237, que criam o Sistema de Bibliotecas do Colégio Pedro II e constitui um Conselho Técnico para as deliberações desse sistema (COLÉGIO, 2004a). Esse conselho tem os bibliotecários como membros e o presidente era eleito pelos colegas para uma gestão de dois anos. O presidente continuava a realizar suas atividades na biblioteca da unidade onde era lotado, ao mesmo tempo em que era o canal dos profissionais para apresentar demandas e deliberações ao Setor na qual era subordinado, primeiro a Seção de Cultura, Extensão e Pesquisa e posteriormente a Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura (COLÉGIO, 2004b).

Após a reestruturação do Colégio Pedro II em 2013, realizado pela Diretora Geral e Reitora *pró-tempore* Vera Maria Ferreira Rodrigues, as unidades passam a ser *campi* e, em consulta a comunidade no ano de 2013 escolhe o Professor Dr. Oscar Halac o novo Reitor do Colégio Pedro II (COLÉGIO, 2013). Em 01 de abril de 2014 o Reitor publica a Portaria nº2810, onde cria a Seção de Bibliotecas e Salas de Leitura e o Conselho Técnico passa a ser consultivo. A subordinação da Seção passa a ser da Pró-Reitoria de Ensino, dentro da Diretoria de Assistência Estudantil (COLÉGIO, 2014a). Em agosto do mesmo ano, em nova portaria, um Centro de Documentação e Memória é criado, onde os espaços históricos passam a ter uma coordenação própria, subordinada a Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura (COLÉGIO, 2014b).

O Sistema de Bibliotecas se atém as bibliotecas escolares, salas de leitura e mediatecas e a biblioteca da pós-graduação, e objetiva a “realizar atividades informacionais de caráter educacional, cultural e científico” (COLÉGIO, 2014a, p. 2). Para atender as demandas que requer estudos fundamentados e proposição de diretrizes, alguns grupos de trabalho foram criados em setembro de 2014, a saber: Política de Desenvolvimento de Coleções, Processos e rotinas para bibliotecas e salas de leitura, Repositório institucional e Automação de Bibliotecas.

O conceito de biblioteca escolar

As bibliotecas, midiatecas e salas de leitura localizadas nas dependências do Colégio Pedro II tem por principal objetivo atender as demandas educativas da instituição. Mesmo a Biblioteca da Pós-Graduação, que é universitária, tem acervo especializado em educação básica para os programas de pós-graduação mantidos pela PROPGPEC e, apesar de acadêmica, realiza periodicamente atividades voltadas para os alunos da educação básica.

A biblioteca escolar contemporânea tem alguns documentos que norteiam as atividades, o público-alvo e os profissionais que atuam no segmento. A Lei nº 12.244/2010 além de descrever o que é uma biblioteca, como visto na introdução, dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino no Brasil:

Parágrafo único. Será obrigatório um acervo de livros na biblioteca de, no mínimo, um título para cada aluno matriculado, cabendo ao respectivo sistema de ensino determinar a ampliação deste acervo conforme sua realidade, bem como divulgar orientações de guarda, preservação, organização e funcionamento das bibliotecas escolares.

Art. 3º Os sistemas de ensino do País deverão desenvolver esforços progressivos para que a universalização das bibliotecas escolares, nos termos previstos nesta Lei, seja efetivada num prazo máximo de dez anos, respeitada a profissão de Bibliotecário, disciplinada pelas Leis nos 4.084, de 30 de junho de 1962, e 9.674, de 25 de junho de 1998.
Art. 4º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação (BRASIL, 2010).

Outro documento norteador é o *Manifesto IFLA/UNESCO para a biblioteca escolar* (INSTITUTION, 2005). Nele há algumas orientações para a missão e o funcionamento da biblioteca escolar, como: a biblioteca deve habilitar o estudante para a aprendizagem; além de livros deve promover outras fontes de informação, impressas ou eletrônicas, enriquecida de manuais, obras didáticas e metodológicas; o bibliotecário e o professor devem trabalhar em conjunto; a biblioteca deve oferecer serviços a toda a comunidade escolar, sem distinção “de idade, raça, sexo, religião, nacionalidade, língua e *status* profissional e social; por fim, os serviços e coleções não devem se sujeitar a qualquer forma de censura.

Para os profissionais bibliotecários, existe um documento do Conselho Federal de Biblioteconomia com o Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar – GEBE, mantido na Universidade Federal de Minas Gerais, intitulado *Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento: parâmetros para bibliotecas escolares*, onde

aponta indicadores para espaço físico, acervo, computadores com acesso à internet, organização do acervo, serviços e atividades e pessoal. Esse documento possibilita padronizar produtos e serviços nas bibliotecas escolares de modo a atender o público-alvo (CONSELHO, 2010).

O estado das bibliotecas no Colégio Pedro II

Nos últimos dez anos, houve avanços significativos nas bibliotecas do Colégio Pedro II, a começar pelo aumento expressivo de bibliotecários-documentalistas de carreira, atualmente dezoito profissionais de nível superior, e a chegada de trinta de dois auxiliares de bibliotecas nos últimos dois anos. A soma dos novos bibliotecários e auxiliares, com aptidão de novos recursos tecnológicos, aos profissionais que já trabalhavam na instituição e possuem vasta experiência no desenvolvimento de aprendizagem contribuiu para que as bibliotecas e as salas de leitura renovassem suas instalações, sem perder o foco no atendimento à comunidade escolar.

Assim, além da organização técnico-administrativa centralizada e determinada na Portaria 2.810, alguns projetos e demandas começaram a ser trabalhados com dedicação exclusiva, pela Seção de Bibliotecas e Salas de Leitura, para obtenção dos objetivos iniciais, a saber: a aquisição de livros, a aquisição de mobiliários e a automação das bibliotecas.

A aquisição de livros

Apesar da existência de bibliotecas em todos os *campi* do segundo segmento do ensino fundamental e médio, e de salas de leitura nos *campi* de primeiro segmento do ensino fundamental, não havia aquisição de livros por compra. Era comum a realização de atividades culturais para doações de livros, e ações individuais, pelo interesse da própria comunidade escolar em manter os espaços abertos e com novidades.

Em 2014, a Seção de Bibliotecas e Salas de Leitura procurou outros bibliotecários responsáveis por aquisição nos Institutos Federais de Educação Superior para compreender como deveria ser feito a compra de títulos de modo centralizado para o Sistema de Bibliotecas do Colégio Pedro II. A troca de editais e as orientações contribuíram para abrir um pedido de compra de cinco mil títulos, listagem realizada pelos bibliotecários e professores lotados nas bibliotecas e salas de leitura.

Assim, ocorre o Pregão 18/2014 e até o final de 2015 os livros eram entregues na Seção de Almoxarifado e passavam por triagem na Seção de Bibliotecas e Salas de Leitura, antes de ir para o *campus* demandante. O controle da listagem funcionou mas

para a aquisição em maior quantidade se tornou inviável. A realização do primeiro pregão contribuiu para aprimorar os processos de aquisição pela Seção.

Em dezembro de 2015, em parceria com a PROPGPEC abre-se um novo pedido de aquisição de livros, dessa vez de quatro itens: 1. Aquisição para as bibliotecas, mediatecas e salas de leitura; 2. Aquisição para a PROPGPEC; 3. Atender as demandas técnicas da PROAD, PROGESP e PRODI, adquirindo literatura especializada; 4. Atender aos alunos em situação de vulnerabilidade na aquisição de paradidáticos e didáticos. Desse pedido surge o Pregão 38/2016 cuja ata de registro de preço está em vigora até junho de 2017.

A aquisição de mobiliários

Outra demanda apontada pelos profissionais era a necessidade de mobiliários para os espaços de informação. Havia dois motivos que tornavam a aquisição algo prioritário: os mobiliários dos espaços já existentes em péssimo estado de conservação, salvo poucos locais; e as bibliotecas criadas ou planejadas recentemente, como é o caso dos *Campi* Duque de Caxias e São Cristóvão III e Niterói.

Durante os últimos dois anos o Colégio Pedro II autorizou a aquisição de estantes, armários, e outros itens para atualizar e atender as novas bibliotecas, e o resultado foi a inauguração das Bibliotecas de Duque de Caxias, São Cristóvão III e Niterói. É possível afirmar que o envolvimento das equipes de cada biblioteca e o apoio institucional foi essencial para inaugurar três bibliotecas em pouco tempo.

A automação das bibliotecas

Em fevereiro de 2014, a Diretoria de Tecnologia da Informação - DTI, subordinada à Pró-Reitoria de Desenvolvimento Institucional – PRODI, apresentou uma versão demonstrativa do aplicativo *open source* Koha, para análise das equipes das bibliotecas, mediatecas e salas de leitura, com vistas oferecer uma plataforma automatizada *multicampi*. O aplicativo engloba catálogo *online*, cadastro de usuários, circulação (empréstimo, devolução, renovação e reserva), e ferramentas para tomada de decisão, como inventário (por base e completo), relatórios e estatísticas. Durante todo o ano houve análises e relatos dos profissionais com a avaliação do aplicativo no uso cotidiano, ao mesmo tempo em que a Seção de Bibliotecas e Salas de Leitura parametrizava os detalhes (bases, domínios, usuários, tipos de materiais) para testes¹.

1 Para melhor compreensão do período de análise, ver o artigo de Figueiredo em 2015 na Revista Digital

A aprovação do aplicativo pelas equipes, tanto do Sistema de Bibliotecas como da DTI provocou outras ações com a finalidade de desenvolver o projeto, como a formalização de uso do Koha, a criação do Grupo de Trabalho, portaria nº 4905, de 15 de setembro de 2014, a solicitação a PROGESP de um curso de capacitação em linguagem MARC (*Machine Readable Catalog*) que atende não apenas ao Koha mas a qualquer aplicativo padrão para bibliotecas que utilizem essa linguagem interoperável. O Grupo de Trabalho se reúne periodicamente para estudar as etapas de implantação e discutir as novas ações necessárias para a continuidade do projeto (COLÉGIO, 2014c).

Em 2015, a implantação do aplicativo continua, primeiro com a instalação no servidor da versão de produção, cujo início das inserções de dados inicia em abril e em seguida com a capacitação das equipes através do *Curso de Gerenciamento de Bibliotecas*, novamente promovido em parceria com a Seção de Desenvolvimento Corporativo – SEDEC, da PROGESP, durante os meses de junho e julho e divididos em turmas pela manhã e tarde (COLÉGIO, 2015). As senhas de acesso foram distribuídas após a conclusão do curso².

A partir dessa etapa até os dias atuais, ocorre a alimentação das bases com a necessária autonomia de cada espaço. Algumas bibliotecas estão totalmente automatizadas, isto é, possuem todo os dados do acervo disponível na base e realizam atividades de circulação pelo Koha, enquanto outras estão no início da inserção de dados, realizando as demais atividades de modo manual.

Outras atividades da Seção de Bibliotecas

As necessidades mais perceptíveis das equipes, compras de livros, mobiliários e a automação do sistema de bibliotecas, são ações de longo prazo e necessitam de atenção periódica, como elaboração de listagens de aquisição e abertura frequente de processos na instituição. Mas essas ações não são as únicas realizadas pela coordenação do Sistema de Bibliotecas.

A Seção deixa de ser totalmente voltada para as atividades das bibliotecas, mediatecas e salas de leitura e passa a ter um papel institucional nas ações que requer atenção com publicações. Isso significa gerenciamento da *área do editor na página do ISBN*, mantida pela Fundação Biblioteca Nacional, onde toda obra publicada pela comunidade escolar e fomentada pelo Colégio Pedro II pode receber uma numeração

de Biblioteconomia e Ciência da Informação – RDBCI publicada pela UNICAMP. Dados nas referências.

2 As etapas de implantação do Koha também estão publicadas em artigo de periódico, de autoria de Figueiredo e Terra, na Revista ACB. Dados nas referências.

internacional. A centralização do uso pela Seção cria padrão de atendimento institucional a essa demanda, de modo que é possível mensurar imediatamente todas as obras publicadas com o prefixo editorial do Colégio Pedro II.

Do mesmo modo, a Pró-Reitoria de Ensino determina que a Seção de Bibliotecas e Salas de Leitura realize as atividades concernentes aos livros didáticos quando for ações centralizadas. Assim, divulgação de informes do FNDE/COARE, pedidos centralizados a reserva técnica para livros didáticos em falta comunicação direta com o órgão são feitas pela Seção, na tentativa de atenuar problemas na instituição.

As bibliotecas escolares do Colégio Pedro II são referência para o ensino de biblioteconomia no Estado do Rio de Janeiro, primeiro pela relevância institucional na educação básica brasileira e em seguida pelas atividades realizadas nos espaços informacionais. É comum a mediação da Seção no atendimento a pesquisadores e alunos de graduação que desejam realizar atividades de pesquisa, na escolha do *campus* e na descrição da prática local. Isso contribui para a abertura de processo na Diretoria de Pesquisa e sucesso na atividade desejada na biblioteca escolhida.

Como exemplo desse tipo de atividade, pode-se apontar o Projeto de Extensão realizado pelo Curso de Biblioteconomia e Gestão da UFRJ, coordenado pelas Professoras Dra. Nysia Sá e Msc. Marianna Zattar, intitulado *A competência em informação na iniciação científica no curso de meio ambiente*, e autorizado pela Diretoria de Pesquisa. As primeiras etapas foram reuniões para compreender a realidade do Colégio Pedro II, em especial os alunos do curso integrado de meio ambiente, e as bibliotecas do Complexo de São Cristóvão, além dos recursos humanos e físicos para as atividades (COLÉGIO, 2015).

Por fim, é necessário apontar a existência de ações cotidianas nas atividades da Seção como: doação de exemplares de obras para todos os *campi*; mediação e suporte sobre servidores lotados nas bibliotecas e salas de leitura; apresentação de demandas à PROGESP para capacitação técnica de cursos específicos para a área; divulgação das ações sistêmicas através de submissão de artigos a periódicos científicos e eventos acadêmicos; consulta técnica a comunidade escolar sobre as bibliotecas e as produções científicas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho apresentou as ações do Sistema de Bibliotecas do Colégio Pedro II, de modo a demonstrar a relevância da manutenção desses espaços de informação como um local de aprimoramento das práticas de aprendizagem, fomento à leitura e a recreação por meio das letras. Além disso, um local para o desenvolvimento crítico do cidadão, de modo que sua formação contribua para o desenvolvimento da sociedade,

como deseja o *Manifesto IFLA/UNESCO da biblioteca escolar*.

Nos últimos dez anos, o Colégio Pedro II vivenciou fortes mudanças, como a expansão e criação de novos *campi*, a criação dos programas de pós-graduação, e a equiparação com os Institutos Federais de Educação Superior. As bibliotecas acompanharam as mudanças e o Sistema passou a conhecer a realidade de outras bibliotecas da rede federal, e a socialização das ações foi fundamental para elaboração das atividades institucionais. Isso se refletiu nas conquistas e demandas ainda latentes para a melhoria das bibliotecas.

A criação do Sistema de Bibliotecas do Colégio Pedro II e do Conselho Técnico em 2004, a chegada de novos bibliotecários em 2008 e em 2014, assim como a vinda dos auxiliares de bibliotecas em 2014 e 2016, a percepção dos espaços físicos destinados as bibliotecas desde a elaboração dos projetos de novos prédios, e o apoio institucional com a criação da Seção de Bibliotecas são pontos fundamentais para as recentes conquistas apontadas no texto.

As discussões das equipes sobre as necessidades e posteriormente a criação da Seção de Bibliotecas e Salas de Leitura foram necessários para as estratégias adotadas, na direção de oferecer acervos e espaços compatíveis com as demandas do *campus* e da PROPGPEC. Assim, a aquisição de livros, móveis e o projeto de automação realizado pelas equipes da DTI e das bibliotecas são produtos dessas mudanças dos últimos anos.

Por outro lado, ainda há inúmeras questões a serem tratadas pela Seção, visto que mudanças geram novas demandas. Adquirir equipamentos de tecnologia da informação, como computadores, impressoras, scanner, leitor de código de barras e acessórios contribuem para a continuidade do projeto de automação das bibliotecas e para usuários realizarem atividades de pesquisa, parte da missão das bibliotecas.

Esses equipamentos também permitem que seja implantado o repositório institucional, que deve receber produtos finais dos programas de pós-graduação, além de produções científicas da comunidade escolar, como artigos de periódicos, livros digitais, teses e dissertações. O projeto encontra-se em fase de elaboração de políticas e análise do aplicativo mais adequado a realidade do Colégio Pedro II.

A implantação do repositório faz parte do *Projeto Imperador*, em que os sistemas de informação passam a utilizar um mecanismo de busca integrada e, em uma única página na internet, permitindo acesso aos dados de todo o acervo da instituição, e ao conteúdo completo dos objetos digitais. O projeto também prevê um endereço na internet dessa página, atualmente, apenas o *Portal Espiral* encontra-se disponível na grande rede, o catálogo *online* está na intranet.

Todas as ações descritas ao longo do artigo demonstram que o Sistema de Bibliotecas deixa de funcionar de maneira improvisada e passam a contar com um planejamento

periódico. Isso significa que os mobiliários atuais são condizentes com as salas de leitura e bibliotecas escolares e de pós-graduação, que boa parte dos espaços estão alimentando as bases do Catálogo Imperador e disponibilizando pela Intranet os materiais disponíveis para a comunidade escolar e, talvez o mais lógico de tudo, realizando compras de livros atuais e em conformidade com os pedidos dos alunos e professores.

Além do planejamento para aquisição, ressalte-se a capacitação dos servidores, o desenvolvimento de políticas por meio dos grupos de trabalho, a renovação das práticas por meio da renovação das equipes e a troca de saberes com os mais experientes. Para a academia, temos sido objeto de pesquisa no âmbito da biblioteca escolar, e recebemos contato de estudantes de graduação e pós-graduação para a realização de atividades de pesquisa dentro dos espaços, além de receber pelo terceiro ano o Projeto de Extensão citado acima.

Por fim, ressalte-se o engajamento dos bibliotecários, técnicos-administrativos e auxiliares de bibliotecas das equipes. Os erros e acertos de cada etapa dos projetos apresentados nesse artigo foram apontados e em vários casos solucionados em equipe, sem que houvesse perdas significativas. O apoio institucional também foi extremamente necessário para o andamento das ações sistêmicas promovidas pela Seção de Bibliotecas e Salas de Leitura.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 12,244, de 24 de maio de 2010. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 25 maio 2010.

COLÉGIO PEDRO II. **Alunos de Meio Ambiente fazem curso de Competência em Informação**. 15 jun. 2015. Disponível em: < http://www.cp2.g12.br/ultimas_publicacoes/211-noticias2015/3070-alunos-de-meio-ambiente-fazem-curso-de-competencia-em-informacao.html>. Acesso em: 14 dez. 2016

_____. **Curso de gerenciamento de bibliotecas**. 15 jun. 2015. Disponível em: < https://www.cp2.g12.br/ultimas_publicacoes/211-noticias2015/3052-cpii-realiza-curso-gerenciamento-eletronico-de-bibliotecas.html>. Acesso em: 13 dez. 2016.

_____. **Campus São Cristóvão III inaugura biblioteca no dia 19 de julho**. 13 jul. 2016. Disponível em: <https://www.cp2.g12.br/ultimas_publicacoes/220-not%3%ADcias2016/5043-campus-s%3%A3o-crist%3%B3v%3%A3o-iii-

inaugura-biblioteca-no-dia-19-de-julho.html> Acesso em: 07 dez. 2016.

_____. **Há mais de três décadas no CPII, professor comandará um dos mais tradicionais colégios do Rio nos próximos quatro anos.** 2013. Disponível em: <<http://cp2.g12.br/dgp/123-dgp/destaques-dgp/736-primeiro-reitor-eleito-do-pedro-ii-oscar-halac-fala-dos-desafios-na-institui%C3%A7%C3%A3o.html>> Acesso em: 12 dez. 2016.

_____. Portaria nº 1.236, de 23 de novembro de 2004. Cria o Sistema de Documentação e de Bibliotecas do Colégio Pedro II. **Facta**, 24 nov. 2014a. Disponível em: <[http://cp2.g12.br/UAs/se/portarias/2004/PORT.%20N%201236%20\(23-11-2004\).pdf](http://cp2.g12.br/UAs/se/portarias/2004/PORT.%20N%201236%20(23-11-2004).pdf)>. Acesso em: 14 dez. 2016.

_____. Portaria nº 1.237, de 23 de novembro de 2004. Aprova o Regimento do Conselho Técnico do Sistema de Documentação e de Bibliotecas do Colégio Pedro II. **Facta**, 24 nov. 2014b. Disponível em: <[http://www.cp2.g12.br/images/pdf/proen/portarias/2004/PORT.%20N%201237%20\(23-11-2004\).pdf](http://www.cp2.g12.br/images/pdf/proen/portarias/2004/PORT.%20N%201237%20(23-11-2004).pdf)>. Acesso em: 14 dez. 2016.

_____. Portaria nº 2.810, de 1º de abril de 2014. **Facta**, Rio de Janeiro, 01 abr. 2014a. Disponível em: <http://www.cp2.g12.br/images/comunicacao/2014/abr/normatizacao_nucleo_informacao_colegio.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2016.

_____. Portaria nº 4.231, de 4 de agosto de 2014. Institui o Centro de Documentação e Memória do Colégio Pedro II. **Facta**, 14 ago. 2014b. Disponível em: <<http://www.cp2.g12.br/images/comunicacao/2014/ago/portaria4231.pdf>> Acesso em: 13 dez. 2016.

_____. Portaria nº 4.905. Constitui grupo de trabalho para a automação das bibliotecas e salas de leitura do Colégio Pedro II. **Facta**, 17 set. 2014c.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECOLOGIA. GRUPO DE ESTUDOS EM BIBLIOTECA ESCOLAR. **Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento:** parâmetros para bibliotecas escolares. Belo Horizonte: [s.n], 2010. Disponível em: <<http://gebe.eci.ufmg.br/images/stories/padroesparabibliotecasescolares.pdf>> Acesso em: 30 nov. 2016.

DANTAS, André Gomes. **Entre memórias e silêncios: um olhar sobre as bibliotecas do Colégio Pedro II.** 2011. 126f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)- Programa

de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal Fluminense, 2011.

FIGUEIREDO, Márcia Feijão de. Análise do aplicativo Koha no Colégio Pedro II: Um relato de experiência. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 13, n. 3, p. 653-665, set. 2015. ISSN 1678-765X. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/2125>>. Acesso em: 10 dez. 2015.

FIGUEIREDO, Márcia Feijão de; TERRA, Isabela Cristina Teles. Implantação do Koha no Colégio Pedro II em quatro atos. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 253-264, dez./mar., 2016. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1154>>. Acesso em: 13 dez. 2016.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. **Manifesto IFLA/UNESCO da biblioteca escolar**. Tradução de Neusa Dias de Macedo. São Paulo: IFLA/UNESCO, 2005. Disponível em: <<http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>> Acesso em: 30 nov. 2016.

Os Autores

ANA CRISTINA COUTINHO VIEGAS

Colégio Pedro II, PROPGPEC. Contato: anacrisviegas@gmail.com.

BORIS RODRIGUES GARAY

Designer gráfico, idealizador e professor da oficina Livro Criativo. Contato: borisgaray@gmail.com

DANIÉLA RAMOS VIEIRA

Colégio Pedro II, PROPGPEC. Contato: daniravister@gmail.com.

FERNANDA BRITTO

PROPGPEC, Diretoria de Extensão do Colégio Pedro II. Contato: extensao@cp2.g12.br

ITALO DOS SANTOS ROCHA

Mestrando do MPPEB – Colégio Pedro II, membro do GEPEAIINEDU. Contato: italorocho.personal@gmail.com.

LUZIANA DE MAGALHÃES CATTA PRETA

Campus Duque de Caxias, Departamento de Espanhol. Contato: luzianamcp@gmail.com

MARCELLE RESENDE MOREIRA

Campus Engenho Novo I, Departamento de 1º Segmento, membro do GEPEAIINEDU. Contato: cellycp2@gmail.com.

MÁRCIA FEIJÃO DE FIGUEIREDO

Bibliotecária. Mestre e doutoranda em Ciência da Informação (PPGCI IBICT/UFRJ-ECO). Coordenadora da Seção de Bibliotecas e Salas de Leitura do Colégio Pedro II. Contato: marcia_feijao@cp2.g12.br

MARLA LOBÔSCO PINTO

Campus Tijuca I, Departamento de 1º Segmento, membro do GEPEAIINEDU. Contato: marlalobosco@yahoo.com.br.

MAYCON FRANCISCO MARAFIGO

Auxiliar de Biblioteca – Biblioteca Professora Silvia Becher, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II; Bacharel em Direito pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Contato: srmarafigo@gmail.com.

MÔNICA DE MENDONÇA E SICA MARTINS AGUIAR

Professora de Artes Visuais no Espaço Cultural do Colégio Pedro II - PROPGPEC-São Cristóvão. Mestranda em Arte e Cultura Contemporânea no Programa de Pós-graduação em Artes da UERJ. Contato: monisicasica@gmail.com.

SUSANA VICTOR DA COSTA

PROPGPEC - Diretoria de Extensão. Contato: suglitter@hotmail.com

THAÍS BARRETO ESTRELLA

Mestra em Nutrição Humana - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Nutricionista e pesquisadora.

WALMIR AMOEDO DO NASCIMENTO

Campus Engenho Novo II, Departamento de Ciência da Computação e Informática Educativa. Contato: walmir-amodo@uol.com.br

Índice Remissivo

A

alfabetização 28, 30, 36
Alimentação Saudável 79, 80, 81, 82, 89
aprendizagem literária 31

B

Bardin 93, 98
Biblioteca Escolar 123, 124, 127

E

Educação Básica 13, 25, 26, 28, 40, 79,
89, 94, 95, 96, 97, 106
envelhecimento 37, 64, 76, 109, 112,
113, 114, 119, 121, 122
exclusão social 44, 110
Extensão 13, 21, 37, 59, 63, 64, 79, 80,
89, 90, 93, 96, 107, 126, 131, 133

F

formação continuada 13, 14, 37, 93, 95,
98, 101, 103, 105, 106, 117
Formação Continuada 89, 93, 96
formação docente 25, 93, 95, 105

I

inclusão digital 59
Informática 56, 59, 118

L

Livro Criativo 13, 14, 15, 16, 18, 20

M

Moodle 26, 32, 96, 97, 100

N

Nutrição 79, 80, 81, 88, 89, 90

O

obesidade 81, 87
oficina de Artes 64

P

pesquisa 13, 15, 21, 22, 25, 26, 27, 31, 32,
58, 80, 93, 94, 95, 97, 98, 105, 106,
107, 123, 124, 131, 132, 133
pirâmide etária 109, 114
PIRÂMIDE ETÁRIA 114
políticas públicas 37, 81, 90, 109, 116
produção científica 123
produções literárias 25, 26, 28, 30

Q

qualidade de vida 13, 14, 15, 21, 35, 37,
43, 44, 60, 81, 113, 115, 117, 120

S

sala de aula virtual 32
Sistema de Bibliotecas 123, 124, 126,
128, 129, 130, 131, 132

T

Tecnologia 33, 117, 129
Terceira Idade 13, 14, 21, 35, 36, 37, 38,
40, 42, 43, 44, 56, 59, 60, 63, 64,
68, 109, 117, 119

Créditos

Reitor

Oscar Halac

Pró-Reitora de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura

Marcia Martins de Oliveira

Diretoria de Pós-Graduação

Francisco Roberto Pinto Mattos

Diretoria de Pesquisa

Jorge Fernando Silva de Araújo

Diretoria de Extensão

Martha Yvonne de Almeida

Diretoria de Cultura

Eloisa Saboia

Editor da Coleção

Francisco Roberto Pinto Mattos

Conselho Editorial

Adriana Maria Freitas

Aira Suzana Ribeiro Martins

Alda Maria Coimbra

Aline Viegas Vianna

Christine Sertã Costa

Edite Resende Vieira

Eloisa Saboia

Esther Kuperman

Fátima Ivone de Oliveira Ferreira

Flavia Vieira da Silva do Amparo

Francisco Roberto Pinto Mattos

Jorge Fernando Silva de Araújo

Kátia Regina Xavier Pereira da Silva

Marcia Martins de Oliveira

Marco Santoro

Martha Yvonne de Almeida

Neide Fonseca Parracho Sant'Anna

Rogério Mendes Lima

Rogério Neves

Projeto Gráfico e Diagramação

Bianca Benicio de Toledo

Impresso em Minas Gerais, em outubro de 2017,
por Globalprint Editora Gráfica Ltda. para a Editora
Colégio Pedro II.

Formato 160 x 230 mm

Tipografia Myriad Pro 10/16
Minion Pro 10/24

Papel Couché fosco 115g/m

Tiragem 500 exemplares

Ilustração e Capa

Ana Beatriz Cunha Carvas

Conselho Científico

Adriana Nogueira Accioly Nóbrega (PUC-Rio)

Agnaldo da Conceição Esquincalha (UERJ)

Allan Rocha Damasceno (UFRRJ)

Ana Ivenicki (UFRJ)

Ana Patrícia da Silva (UERJ)

Andrea da Silva Marques Ribeiro (UERJ)

Bruno Cavalcanti Lima (IFRJ)

Bruno Deusdará (UERJ)

Carmen Elena das Chagas (IFRJ)

Claudia Moura da Rocha (UERJ)

Cleci Teresinha Werner da Rosa (UPF)

Cristiane Fuzer (UFMS)

Dayala Paiva de Medeiros Vargens (UFF)

Dilma Maria de Mello (UFU)

Esequiel Rodrigues Oliveira (UERJ)

Flávia dos Santos Soares (UFF)

Francisco José Montório Sobral (IFC)

Giseli Pereli de Moura Xavier (UFRJ)

Helena Maria Marques Araújo (UERJ)

Jailson de Souza e Silva (UFF)

Janaina da Silva Cardoso (UERJ)

José Adolfo Snajdauf de Campos (UFRJ)

Lilian Nasser (UFRJ)

Lucas Matos (UERJ)

Luciana Maria Almeida de Freitas (UFF)

Marcos da Fonseca Elia (UFRJ)

Maria Aparecida Cardoso Santos (UERJ)

Maria Helena Versiani (Museu da República)

Maria Jacqueline Girão Soares de Lima (UFRJ)

Mylene Cristina Santiago (UFF)

Pedro Henrique Pedreira Campos (UFRRJ)

Renata Lopes de Almeida Rodrigues (UERJ)

Rosana Rodrigues Heringer (UFRJ)

Rundsthen Vasques de Nader (UFRJ)

Sara Regina Scotta Cabral (UFMS)

Sergio Crespo Coelho da Silva Pinto (UFF)

Sueli Salles Fidalgo (UNIFESP)

Thais Porto Amadeu (UERJ)

Viviane Silva Ramos (IFRS)

Revisão

Adriana Maria Freitas

Ana Cristina Coutinho Viegas

André Gomes Dantas

Flavia Vieira da Silva do Amparo

Martha Yvonne de Almeida

Maycon Francisco Marafijo

Simone Alves da Silva

O NOVO VELHO

Colégio Pedro II

Extensão na Educação Básica



Fundado em 2 de dezembro de 1837